



JOÃO MARCOS COELHO ELYARK

**OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE O FUTEBOL FEMININO
PROJETADOS NA IMPRENSA BRASILEIRA:
Um estudo do site ESPN**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:
TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA**

SÃO JOÃO DEL-REI

2018

DELAC – Departamento de Letras, Artes e Cultura

Programa de Pós-graduação em Letras – Teoria Literária e Crítica da Cultura

Programa de Mestrado em Letras

JOÃO MARCOS COELHO ELYARK

OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS SOBRE O FUTEBOL FEMININO

PROJETADOS NA IMPRENSA BRASILEIRA:

Um estudo do site ESPN

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientador: Ivan Vasconcelos Figueiredo

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS:

TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA DA CULTURA

SÃO JOÃO DEL-REI

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e a minha família, que foram o suporte essencial para que este sonho se realizasse.

A meus pais, Nazir e Elaine, meu irmão André, meus avós Celi, Isabel e Juquinha. E a meus tios, tias, primos e primas, em especial ao meu primo Lucas que dividiu comigo momentos importantes desta caminhada durante um ano que moramos juntos.

A minha namorada Nayana, pelo companheirismo, cumplicidade e pelos momentos compartilhados ao longo desta caminhada.

Agradeço aos meus amigos de infância, sem exceção, em especial a turma do *Chambles* (“*we are the chambles, my friends*”) e aos amigos de São João e Entre Rios como um todo. Também a turma do futebol, das peladas e campeonatos, em especial ao time do Grilo F.C., meu momento de fuga do mundo, diversão e lazer.

Aos companheiros de classe do mestrado, sem exceção, todos foram importantes nesse processo: Bruna, Carol, Carlos, Clauton, Léo, Lucyan, Renata e Társila. Todos merecedores, parceiros, amigos que guardarei para sempre.

A todos meus professores, desde o primário até o segundo grau, desde a graduação até a pós-graduação, todos foram essenciais na minha caminhada para chegar até aqui. Em especial agradeço ao professor Paulo Caetano, que abriu um espaço em sua disciplina e me acolheu como estagiário e que desde a graduação foi grande incentivador. E principalmente ao professor, orientador e companheiro Ivan Vasconcelos, que desde o início, ainda em 2013 quando iniciamos um projeto de iniciação científica, me incentivou a seguir a carreira acadêmica e mostrou que sou capaz de superar meus próprios limites sempre. Que foi conselheiro e amigo durante esta etapa, e que me deu total confiança e liberdade resumidas na concretização deste trabalho.

Agradeço a UFSJ por todas as oportunidades proporcionadas desde meu ingresso na graduação. Em especial ao curso de Comunicação Social e ao Programa de Mestrado em Letras (PROMEL). Não poderia deixar de citar o secretário da PROMEL, Michel, que sempre foi muito solícito e disposto a ajudar quando precisei, diversas vezes.

Agradeço também à CAPES por possibilitar a viabilização deste estudo através do auxílio financeiro, essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

*“Há dias que eu não sei o que me passa,
eu abro o meu Neruda e apago o sol,
misturo poesia com cachaça
e acabo discutindo futebol”*

Vinícius de Moraes

RESUMO

A dissertação realiza uma análise dos imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino projetados nos dizeres atribuídos às fontes nas matérias sobre o tema no *site* ESPN, entre janeiro e junho de 2017. O estudo tem como aporte a Teoria Semiolinguística Charaudeana (2005; 2006; 2007; 2009; 2010), para caracterização da situação de comunicação, assim como para a identificação nas marcas linguístico-discursivas dos "saberes de conhecimento" e dos "saberes de crença" presentes nas matérias. Tais saberes estão relacionados às estratégias que nos permitirão identificar a reconstrução de diferentes imaginários sociodiscursivos projetados sobre o futebol feminino. Buscamos assim avaliar qual é a representação linguageira do futebol feminino que prevalece no referido veículo noticioso da imprensa esportiva brasileira. Pela centralidade exercida pela imprensa na vida cotidiana, ao adentrar o jornalismo tais representações sobre o futebol feminino tendem a ser amplificadas e adquirem estatuto de veracidade, interferindo na prática esportiva e também no condicionamento social da modalidade.

Palavras-chave: futebol feminino; imprensa esportiva; imaginários sociodiscursivos; teoria semiolinguística.

ABSTRACT

The thesis analyzes the sociodiscursive imaginaries regarding women's football attributed to sources and materials found on the ESPN site between January and June 2017. The study is a contribution to the theory of Semiolinguistics Charaudeana (2005; 2006; 2007; 2009; 2010), to characterize the situation of communication, as well as to identify the linguistic-discursive marks of "knowledge" and "belief" present in the field. Differentiating between both "knowledge" and "belief" is related to the strategies that will allow us to identify the reconstruction of different socio-discursive ideas projected onto women's football. We, in turn, sought to assess the linguistic representation of women's football that is prevalent in the news media mentioned above, the Brazilian sports press. The significance exercised by the media in everyday life, and how journalism represents women's football tends to be amplified and acquires accurate status, interfering in sports and also in the social conditioning of the sport.

Keywords: women's football; sports press; sociodiscursive imaginaries; semiolinguistic theory.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Saberes utilizados como estratégias para sustentação dos imaginários emergidos nos dizeres atribuídos as fontes mulheres.....	104
Gráfico 2. Saberes utilizados como estratégias para sustentação dos imaginários emergidos nos dizeres atribuídos as fontes homens.....	105
Gráfico 3. Modos de Organização do discurso no material analisado	106
Gráfico 4. Categorias patêmicas no material analisado.....	107
Gráfico 5. Quem diz os imaginários de desenvolvimento da modalidade nas matérias sobre futebol feminino no <i>site</i> ESPN.....	109
Gráfico 6. Quais saberes sustentam desenvolvimento da modalidade nas matérias sobre futebol feminino no <i>site</i> ESPN.....	110
Gráfico 7. Quem diz os imaginários de inclusão pelo esporte e preconceito no futebol.....	113
Gráfico 8. Saberes que sustentam os imaginários inclusão pelo esporte e preconceito no futebol.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Análise da dimensão situacional da TS nas matérias do <i>site</i> ESPN sobre o futebol feminino.....	72
Tabela 2. As fontes que falam nas matérias do <i>site</i> ESPN sobre futebol feminino de acordo com a classificação de Schmitz (2010).....	75
Tabela 3. Imaginários de necessidade de mudanças.....	108
Tabela 4. Os imaginários de inclusão pelo esporte e preconceito no futebol.....	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E IMPRENSA.....	13
1.1 Considerações Iniciais	13
1.2 Imaginários sociodiscursivos	13
1.2.1 A teoria semiolinguística.....	13
1.2.2 Os imaginários sociodiscursivos	15
1.2.3 Os saberes: crença e conhecimento	21
1.2.4 Para uma análise dos imaginários	25
1.3 O papel da imprensa na construção de imaginários.....	28
1.3.1 A imprensa e a sociedade: uma relação construída no e por meio do discurso	29
1.3.2 As fontes na imprensa	38
1.4 Considerações Finais	42
CAPÍTULO II - FUTEBOL FEMININO NO BRASIL.....	44
2.1 Considerações Iniciais	44
2.2 A construção sociodiscursiva da mulher e do futebol feminino	44
2.2.1 Imaginários construídos desde a infância.....	44
2.2.2 Futebol feminino no Brasil: alguns apontamentos.....	50
2.3 Imprensa esportiva brasileira e futebol feminino.....	56
2.3.1 Breve panorama sobre a imprensa esportiva brasileira.....	57
2.3.2 Futebol feminino e violência simbólica no discurso social e midiático.....	61
2.4 Considerações Finais	67
CAPÍTULO III - ANÁLISE	69
3.1 Considerações iniciais.....	69
3.3 Dimensões Textual e Discursiva.....	79
3.3 Considerações finais	103
3.3.1 O que precede os imaginários	106
3.3.2 O desenvolvimento da modalidade	108
3.3.3 A inclusão e o preconceito	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116

INTRODUÇÃO

Desde a primeira metade do século XX, quando o futebol feminino deu os primeiros passos no Brasil, as praticantes enfrentam dificuldades. Em 1941, um decreto do Governo proibiu as mulheres de jogarem futebol e deixou a modalidade na clandestinidade. O futebol feminino só voltou à legalidade no Brasil na década de 1980, quando surgiram as primeiras equipes e os primeiros torneios oficiais, porém até hoje a profissionalização não ocorreu. A desigualdade nas relações de gênero tende a se refletir também no desenvolvimento do futebol, ecoando saberes simplificados, tais como “futebol não é coisa para mulher”.

Nesse contexto, busca-se debater como a imprensa esportiva, a partir das fontes jornalísticas que compõem o texto noticioso, auxilia na (re) construção de imaginários sociodiscursivos em torno do futebol feminino.

Diante disso, a presente pesquisa pretende analisar os imaginários sociodiscursivos veiculados na imprensa brasileira sobre o futebol feminino a partir dos dizeres evocados por fontes jornalísticas em notícias sobre o tema, buscando investigar como esses imaginários estão alicerçados em fatores socio-históricos, políticos e culturais e o que eles representam.

Nosso objetivo principal é analisar os imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino, projetados por fontes jornalísticas presentes nas notícias acerca do tema veiculadas na imprensa especializada brasileira. Já nossos objetivos secundários são três: mapear e descrever a gênese dos saberes de crença e conhecimento que alicerçam os dizeres sobre futebol feminino presentes nos discursos evocados nos *sites* Record e ESPN; descrever e investigar os processos socio-históricos e discursivos que contribuíram para formação dos discursos sobre o futebol feminino no Brasil, debatendo as possíveis relações da mídia nesse contexto; discutir como os discursos sobre o futebol feminino influenciam na visão social da modalidade no Brasil. Em princípio, procura-se analisar quem são as fontes que falam nas matérias relacionadas ao futebol feminino, qual o espaço concedido a elas, de onde falam e como são apresentadas. Do mesmo modo, descrever e investigar os processos socio-históricos e discursivos que contribuíram para formação dos discursos sobre o futebol feminino no Brasil, debatendo as possíveis relações da imprensa nesse contexto.

O *corpus* de análise é constituído por 12 notícias de um meio de comunicação especializado e representativo no segmento do jornalismo esportivo brasileiro: o portal de notícias online ESPN. O período de coleta de materiais para a presente pesquisa foi de seis meses, entre janeiro e junho de 2017. Selecionamos o *site* de acordo com a representatividade e a importância que o veículo tem no país. O ESPN (www.espn.com.br) é um portal brasileiro

de notícias esportivas, e que surgiu a partir de um de canal de televisão por assinatura de mesmo nome, fundado em 1995 no país.

Dentre as questões que orientam a problemática da pesquisa, estão: Quais são os discursos que perpassam e são (re) construídos pela imprensa esportiva especializada sobre o futebol feminino? Como e por que a imprensa constrói imaginários sociodiscursivos sobre o tema?

Como premissa, parte-se da ideia que o sistema social condiciona e é condicionado por normas, padrões e papéis sociais, dentre outros aspectos. Sendo assim, a mulher, desde jovem, exerce as suas margens de manobra individuais inseridas em e a partir de jogos de poder que visam o condicionamento a determinados padrões de comportamento, os quais podem estar baseados em imaginários sociodiscursivos sobre o que é ser mulher na sociedade. Nessa dinâmica, a imprensa atua na reverberação de saberes e imaginários sobre o mundo, podendo influenciar na circulação de discursos como os relacionados ao futebol feminino, na medida em que estabelece uma relação de fazer-saber para com o público, construindo e impondo mundos de acordo com a natureza de seus interesses.

Como primeira hipótese (H1), aventamos que, de modo geral, no decorrer do tempo, a edificação de saberes simplificados e parcialmente estáveis sobre a mulher no esporte foi atravessada por debates de cunho sexual, que associavam, por exemplo, a condição física da mulher como incapaz de praticar esportes em alto rendimento. Esses imaginários, ao serem reverberados pelos meios de comunicação em larga escala, adquirem efeito de veracidade, podendo ser naturalizados enquanto saberes válidos pelos sujeitos sociais.

Em uma leitura preliminar do *corpus*, identificamos que, em geral, a imprensa esportiva brasileira ajuda a propagar e reforçar imaginários sociodiscursivos sobre o masculino e o feminino no esporte: enquanto apresentam homens com corpos fortes e atléticos, as mulheres são colocadas como frágeis. Ademais, o noticiário esportivo não veicula, com frequência, informações sobre o futebol feminino e, quando ocorre, tende a associar a questões de sexualidade e beleza, ou seja, o foco maior procura ser na objetificação da mulher e não propriamente na prática esportiva.

Como segunda hipótese (H2), inferimos que, mesmo que no futebol feminino as mulheres sejam as personagens principais, nem sempre elas possuem protagonismo na cobertura realizada pela ESPN. Como reflexo desse tratamento da imprensa sobre as fontes selecionadas para poder dizer, pontuamos que o futebol feminino representado pela ESPN apresenta indícios sobre as dificuldades para se consolidar enquanto modalidade esportiva.

Diante dessa perspectiva, pretendemos discutir tal processo de reverberação da forma de tratamento social para com as mulheres, a qual tende a se reproduzir na modalidade esportiva e também na notícia veiculada pela ESPN.

Ao pretendermos aproximar essas discussões com a projeção de imaginários sociodiscursivos, o presente estudo visa ocupar um espaço de pesquisa em torno do tema, questionando a (re) construção de sentidos sobre o futebol feminino. Ao mesmo tempo em que aborda uma temática ainda pouco estudada na academia¹, procuramos trazer outro olhar acerca do tema, buscando compreender os processos pelos quais a imprensa projeta sentidos sobre o futebol feminino e como isso está ligado ao seu desenvolvimento socio-histórico no Brasil.

No primeiro capítulo, trabalhamos com os conceitos principais de nossa pesquisa. Inicialmente, discutimos a relação da sociedade com os imaginários sociais a partir de Castoriadis (1982; 1987) e como ocorrem as materializações desse processo enquanto imaginários sociodiscursivos com base em Charaudeau (2007) e Steinberger (2005).

A fim de subsidiar a análise dos imaginários sociodiscursivos, nos balizamos na Teoria Semiolinguística Charaudeana (2005; 2006; 2007; 2009; 2010), em especial, nas dimensões situacional, textual e discursiva, onde se encontram os imaginários sociodiscursivos. A partir disso, adentramos especificamente na dinâmica da formação dos imaginários sociodiscursivos a partir das gêneses de saberes de conhecimento e crença, sobre os quais se arregimentam tais saberes simplificados e parcialmente estáveis.

Discutimos ainda a relação da imprensa com a sociedade e, em paralelo, as responsabilidades que implicam nas escolhas das fontes. Procuramos desse modo, tecer redes entre as estratégias utilizadas no discurso projetado pela imprensa para a (re) construção de imaginários sociodiscursivos.

No segundo capítulo, discorremos sobre a relação da mulher com a sociedade brasileira, em especial, no contexto do futebol feminino. Para isso, debatemos sobre a construção social em torno dos gêneros a partir de Butler (2012). Buscamos, com isso, perceber como as relações sociais tecidas influenciam nas escolhas dos sujeitos por meio da

¹ Foi feita uma pesquisa na biblioteca de teses de algumas das principais instituições da área da AD: Universidade Nacional Brasília; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade de São Paulo; Universidade de Campinas; Universidade Lisboa; Universidade do Porto. Diante dessa busca, notamos que a temática do futebol feminino, no campo da Análise do Discurso, não é abordada de forma preponderante. De acordo com Salvini, Ferreira e Marchi Júnior (2014), a primeira dissertação sobre o tema ocorreu em 1997. Porém, até 2014 havia pouco mais de 10 pesquisas sobre questões relacionadas ao universo do futebol feminino. Os estudos, em sua maior parte, são na área das ciências sociais e do corpo. Tais pesquisas propõem analisar questões como o surgimento da modalidade no Brasil ou as condições sociais, físicas e biológicas das atletas.

normatização de gêneros, o que acaba tendendo afastar as mulheres de esportes como o futebol.

Ainda no segundo capítulo, traçamos um histórico das relações entre futebol e imprensa na sociedade brasileira. Por fim, abordamos a inserção do futebol feminino na imprensa e a violência simbólica, a partir de Bourdieu e Passeron (2014) e Zizek (2014), em volta do discurso propagado nela e por ela.

Já o terceiro e último capítulo é destinado à análise dos imaginários sociodiscursivos projetados pelas notícias veiculadas sobre futebol feminino no *site* ESPN. A partir da análise, esperamos ter percebido como a ESPN, a partir da seleção dos dizeres imputados as fontes nas matérias sobre o tema, constrói imaginários sobre o universo do futebol feminino. Do mesmo modo, qual a estratégia de saberes utilizados para a arregimentação desses imaginários, e como tais imaginários estão relacionados a fatores sócio históricos ao mesmo tempo em que, ao serem reverberados pela imprensa, tendem a interferir na consolidação social da modalidade.

CAPÍTULO I - IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS E IMPRENSA

1.1 Considerações Iniciais

Neste capítulo, procuramos articular os conceitos de imaginários sociodiscursivos da Teoria Semiolingüística (TS) de Charaudeau (2007) e de imaginários sociais em Castoriadis (1982; 1987), a fim de discutir como tais imaginários são operados na e pela imprensa a partir de Steinberger (2005).

Como suporte para a análise dos imaginários sociodiscursivos, consideramos a TS charaudeana (2005; 2006; 2007; 2009; 2010; 2017) nas dimensões situacional, textual e discursiva, onde se encontram os imaginários sociodiscursivos. Para subsidiar as análises dos imaginários sociodiscursivos, discorreremos, especificamente, sobre a formulação das gêneses de saberes de conhecimento e crença, alicerces de tais saberes simplificados. Discutimos ainda a relação da imprensa com a sociedade e, em paralelo, as responsabilidades que implicam nas escolhas das fontes.

Em nosso entendimento, a imprensa atua na (re) construção de discursos e imaginários sociodiscursivos e, logo, está envolta em jogos de poder. Portanto, saber quem ocupa os espaços de fala na imprensa, ou seja, quem, como, onde e por que diz, é essencial para discutirmos sua relação com a sociedade. Desse mesmo modo, o papel da imprensa na (re) construção de imaginários sociodiscursivos está diretamente ligado ao poder simbólico que ela exerce na sociedade, por meio do qual atua com diferentes esferas sociais.

1.2 Imaginários sociodiscursivos

1.2.1 A teoria semiolingüística

A nosso ver, a Teoria Semiolingüística (TS) de Charaudeau (2005; 2006; 2007; 2009; 2010; 2017) busca, conceitualmente, reinserir o sujeito no centro do ato da linguagem, distanciando-se de correntes teóricas anteriores do campo da análise do discurso (AD), inaugurado pelos estudos de Michel Pêcheux (2010), e que consideravam o sujeito assujeitado pela ideologia, ou seja, com a ilusão de que é fonte criadora do discurso quando na verdade este seria determinado pelo ambiente social, culminando num apagamento do próprio sujeito. Em contraposição, a Semiolingüística passa a considerar que o sujeito não é totalmente condicionado pela língua ou pela esfera social, reconhecendo a existência de determinada

margem de manobra na operação linguístico-discursiva no âmbito individual da produção de sentidos, esta considerada enquanto ato de seleção, julgamento e escolha.

Para Charaudeau (2009), a compreensão de mundo ocorre a partir de um duplo processo de transformação (ao nomear, classificar e codificar os fatos de mundo como signos) e de transação (relacionado ao objetivo da informação: para quem informar, porque, quais hipóteses e efeitos pretendidos), onde o segundo comanda o primeiro. Isso interfere na construção de discursos, que como percebemos está diretamente relacionado aos papéis sociais que os sujeitos ocupam no ato de linguagem.

A TS charaudeana trata o discurso sob uma ótica multidisciplinar, unindo os diversos domínios da linguagem a questionamentos sobre a mesma, tanto de ordem interna (construção do sentido e do texto) quanto externa (influência social). O pesquisador, então, denomina de “semi-linguística” o processo de construção de sentidos que acontece por meio da linguagem diante da relação forma-sentido, ocasionada por um sujeito que pretende agir, a partir de seus objetivos, a fim de influenciar o outro. O propósito é notar de que modo o discurso é organizado e regularizado em um campo discursivo específico, tal qual o universo do futebol feminino relatado pela imprensa. Identificamos ainda que tomamos a noção de discurso, a partir desta corrente teórica, de acordo com Charaudeau e Maingueneau (2016) que, ao opor língua e discurso sugere que, enquanto a língua é um conjunto de valores partilhados socialmente, o discurso é relacionado à utilização da língua em um contexto específico.

Na semi-linguística o ato languageiro é ordenado, ao mesmo tempo, em um espaço de restrições e estratégias, produzindo significados a partir desta correlação entre os espaços de observação (externo) e de explicação (interno). Charaudeau (2009, p. 44) afirma que “todo ato de linguagem é uma aposta que fazemos”. Desse modo, toda vez que um sujeito se dirige a outro, dentro de um determinado contexto, estabelecem entre si um contrato de comunicação. Esse contrato opera como um jogo de intencionalidades e expectativas em relação ao projeto de fala do locutor e depende, entre outras coisas, das posições ocupadas pelos sujeitos na situação de comunicação e de sua intencionalidade. O modo de funcionamento do contrato de comunicação não é estático, pois os sujeitos podem variar entre as posições do contrato a cada turno de fala, saindo e rompendo, por exemplo, com o papel pré-determinado pelo enunciador invertendo as posições dos sujeitos no contrato a todo instante.

Em síntese, qualquer situação comunicativa implica, entre outras coisas, o contexto em que foi proferida e o conhecimento prévio compartilhado entre os sujeitos. Lembrando que sentidos são formados no ato de interpretação e não possuem estabilidade definitiva no tempo/espaço, variando a cada turno de fala. O que assegura a perenidade do sentido na

memória social é a recorrência de uso e sua força para ser percebido como naturalizado pelos sujeitos.

Na perspectiva Charaudeana (2009), a análise do discurso se estrutura em três dimensões: situacional, textual e discursiva. Na dimensão situacional encontramos os sujeitos do discurso, o gênero, o estatuto (factual e/ou ficcional) e os efeitos pretendidos (factual e/ou ficcional). Notamos aqui os jogos de expectativas e o contexto em que as matérias surgem. Na dimensão textual, observamos e destacamos as marcas textuais (em expressões ou contextos) que podem nos indicar os imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino no material analisado. Já na dimensão discursiva, foco de nossa análise, veremos como o discurso é organizado, qual o *ethos* (imagem do locutor no ato do discurso) e o *pathos* (emoções projetadas no discurso) perpassam o material analisado, além dos imaginários sociodiscursivos e sua sustentação em saberes de conhecimento e crença.

Diante da complexidade da TS charaudeana, elencamos, para esta pesquisa, a categoria de imaginários sociodiscursivos como central para nossa análise, uma vez que nosso foco é avaliar os traços observáveis e materializados de discursos acerca dos acontecimentos do mundo (futebol feminino) a partir das projeções de um veículo noticioso segmentado (ESPN). O mundo se organiza através do discurso que é observável pelos imaginários sociodiscursivos, os quais tem um conjunto de regras de funcionamento de acordo com a TS, e que aprofundaremos mais adiante.

1.2.2 Os imaginários sociodiscursivos

Em nosso trabalho, procuramos dialogar com o conceito de imaginários sociodiscursivos proposto pela TS charaudeana (2006; 2007; 2017) com as teorias das representações sociais de Moscovici (2007) e dos imaginários sociais de Castoriadis (1982; 1999). Retomamos, desse modo, parcialmente, o percurso de Charaudeau (2006; 2017) para construção conceitual dos imaginários sociodiscursivos e a perspectiva da gênese dos saberes de conhecimento e crença, a qual, como veremos adiante, arregimenta esses imaginários sociodiscursivos.

Em nosso entendimento, o real, as esferas sociais e os acontecimentos do mundo só podem existir se, de alguma forma, forem representados linguisticamente. Nas palavras de Castoriadis (1982), os costumes, modos e tradições só sobrevivem ao longo do tempo porque são possíveis de serem representados. Surge, portanto, uma questão com a qual o homem defronta-se a todo instante: como representar o mundo social? Castoriadis (1982) sugere que

só existe o que é representado e, segundo Charaudeau (2007), tal representação se dá essencialmente através da linguagem. A partir disso, sugerimos que ambas as posturas são complementares, pois só tem existência social o que é representado através da linguagem e é isso que nos interessa neste trabalho.

O estudo das representações sociais no campo sociológico foi estruturado por Moscovici (2007), a partir de desdobramentos de outras teorias como a das representações coletivas de Durkheim (1963), pertencente ao campo da psicologia social. Nessa corrente de pensamento, admite-se que é a partir do real que se cria uma representação, a qual, enquanto entidade mental, ideias simples ou complexas, faz o elo entre as palavras e as coisas.

Em princípio, Moscovici (2007) buscava adequar as ideias de Durkheim (1963) ao contexto moderno, ou seja, descrever e identificar categorias coletivas do mundo. No entanto, na sociedade contemporânea, plural e inconstante, não temos mais representações coletivas e a própria ciência tornou-se fonte de outras representações.

Para sintetizar: se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar - um modo que aia tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo” (MOSCOVICI, 2007, p. 49).

Por isso, compreende-se a representação² como um fenômeno dinâmico e instável, sujeito a regulações e sanções sociais. De modo geral, a teoria das representações sociais objetiva detectar como as relações entre sujeitos de determinados grupos constroem representações de si mesmo e dos outros, da mesma forma, como tais representações estão fundamentadas no imaginário dos sujeitos destes grupos.

As representações sociais são essencialmente históricas, uma vez que estão relacionadas à formação do indivíduo desde a infância, por exemplo, no momento em que aprende a linguagem e assim nomear o mundo. Logo, tais representações de mundo estão ligadas ao ambiente em que o indivíduo cresce e, na medida em que se torna adulto, fortalece seus laços com os diversos grupos sociais que pertence (MOSCOVICI, 2007).

² Na perspectiva de Foucault (2012, p. 19), a representação possibilita o conhecimento de mundo, haja vista que existe um “ideal em relação ao que é representado, mas perfeitamente real, porquanto é a partir dele que se torna possível a representação”. O autor (2012, p. 20) argumenta que “o que funda a representação e a caracteriza é afastar de seu objeto de origem e constituir-se num novo – a representação clássica é a representação da representação”. Nessa perspectiva, a partir da idade clássica, a linguagem transfigurou-se em sistema de signos destinados à representação.

A teoria das representações sociais de Moscovici (2007) abriu espaço para o desenvolvimento de outras teorias, dentre elas, os imaginários sociais³ de Castoriadis (1982; 199) e os imaginários sociodiscursivos de Charaudeau (2006; 2007; 2017).

De acordo com Moscovici (2007, p. 108),

As representações sociais são históricas na sua essência e influenciam o desenvolvimento do indivíduo desde a primeira infância, desde o dia em que a mãe, com todas as suas imagens e conceitos, começa a ficar preocupada com o seu bebê. Estas imagens e conceitos são derivadas dos seus próprios dias de escola, de programas de rádio, de conversas com outras mães e com o pai e de experiências pessoais e elas determinam seu relacionamento com a criança, o significado que ela dará para os seus choros, seu comportamento e como ela organizará a atmosfera na qual ela crescerá. (MOSCOVICI, 2007, p. 108)

Moscovici (2007), no entanto, não leva em conta que a verdadeira realidade é impossível de ser observada em sua totalidade. Para Castoriadis (1982, p. 378), “é na e pela instituição da sociedade que existem indivíduos, coisas e mundos” e, assim, “cada sociedade é esta instituição aqui, fazendo ser este magma particular de significações imaginárias sociais e não outro, desta maneira e não de outra”. Os imaginários sociais não são a realidade em si, mas apenas efeitos de verdade, provisórios que se adéquam às transformações sociais tal qual um magma. Portanto, por meio da linguagem é que as diferentes sociedades criam incessantemente sua realidade, determinando condições de existência sem as quais a própria sociedade não seria possível. Por seu turno, Charaudeau (2006; 2017) afirma que o real só pode ser observado a partir de sua materialização languageira, ou seja, a realidade não pode ser observada diretamente senão através da linguagem.

Diante do exposto, subentendemos que é na e pela linguagem que toda sociedade cria suas realidades através de significações relativamente perenes que ajudam o sujeito a se posicionar no mundo. É o que Castoriadis (1982, p. 173) chama de significações imaginárias sociais, as quais seriam “as articulações últimas que a sociedade em questão impôs ao mundo, a si mesma e as suas necessidades”. As significações imaginárias englobam toda criação da sociedade, instituída de forma arbitrária por meio de um simbolismo. A partir daí, o sujeito, que se encontra no meio entre o individual e o social, se impõe no mundo diante de um dado sistema de significações. Nessa perspectiva, não podemos conceber a própria história humana fora desse imaginário criador. Para Castoriadis (1982, p. 13), o imaginário é “criação

³ “Imaginário: criação imotivada que só é no e pelo estabelecimento de imagens. Social: inconcebível como obra ou produto de um indivíduo ou de uma multidão de indivíduos (o indivíduo é instituição social), inderivável a partir da psique como tal e em si mesma” (CASTORIADIS, 1982, p. 287).

incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar de alguma coisa”, através dele institui-se o real (realidade) e o racional (racionalidade).

Em sua teoria dos imaginários sociais, Castoriadis (1982) parte de uma visão econômico-funcional, questionando a função das instituições na vida social, sem as quais não se poderia conceber a própria sociedade. Segundo Castoriadis (1982, p. 159), “as instituições encontraram suas fontes no imaginário social. Este imaginário deve entrecruzar-se com o simbólico, do contrário a sociedade não teria podido “reunir-se”, e com o econômico - funcional, do contrário ela não teria podido sobreviver”. Dito de outra forma, a existência dessas instituições e da própria sociedade seria impossível sem o imaginário social.

Por conseguinte, o mundo social está diretamente ligado ao simbólico e vice-versa. Para Castoriadis (1982, p. 154) “o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para exprimir-se, o que é óbvio, mas para existir, para passar do virtual para qualquer coisa a mais”. O simbólico contém em si um componente imaginário e este imaginário só existe em sua relação com o real. Por exemplo, um acontecimento verdadeiro só torna-se comovente devido o imaginário de comoção. Por isso, Castoriadis (1982, p. 192) afirma que “não podemos compreender uma sociedade sem um fator unificante, que fornece um conteúdo significado e o entrelace com as estruturas simbólicas”. Tal fator não é o real, nem o racional e nem o simbólico, mas o imaginário.

Nesse sentido, o imaginário social, para Castoriadis (1982), está relacionado às condições inerentes à existência da própria sociedade, uma vez que toda criação social é uma significação imaginária por meio da qual uma sociedade se constitui como tal. Como afirma Castoriadis (1982, p. 192), não podemos conceber a sociedade fora do imaginário social, ou seja, as próprias “relações entre indivíduos e grupos, comportamento, motivações, não são somente incompreensíveis para nós, são impossíveis em si mesmo fora deste imaginário”. Portanto, é o imaginário social que institui a realidade sócio histórica, ou seja, a sociedade, a história e o próprio discurso.

O caminho adotado por Castoriadis (1982) para explicar o funcionamento dos imaginários sociais é baseado em duas dimensões da vida social: o *legein* e o *teukhein*. O *legein* é dimensão conjuntista-conjuntizante do representar/dizer social, ligado à representação do mundo social seja por meio de imagens ou palavras a partir das quais se institui a realidade social. Por sua vez, o *teukhein* é a dimensão conjuntista-conjuntizante do fazer social, a própria realidade social instituída. Para o autor (1982, p. 289), “o imaginário social existe como fazer-representar social-histórico; como tal ele institui e deve instituir as

condições instrumentais de sua existência social-histórica, que são o fazer/representar como identitários ou conjuntistas, a saber o *teukhein* e *legein*". Em suma, são as dimensões identitária e significativa do fazer social. O *legein* é a construção enquanto o *teukhein* é o instrumento construído. O *legein* é o que possibilita o *teukhein*, ambos se complementam em uma relação circular.

Nessa perspectiva, a realidade só existe no momento em que é instituída socialmente e o próprio indivíduo é fruto dessa instituição social. O sujeito é a ponte e o local de emergência das representações languageiras, que funcionam como um fluxo constante por meio do qual existe a realidade sócio histórica. Nesse mundo, o indivíduo é um constante fluxo representativo, uma vez que:

não há pensamento sem representação; pensar é sempre também colocar em movimento, em certas direções e segundo certas regras (não necessariamente controladas, nem umas nem outras), representações: figuras, esquemas, imagens de palavras – e isso não é nem acidental, nem condição exterior, nem apoio, mas o próprio elemento do pensamento (CASTORIADIS, 1982, p. 373).

Não devemos pensar o mundo social enquanto unidade, mas pelo contrário. De acordo com Castoriadis (p. 217-218), “temos que pensá-lo como um magma, e até como um magma de magmas – pelo que compreendo não o caos, mas o modo de organização de uma unidade não conjuntizável, exemplificado pelo social, pelo imaginário ou pelo inconsciente”. No mundo vivido, os significados não são estanques: estão em constante movimento e sujeitos a transformações e regulações de diversos tipos como sociais, grupais ou pessoais. É por isso que Castoriadis (1982, p. 399) reitera que “as significações não são um conjunto; seu modo de ser é outro, é o de um magma”. A língua é viva, é um magma discursivo que não para de se mexer, se adequar e transformar, no e pelo discurso, a própria sociedade instituída. Os imaginários sociais, ao mesmo tempo em que comportam intrinsecamente as relações sociais, são meios de concatenar diferentes práticas sociais.

Por sua vez, Charaudeau (2006; 2007; 2017) propõe uma revisão do conceito de representações sociais, advindo da psicologia social, a fim de integrar a ideia de imaginário social ao quadro teórico da Análise do Discurso. Para tanto, o autor propõe a noção de imaginários sociodiscursivos, entendido como dimensão tangível e observável do espaço de construção das representações do mundo pensado. Estes imaginários circulam em uma interdiscursividade e dão um testemunho das identidades coletivas e da percepção e dos julgamentos que os grupos fazem dos fatos sociais. Os imaginários sociodiscursivos são um

espaço de construção das representações do mundo pensado. O autor (2017, p. 579) afirma que:

esse imaginário pode ser qualificado de sócio-discursivo na medida em que se cria a hipótese de que o sintoma de um imaginário é a fala. De fato, ele resulta da atividade de representação que constrói os universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz por meio da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma descrição e uma explicação dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos. (CHARAUDEAU, 2017, p. 579).

Segundo Charaudeau (2007), os imaginários sociodiscursivos “servem de suporte desencadeador, ao mesmo tempo, em estado qualitativo e em uma reação comportamental”, pois surgem por meio dos discursos que circulam em determinados grupos sociais como um sistema de valores embasado na memória coletiva e que justifica a ação social. Para o autor (2017, p. 578), “o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais” e esta, por sua vez, “constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significativa”. Em linhas gerais, os imaginários sociodiscursivos podem ser descritos como a percepção de um saber coletivo mais ou menos estável, projetado e afirmado no discurso, e que é materializado de diversas maneiras como nos modos de comportamento e nas ações coletivas.

Os imaginários sociodiscursivos são dimensões observáveis de representações sociais que, segundo Charaudeau (2007), surgem a partir de um movimento duplo de “simbolização” e de “auto representação”, ou seja, “mundo/sujeito” e “sujeito/mundo”. O referido autor identifica as representações como sociodiscursivas no momento em que a simbolização do mundo se apresenta através de um sistema de signos, o que vai levar o sujeito a se manifestar frente aos valores e conhecimentos colocados em jogo num ato de fala. Tal sistema constitui-se em enunciados que circulam em comunidades sociais e, conforme Charaudeau (2007, n.p.), “significam os fatos e os gestos dos seres do mundo”, pois, ao mesmo tempo, testemunham “a maneira como o mundo é percebido por sujeitos que vivem em comunidade, valores que eles atribuem aos fenômenos percebidos, e que são os próprios sujeitos”. Uma vez partilhados nessas comunidades, tais imaginários constituem-se em um saber comum.

De acordo com Charaudeau (2017, p. 587), “o imaginário não é nem verdadeiro nem falso. Ele é uma proposição de visão do mundo que se baseia nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais podem se excluir ou se sobrepor uns aos outros”. Nesse sentido, os imaginários sociodiscursivos circulam em um espaço de interdiscursividade e

atestam as identidades coletivas e os entendimentos dos diversos grupos acerca dos fatos sociais.

Assim, temos que, para Charaudeau (2007; 2017), os imaginários sociodiscursivos estão baseados em sistemas de pensamentos revestidos de diferentes tipos conhecimentos ligados ao *pathos* (emoção), ao *ethos* (imagem do eu) e ao *logos* (razão). Desse modo:

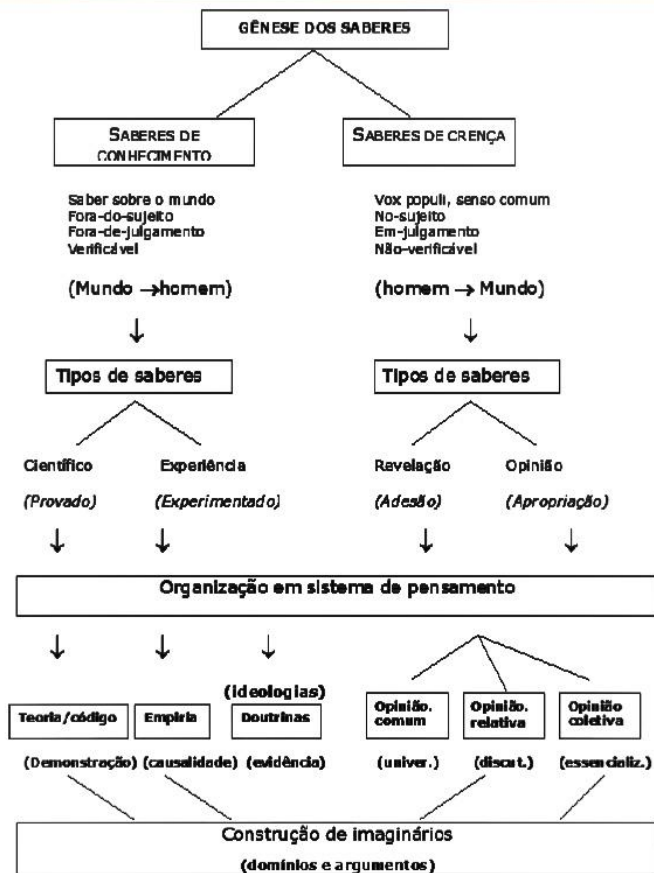
os imaginários são engendrados pelos discursos que circulam nos grupos sociais, se organizando em sistemas de pensamento coerentes, criadores de valores, desempenhando o papel de justificação da ação social e se depositando na memória coletiva. (CHARAUDEAU, 2017, p. 579)

O imaginário só faz sentido dentro do domínio de uma prática social, onde ele vai ser julgado, por exemplo, como bom ou mal. Os imaginários sociodiscursivos são materializados de diferentes maneiras como nos comportamentos e atividades coletivas, seja por meio oral ou textual, por exemplo. Investidos de valores, os símbolos e objetos de mundo ganham conotação específica dos grupos que os aderem. Eles seriam, portanto, o suporte desencadeador de razões e emoções, ou seja, representações de determinadas práticas sociais como o futebol feminino, presentes nos imaginários dos componentes desses grupos e se materializam no discurso. Diante desse debate, como já dito, consideramos os imaginários sociodiscursivos propostos por Charaudeau (2017) como noção central para nossa pesquisa uma vez que pretendemos analisar discursivos na imprensa que tendem a se perenizar, formulando uma determinada visão de mundo.

1.2.3 Os saberes: crença e conhecimento

Na perspectiva charaudeana (2016; 2017), os imaginários sociodiscursivos, enquanto dimensões observáveis dos processos que arregimentam representações sociais têm uma ancoragem em dois tipos de saberes: de crença e conhecimento, conforme indicado na figura 1.

Figura 1. Gênese dos saberes (tradução nossa).



Fonte: Charaudeau (2007, tradução MENDES, 2010 *apud* FIGUEIREDO, 2013).

O quadro acima (figura 1) apresenta a gênese de saberes de conhecimento e crença de acordo com Charaudeau (2007, n.p.), através dos quais se sustentam os imaginários sociodiscursivos. De modo geral, a imprensa trabalha com saberes coletivos parcialmente estáveis que vão atuar sobre os imaginários dos sujeitos. De acordo com Charaudeau (2010, p. 43), os saberes de conhecimento “visam estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo”, são impessoais e externos aos sujeitos, uma vez que se apoiam em procedimentos e dados incontestáveis como científicos ou empíricos, absorvidos como verdade por uma coletividade. Em relação a esses saberes, Charaudeau (2017, p. 581) afirma que o discurso “não é ponto discutível, uma vez que se impõe sobre a verdade objetiva”. Estes saberes de conhecimento se ramificam em dois tipos de saberes, segundo o autor: o saber científico que “constrói explicações sobre o mundo que se aplicam ao conhecimento do mundo tal como ele é e funciona”. Ou seja, os experimentos e teorias que visam explicar os acontecimentos de mundo como o fato que a Terra gira em torno do sol e, assim, temos os dias e as noites. Já o saber de experiência, segundo Charaudeau (2017, p. 582), visa construir “explicações sobre o mundo que se aplicam ao conhecimento do todo, mas sem nenhuma garantia de serem

provadas: não possui procedimentos particulares nem instrumentos”. Tal saber entra no domínio, do vivido, do experimentado, partilhado e aceito socialmente.

Os saberes de conhecimento visam estabelecer verdades sobre o mundo, existentes fora da subjetividade do sujeito, ligada aos fatos aos fenômenos do mundo. Charaudeau (2010) descreve três categorias desse saber: “existencial”, “evenemencial” e “explicativa”.

A existencial se encontra em algum momento ou espaço e pode ser definições técnicas ou factuais, como, por exemplo, manuais de normas técnicas, dicionários ou cartazes e placas indicativas.

A evenemencial narra a ação, as circunstâncias e identificam-se atores, estando relacionada a algo que modifique o estado no mundo. É quando assimilamos mentalmente um acontecimento através da descrição do ocorrido. Por exemplo, no momento em que buscamos reconstituir determinado fato por meio da explicação da ação dos acontecimentos.

Por último, a explicativa ocorre quando, conforme Charaudeau (2010, p. 44-45), “a percepção mental é determinada pela descrição do porque, do como e da finalidade dos acontecimentos, isto é, dos motivos ou intenções que presidiram o surgimento do acontecimento e seus desdobramentos”. Por exemplo, no instante em que buscamos reconstituir determinado fato através da explicação das razões que levaram aquela ação, ou seja, explicar o motivo que levou para que aquele fato ocorresse.

Os saberes de crença, por sua vez, estão ligados aos valores que atribuímos e não ao conhecimento sobre o mundo, logo, são pessoais e internos ao sujeito. De acordo com Charaudeau (2010, p. 45), são resultados “da atividade humana quando esta se aplica a comentar o mundo” através de um olhar próprio sobre este. Nesse sentido, para o autor (2017, p. 582), os saberes de crença estão relacionados às “avaliações, apreciações, julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo, seu pensamento e seu comportamento”. As crenças estão ligadas ao sistema de interpretação dos sujeitos. Logo, constituem-se como normas e práticas sociais, direcionando imaginários de comportamento como o que deve ou não ser feito e a justificativa desses atos, como, por exemplo, se é bom ou ruim. Assim, toda hipótese sobre determinada crença acaba obrigando o interlocutor a avaliar a situação para tomar posição sobre esta.

Desse modo, os saberes de crença podem ser distinguidos em seu interior por dois outros tipos de saberes, de acordo com Charaudeau (2017, p. 583): o saber de revelação e o saber de opinião. Primeiramente, o saber de revelação sugere que existe “um lugar de verdade exterior ao sujeito, mas, diferentemente do saber de conhecimento, essa verdade não pode ser provada nem verificada, isso porque ela exige um movimento de adesão total do sujeito a

ela”. Este saber sustenta-se, portanto, sobre uma evidência que é geralmente discursivizada. São tais saberes que sustentam, por exemplo, as doutrinas e religiões.

Já o saber de opinião, segundo Charaudeau (2017, p. 584-585) surge a partir “de um processo de avaliação do termo sobre o qual o sujeito toma partido e se engaja em um julgamento a respeito dos fatos do mundo”, por meio do qual o sujeito pretende impor sua opinião ao mundo como, por exemplo: “está calor” (saber de experiência); o sujeito apresenta sua posição: “saia de casa de bermuda e chinelo” (saber de opinião).

Aos saberes de opinião, Charaudeau (2017, p. 585-586) relaciona três categorias: a opinião comum; a opinião relativa; e a opinião coletiva. A primeira é de um tipo generalizante: quando se generaliza algo como, por exemplo, em “todo dia quente deve-se usar bermuda”. O segundo tipo (opinião relativa) “se inscreve desde seu surgimento em um espaço de discussão”, ou seja, é sempre uma colocação frente outra opinião, contrária ou a favor da mesma e, portanto, relativa. Por fim, “a opinião coletiva é a que um grupo exprime a respeito de outro grupo”, como, por exemplo, a ideia que os seguidores do Estado Islâmico fazem dos cristãos de uma maneira geral.

São os saberes de crença que sustentam as verdades de mundo dos sujeitos, uma vez que a verdade está diretamente relacionada à crença: para que alguma informação se torne verdadeira, é necessário que o sujeito creia que é. Por isso, Charaudeau (2006, p. 263) afirma que a “verdade da informação encontra-se presa numa armadilha”, visto que o que é verdadeiro para um sujeito pode não ser para outro. Consequentemente, verdade e crença estão diretamente relacionadas. No entanto, ocorre uma tensão, pois a verdade é exterior ao sujeito, mas só pode fazer sentido em seu interior, ou seja, no momento em que ele aceita e insere em seu sistema de crenças.

Diante dessa dinâmica de estruturação dos imaginários em saberes de crença e conhecimento, a imprensa arregimenta ambos os tipos de saberes a fim de criar efeitos de veracidade em seus dizeres e se afirmar diante de seu público. Na medida em que a imprensa exerce poder simbólico sobre a vida social (THOMPSON, 1998), os conteúdos veiculados pelos meios de comunicação são formas de exercício desse poder.

Com relação ao nosso objeto de pesquisa, ao (re) construir conhecimentos e crenças oriundos das esferas sociais, a imprensa tende a agenciar as conversas cotidianas sobre o futebol feminino, bem como fornece bases para a formação de sentidos de identificação, de mundo, coletividade e historicidade. Assim, os imaginários construídos acerca da modalidade tendem a se arraigar como saberes válidos e, desse modo, influenciar nas relações sociais como um todo. Para fins desta pesquisa, utilizaremos as categorias de saberes de

conhecimento e crença como ferramenta analítica de modo a sustentar a análise dos imaginários sociodiscursivos.

1.2.4 Para uma análise dos imaginários

Os imaginários não podem ser considerados como prova material se estiverem descontextualizados. Nessa dinâmica, Charaudeau (2009) sugere um critério para estruturar o ato languageiro em três dimensões diferentes: na “dimensão situacional” se encontram os sujeitos da linguagem que, de acordo com a finalidade do ato de linguagem, utilizam-se de gêneros e estatutos de modo a gerar os efeitos pretendidos. Já na “dimensão discursiva”, foco desta análise, se encontram os modos de organização do discurso, os imaginários sociodiscursivos, assim como o *ethos* e o *pathos*. Por fim, na dimensão dita “comunicacional” ou “textual” é onde buscamos as marcas que nos permitem comprovar tais imaginários, assim como a imagem do próprio sujeito em seu discurso e os vestígios das emoções projetadas no mesmo.

A Teoria Semi linguística (TS) charaudeana trata o ato de linguagem como um encontro dialético entre os sujeitos produtores e interpretantes. Estes são orientados de acordo com as expectativas e instruções situacionais de “quem quer dizer” e “como dizer” criando, assim, a situação de comunicação. A situação de comunicação determina a troca languageira que, de acordo com suas condições de produção, dá legitimidade aos sujeitos falantes, constituindo o “contrato de comunicação” que rege a troca discursiva. Na dimensão situacional da TS encontram-se inseridos os sujeitos do discurso. Charaudeau (2009, p. 59) não considera o discurso como uma simples troca entre dois sujeitos: produtor e receptor da mensagem. O referido autor pensa no ato de linguagem como um encontro dialético entre quatro sujeitos da linguagem (sociais e de fala), que “se encontram por si próprios sobre determinados pelas circunstâncias de fala que os ultrapassam”. Eles atuam como co-enunciadores e tendem a interpretar e reinterpretar esta linguagem dentro de um jogo de expectativas que marca o contrato de comunicação.

Inicialmente, na instância de produção, aparece o sujeito “comunicante” (EUc), que, de acordo com Charaudeau (2009, p. 48), é “um sujeito agente que se institui como locutor e articulador de fala”, sendo o produtor material da fala, iniciador do processo de comunicação em função das condições de discurso. Já no âmbito da esfera discursiva, está posicionado o sujeito “enunciador” (EUe), que, segundo Charaudeau (2009, p.48) é a “imagem de enunciador construída pelo sujeito produtor da fala e representa seu traço de intencionalidade

nesse ato de produção”; é o papel construído e assumido pelo sujeito no discurso. Assim, o EUc está ligado ao contexto geral enquanto o EUE ao contexto específico da situação de comunicação. Não há transparência entre EUE e EUc: o sujeito enunciador é apenas uma representação parcial do sujeito comunicante.

Na instância da recepção, temos, inicialmente, o “destinatário (TUd)”, enquanto sujeito receptor idealizado pelo EU de acordo com as condições de discurso e o contrato de comunicação, e que mantém com este uma relação transparente. Na esfera discursiva, encontramos o “interpretante (TUi)”, o qual, por sua vez, recebe a mensagem do EU e interpreta individualmente. Segundo Charaudeau (2009, p. 46), o “TUi tem por tarefa, e seu ato interpretativo, recuperar a imagem do TUd que o EU apresentou e, ao fazer isso, deve aceitar (identificação) ou recusar (não identificação) o estatuto do TUd fabricado pelo EU”. É independente do EU, pois fará sua própria interpretação. Logo, destinatário do eu (TUd) e o do interpretante (TUi) não coincidem em todos os pontos.

A partir disso, diante da finalidade dos sujeitos, surgem dois circuitos de fala, um interno e outro externo à situação de comunicação. De acordo com Charaudeau (2009, p. 53), no espaço interno, temos os sujeitos de fala ou sujeitos do discurso: EUE e TUd, “oriundos de um saber intimamente ligado às representações languageiras das práticas sociais”. Já no espaço externo encontram-se os sujeitos sociais: EUc e TUi. Nesse espaço externo o “saber ligado ao conhecimento a organização do “real” (psicossocial) que sobredetermina estes sujeitos”. Uma vez que tais sujeitos vão atuar dentro das expectativas do contrato de comunicação, estão condicionados também pelo gênero discursivo, que veremos adiante, pelo estatuto da fala (factual e/ou ficcional) e pelos efeitos pretendidos.

Conforme Charaudeau (2009, p. 77), “os textos apresentam constantes que permitem classifica-los em gêneros textuais”. É o gênero que direciona, de certo modo, o receptor sobre as expectativas do contrato comunicacional, uma vez que submete a algumas restrições as trocas de linguagem entre os sujeitos.

Marcuschi (2008, p. 155) classifica os gêneros enquanto entidades dinâmicas, históricas, sociais, comunicativas, orientadas para fins específicos e ligadas a determinadas comunidades discursivas, relacionadas a domínios discursivos recorrentes, estabilizadas em formato mais ou menos claro. Ou seja, os gêneros são materializados em situações de comunicação que encontramos na vida diária. Um telefonema, uma carta, um horóscopo ou uma receita são alguns gêneros da vida cotidiana. Já Charaudeau (2004) diz que são determinadas reincidências convencionalizadas em um conjunto de textos que permitem

agrupá-los em gêneros. Cada um destes gêneros pode abarcar um modo de organização do discurso dominante ou diferentes modos de organização ao mesmo tempo.

Chegamos, assim, à Dimensão Discursiva da TS, a qual abarca os modos de organização do discurso, onde percebemos como o discurso é organizado, tal como os imaginários que são construídos e quais marcas recorrentes nos permitem identificá-los. Do mesmo modo, encontramos o *ethos*, a imagem de si colocada pelo sujeito no discurso; e o *pathos*, as marcas textuais possíveis de suscitar estados emocionais.

O locutor, consciente da situação de comunicação, ordena o discurso de acordo com as categorias de língua, em função da imagem que tem do seu interlocutor. Segundo Charaudeau (2009, p. 74), diante da finalidade discursiva do ato de comunicação, o sujeito “utiliza categorias de língua ordenados nos modos de organização do discurso, para produzir sentido através da configuração de um texto”. Com isso, o discurso é organizado em quatro modos: o Enunciativo, o Descritivo, o Narrativo e o Argumentativo.

Para Charaudeau (2009, p. 75), o modo enunciativo tem a função particular de situar a posição do locutor, este modo pode intervir na forma de encenação dos outros três modos, por isso se diz que ele comanda os demais. O descritivo, por sua vez, tem a função de “identificar e qualificar seres de maneira objetiva/subjetiva”. Já o narrativo visa construir “a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato”. Por fim, o argumentativo procura “expor e provar casualidades numa visada racionalizante para influenciar o locutor”. Cabe notar que um mesmo discurso pode conter um ou mais modos de organização.

Diante dessa dinâmica de funcionamento, os discursos projetam imaginários sociodiscursivos, compreendidos aqui na concepção de Charaudeau (2017) como representações de mundo relativamente estáveis acumuladas na memória coletiva. Esta noção, como já apresentamos, é central para nossa pesquisa.

Os imaginários sociodiscursivos possibilitam a sustentação dos *ethé*, de acordo Charaudeau (2008). O *ethos*, segundo Amossy (2008), está relacionado à construção da imagem de si pelo orador no ato de enunciação. Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 221) dizem que o *ethos* “mantém relação estreita com a imagem prévia que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a ideia que este faz do modo como os seus alocutários o recebem”. Então, durante um diálogo, o orador tem que tratar de duas imagens: a imagem que ele quer passar de si através do discurso; e aquela imagem que o sujeito já possui anteriormente, que Amossy (2008) define como *ethos* prévio. Em uma situação de

comunicação, o sujeito supõe quais são esses *ethé* que o público tem dele e estrutura seu dizer a fim de reforçá-los ou combatê-los, por exemplo.

O que valida um sentimento é um discurso socialmente codificado. Charaudeau (2007, n.p.) trata o universo das emoções ou a patemização enquanto uma “categoria de efeito” e que, como tal, vai depender das circunstâncias de onde surge. Segundo o referido autor, a análise do discurso pretende “estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser colocada, ou seja, tratar esta como um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido”. Assim, o referido autor apresenta as emoções enquanto estados criados pela mente com base nas crenças pessoais.

Tendo a linguagem verbal como objeto de análise, pode-se obter o efeito patêmico para fins estratégicos por meio do emprego de palavras e expressões. Destarte, não é possível dar conta da manifestação da emoção no sujeito, o que é subjetivo e pessoal. Para efeito de análise, Charaudeau (2007, n.p.) classificou o universo da patemização em alguns “grandes tópicos”, com polos negativos e positivos, a fim de descrevê-lo: “dor” e “alegria”; “angústia” e “esperança”; “antipatia” e “simpatia”; “repulsa” e “atração”. Desse modo, o discurso seria, então, como um potencial desencadeador de diversas emoções. Com isso, tratamos discursivamente da patemização, enquanto categoria de efeito que se opõe a outros efeitos como pragmático e cognitivo.

Até o momento, debatemos o conceito de imaginários sociodiscursivos dentro da TS procurando retomar, de certo modo, o percurso realizado por Charaudeau (2007, 2017) em sua teorização para tratar da representação na linguagem a partir dos estudos de Castoriadis (1982; 1999) e Moscovici (2007). Como vimos, diferentes estratégias podem ser utilizadas para sustentar esses imaginários a partir dos saberes de conhecimento e crença. No entanto, tais saberes não estão soltos no mundo e devem ser contextualizados. Para observarmos isso, recorreremos às dimensões situacional, textual e discursiva da situação comunicativa na TS, procurando assim apontar os primeiros passos para nossa análise. Utilizando-se do arcabouço teórico Charaudeano nos propomos a investigar todos os aspectos discutidos até o momento a fim de avaliar os imaginários sociodiscursivos acerca do futebol feminino veiculados nas matérias sobre o tema no *site* ESPN e responder a pergunta: afinal, qual a representação da modalidade através da linguagem na imprensa brasileira?

1.3 O papel da imprensa na construção de imaginários

No tópico anterior, abordamos como está estruturada a dinâmica de funcionamento das

situações de comunicação a partir da TS Charaudeana. Quando considerado dentro do contrato de comunicação da imprensa, os atos de fala e suas recepções apresentam outras características, tendendo a induzir nos modos de ser e estar no mundo por parte dos sujeitos, tendo em vista que a imprensa ocupa atualmente um papel central na vida cotidiana ao pautar o dia a dia social. As antigas lutas por territórios geográficos dão espaço na contemporaneidade a uma luta simbólica, informacional, travada no solo da imprensa que é a maior difusora de informações no mundo atual.

Nessa ótica, a seguir abordaremos a relação da imprensa com a sociedade, considerando esta apenas mais um elemento para observarmos a vida social. Debateremos também os poderes que a imprensa exerce na sociedade atual e sua relação com os outros campos como o econômico e o social, por exemplo, o que tende a interferir nos imaginários sociodiscursivos veiculados no palco jornalístico. Por fim, discutiremos ainda a relação entre jornalista, fontes jornalísticas e imprensa.

1.3.1 A imprensa e a sociedade: uma relação construída no e por meio do discurso

É por meio da comunicação que toda sociedade cria e recria sua realidade, suas representações e seu mundo. A comunicação está diretamente ligada à criação, transmissão e recepção de formas simbólicas por variados recursos. Muniz Sodré (2002, p. 222) afirma que “a comunicação ocupa hoje uma posição reflexiva sobre a vida social, senão como um objeto claramente discernível, certamente como um nó ou um núcleo objetivável, onde se entrelaçam problematizações diversas”. Em outras palavras, a comunicação é uma atividade inerente à própria vida social, sem a qual esta não poderia ser representada. Logo, o discurso, enquanto um elemento da própria comunicação é, por sua natureza, um meio de simbolizar e representar o mundo.

A comunicação, enquanto processo que estabelece relações entre sujeitos dinâmicos por meio da simbolização do mundo, pauta a vida em sociedade ao mesmo tempo em que é pautada por esta. A própria sociedade só se faz como tal na medida em que os sujeitos comunicam entre si através de um objeto comum: a língua. Portanto, é na e pela linguagem que ocorrem as trocas de signos, diálogos e simboliza-se o mundo a fim de conhecê-lo. Como condição para a própria existência da sociedade, a comunicação sempre esteve presente na vida social. De acordo com Hohlfeldt, Martino e França (2001, p. 39) “a comunicação tem uma existência sensível; é do domínio do real, trata-se de um fato concreto de nosso cotidiano, dotada de uma presença quase exaustiva na sociedade cotidiana”. Sendo assim, está

no dia-a-dia das sociedades muito antes do advento dos meios de comunicação em massa. É uma forma de apreender as práticas sociais, uma maneira de conhecer e interpretar o mundo através da linguagem.

Ao longo do tempo a imprensa se constituiu como meio essencial nessa busca do sujeito em conhecer, nomear e agir no mundo. A relação em sociedade sempre esteve permeada por interesses sobre o outro, sobre o real, sobre o trágico, sobre o lúdico. O modo de reportar a outro, descrevendo, narrando ou contando um fato é sempre um ponto de vista subjetivo de um sujeito social, desde a seleção gramatical à seleção simbólica, é sempre um recorte. O mesmo podemos pensar em relação à atuação da imprensa, uma vez que não há como analisar sua atuação fora de um contexto social. Enquanto processo de intermediação da realidade, ela projeta efeitos de veracidade baseada em saberes que, ao longo do tempo, tendem no jornalismo a ser projetados verdadeiros, procurando induzir a (re) produção e manutenção de determinados saberes e comportamentos na esfera social.

De acordo com Foucault (2012), o discurso é relacionado a um grupo de enunciados que se referem a uma mesma formação discursiva que, por sua vez, é diretamente relacionada aos enunciados que a compõem. Conforme o autor (2012, p. 8-9), a produção do discurso em toda sociedade é, simultaneamente “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. São sentidos parcialmente estáveis agrupados em torno de um mesmo assunto. É no e pelo discurso que os saberes são construídos. Assim, podemos falar de diferentes tipos como discurso político, discurso religioso, discurso masculino, discurso feminino. Foucault (2012, p. 10) afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar”. O discurso é, portanto, uma forma de organizar, explicar, interpretar e reinterpretar o mundo verbalmente a cada enunciado. Por isso, está diretamente relacionado às disputas de poder social.

Sendo assim, um sentido discursivo só pode ser construído pela ação linguageira em uma troca social. É o que Charaudeau (2010, p. 41) denomina de produção de sentidos. Como já vimos, para o referido autor, essa produção de sentidos do mundo ocorre através de “um duplo processo de semiotização: de transformação e de transação”. A transformação ocorre no momento que os sujeitos codificam o mundo através de signos, nomeando, classificando e narrando fatos do mundo. Logo, todo ato de informar deve, ao mesmo tempo, “descrever (identificar-qualificar fatos), contar (reportar acontecimentos), explicar (fornecer as causas desses acontecimentos)”. Por sua vez, o processo de transação está ligado aos objetivos,

hipóteses e efeitos desejados. Ou seja, o que informar, para quem, como e por que. Nesta dinâmica, o segundo processo comanda o primeiro. No entanto, para que o receptor reconheça os sentidos colocados em jogo, é necessário que estes processos atuem sobre os saberes destes sujeitos. Charaudeau (2010, p. 43) considera que o saber resulta de uma concepção humana feita por meio da linguagem. Este saber, por sua vez, não tem natureza e está ligado a escolha da atividade discursiva, vinculado às vivências do indivíduo em sua relação com o mundo e tudo que o perpassa, inclusive o que vê e ouve na imprensa.

Ao longo do tempo a evolução dos meios de comunicação transformaram o modo como os indivíduos constroem seus saberes, comunicam-se entre si e se relacionam com as informações. Aos poucos, estes meios foram reelaborando as relações sociais e o caráter simbólico de nossa vida social através do consumo de informações que, cada vez mais, assume um papel central na vida cotidiana, pois através deles os indivíduos se orientam no mundo. Para Thompson (1998), a imprensa é o meio técnico que tem como característica central a reprodução de formas simbólicas, e desse modo se torna significativamente importante para os indivíduos que a produzem e a recebem.

A imprensa afeta as pessoas individualmente atenuando os sentidos coletivos e acaba interferindo nos modos de ser e estar do sujeito no mundo, ou seja, em sua relação com a sociedade. De acordo com Charaudeau (2010, p. 19), “as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público”, uma vez que “só tornam visível aquele visível que decidiram nos exibir”. É por isso que o referido autor afirma que “as mídias informam deformando”, o que é inerente ao próprio funcionamento do discurso midiático, uma vez que é impossível reportar tudo que se passa na realidade social.

A informação jornalística se vê, assim, em uma contradição: precisa informar o maior número possível de pessoas para manter-se economicamente viva, ao invés de distribuir a informação a pequenos nichos de acordo com os saberes. Segundo Thompson (1998, p. 19), “a produção, o armazenamento e a circulação de informação e conteúdo simbólico têm sido aspectos centrais na vida social”. Como os sujeitos baseiam seu cotidiano na imprensa, ela pode influenciar a vida em sociedade no momento em que seleciona e recorta as informações de acordo com seus interesses que podem ser sociais, econômicos, políticos, entre outros.

Uma das principais características da esfera jornalística é a produção de conteúdo simbólico com reprodução em larga escala e em maior velocidade. De acordo com Thompson (1998, p. 19), podemos dizer que, “de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólico no mundo moderno”. A relação do sujeito com a imprensa está em constante construção: desde a

invenção da escrita, passando pelo rádio, pela televisão e, mais recentemente, o surgimento e a popularização da *internet* resultam num fluxo contínuo dessa transformação.

Margarethe Born Steinberger (2005) busca debater como os discursos midiáticos afetam a produção de sentido social e os imaginários que circulam no mundo. Steinberger (2005, p. 144) considera que “o imaginário noticioso ou o imaginário jornalístico é, ao lado da ciência, da arte e da religião, uma das mais poderosas matrizes de compreensão do mundo pós-moderno”. Para a referida autora (2005, p. 19), “é no próprio espaço da mídia que se estabelece o valor social de uma imagem de mundo como informação e como resposta, isto é, qual valor a sociedade irá consignar a essa imagem de mundo numa situação de troca”. Muito disso acontece “porque a mídia legítima, de um lado, o indicado para responder à pergunta, assim como sua resposta. De outro lado, legítima também a pergunta e o perguntador”. Ou seja, de um modo geral é a imprensa quem tem o controle dos meios de produção de sentido na atualidade.

Na contemporaneidade, a legitimidade das ações de grupos ou classes está cada vez mais ligada ao reconhecimento, o qual, por sua vez, se dá majoritariamente através da imprensa. As disputas – até então travadas no espaço geopolítico como, por exemplo, ocupação de territórios e espaços, a partir do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação – agora se dão no campo da sedimentação de sentidos através da imprensa. Steinberger (2005) sugere, assim, o surgimento de uma nova ordem geopolítica: a “geopolítica da mídia”, onde a informação adquire valor de troca. Para a autora supracitada (2005, p. 122), isto se dá porque a imprensa é “a maior difusora de informação do planeta” e, ao mesmo tempo, “articuladora de significações sociais imaginárias” sobre o mundo. O espaço de luta mudou e agora é simbólico, ou seja, se dá através da informação. A luta pelos espaços continua, mas agora também por territórios não tão óbvios. Ainda segundo a referida autora (2005, p. 112), as “novas formas de imaginar o espaço global na pós-modernidade estão relacionadas a novas categorias: fluxos (*flows*), redes (*networks*), teias (*webs*)”. Temos, portanto, uma “nova geometria de poder” ligada às novas tecnologias informacionais e a seu fluxo incessante. Com isso, um fato não necessita mais ser provado cientificamente para adquirir valor social, uma vez, mas só adquire sentido o que é legitimado pela imprensa.

Em nossa sociedade, a imprensa exerce diferentes poderes e papéis, como ressalta Venício de Lima (2006). Destacamos aqui o que consideramos o principal, que é a centralização da imprensa. De acordo com Lima (2006, p. 55), “a mídia ocupa um papel de centralidade nas sociedades contemporâneas, permeando diferentes processos e esferas da atividade humana, em particular a esfera política”. Essa centralidade da imprensa no Brasil

teve início na década de 1970, período da Ditadura Militar, quando se buscou efetivar um sistema nacional de comunicação. Os governantes da época procuraram consolidar uma imprensa nacional a fim de que esse uso ajudasse na manutenção e apoio ao poder ditatorial. Para o referido autor, grande parte das sociedades atuais é “centrada na mídia, tendo em vista que a construção do conhecimento público que possibilita, a cada um de seus membros, a tomada cotidiana de decisões nas diferentes esferas da atividade humana não seria possível sem ela”. Desse modo, a imprensa continua a exercer esse papel central na vida social contemporânea ao pautar assuntos do dia-a-dia e as conversas do cotidiano.

Diante do exposto, podemos considerar que os veículos da imprensa são essenciais para alimentar os imaginários de mundo uma vez que, de acordo com Steinberger (2005, p. 29), “a notícia não existe sem o imaginário da notícia”. Para a referida autora, a importância do imaginário jornalístico na atualidade se dá uma vez que são as informações publicadas por revistas, jornais, canais de televisão, rádio e mais recentemente pela *internet* a fonte central em que o sujeito contemporâneo baseia a construção de sua opinião.

O conceito de imaginário social que a autora se apoia é oriundo de Castoriadis (1982; 1999), o qual defende que as significações imaginárias sociais são o próprio mundo inteligível e suas representações, e sem as quais este não seria possível. Para Steinberger (2005, p. 22), tal conceito “não só ajuda a compreender representações e projeções que fizemos baseados nesses mundos vividos, mas também permite caracterizar um deslocamento inevitável entre o mundo vivido e o mundo relatado”. De acordo com a referida autora (2005, p. 22), é o imaginário social que permite, ao mesmo tempo, “codificar, categorizar, classificar, formatar o mundo na lógica de conjuntos” e também “rastrear vestígios de sistemas de referências hegemônicos em outras épocas, em outros espaços”, tais como o sistema religioso, científico ou esportivo. Já não se disputam mais espaços e territórios geográficos, a disputa agora é simbólica. Neste novo território emergem diferentes modos de controle e poder social.

A informação jornalística não se esgota em si mesma. Seu fato vai além de seu valor de uso. De acordo com Steinberger (2005, p. 198), a informação jornalística comporta uma dupla face: “como valor de troca na relação com anunciantes e como valor de uso na relação com o público”. Segundo a referida autora, o valor de troca da informação jornalística é afetado, entre outras coisas, pela “volatilidade informacional”. Ou seja, pelas “práticas de deslocamento da notícia em relação ao fato, baseados na exploração sensacionalista de fatos comuns convertidos em meganotícias para aumentar a mais-valia”. Atualmente, com a quantidade e facilidade de acesso às notícias, tais estratégias têm sido cada vez mais corriqueiras a fim de valorizar e mercantilizar as notícias. Nesse âmbito, Steinberger reitera

que “quanto maior a autonomia interpretativa de uma informação jornalística, maior seu valor de troca”. No jornalismo atual, quanto mais fácil for a interpretação e o consumo simbólico da informação, maior será o valor mercadológico da notícia, pois estará acessível a um público mais amplo.

A evolução dos meios de comunicação reorganizou o tempo e o espaço da vida moderna. De acordo com Steinberger (2005, p. 175), não vivemos mais a era do poder bélico, temos agora outro tipo de “poder brando”, ou melhor, “o poder da informação”. Quem o detém são os jornalistas e os editores, já que o excesso de informação leva à falta de atenção (paradoxo da abundância)”. O poder midiático é o poder de agendar as notícias do cotidiano e de decidir, por exemplo, quais questões sobre o Futebol Feminino ganharão visibilidade em seu palco de debate.

Com o advento da *internet*, o distanciamento do tempo não é mais regulado pelo espaço em que se encontravam os sujeitos da conversação, eventos acontecem simultaneamente em vários lugares do mundo. Isso resultou numa midiaticização da sociedade, ou seja, as pessoas conhecem o mundo através da imprensa, que passa a ser parte da vida social, está no dia-a-dia das pessoas. Segundo Steinberger (2005, p. 168), a imprensa, enquanto “campo de produção simbólica, é um microcosmos da luta simbólica entre as classes que delegam poderes, por exemplo, a letrados, a intelectuais e a artistas para serem porta-vozes de seus valores e de sua visão de mundo”. São estes personagens que auxiliam na (re) construção de imaginários, uma vez que a construção de imaginários que perpassam a imprensa assume também um caráter central na vida cotidiana.

Em suma, o mundo é permeado por imaginários; a própria disputa pelo poder e seu exercício não poderiam ocorrer sem apoiar-se em imaginários. Atualmente, é na imprensa que ocorre essa disputa simbólica, atuando como palco por meio do qual diferentes atores sociais traçam estratégias de persuasão e buscam pautar seus anseios, legitimar suas visões de mundo. Desse modo, a imprensa tornou-se um processo fundamental para lutar contra injustiças sociais, marginalização e opressão de diversos grupos como as praticantes do futebol feminino, por exemplo, dando voz a elas.

Nesse sentido, é importante avaliar a relação entre os meios de comunicação e a esfera pública. Segundo Marques (2008), em princípio, a imprensa tinha um papel regulador, uma vez que intentava controlar o uso que as pessoas faziam da razão reunidas em público. Depois, passou a subordinar a troca entre os sujeitos, na medida em que expõe ao mesmo tempo em que procura impor opiniões e despertar vontades em seu público.

A referida autora (2008, p. 24) questiona um dos preceitos básicos do jornalismo: a circulação de diversos pontos de vista. Considerando os meios de comunicação como uma dimensão da esfera pública, sua função consistiria em “encampar, reconstruir e reproduzir pontos de vista diversificados, articulando o conteúdo discursivo que circula nas diferentes esferas deliberativas do processo político”. Para que isso ocorra, necessita-se de independência dos atores políticos e econômicos. Porém, não vemos isso acontecer, pois, dentro do sistema de nosso país, um veículo midiático depende da economia para sobreviver, ou seja, da venda de publicidade e do número de patrocinadores. Assim, o valor de troca da informação tem-se sobreposto ao seu valor de uso. Charaudeau (2010, p. 394) atenta para esta impossibilidade de independência da instância jornalística uma vez que “por estar em concorrência umas com as outras, tem necessidade de recursos financeiros”. Em tese, o espaço jornalístico deveria ser o local de circulação de diversas perspectivas, porém isso é impossível de ocorrer. No fim, a imprensa seleciona os aspectos que lhe convém em detrimento de outros e, desse modo, reconstrói sua própria realidade.

Charaudeau (2010) define sucintamente o funcionamento da imprensa: num todo, ela se apropria da comunicação e da informação, agregando outras áreas de conhecimento específicas, tais como a economia, a política ou o esporte, e levando-as para o palco midiático. O meio técnico midiático permite um distanciamento espaço-temporal: o conteúdo é afastado de seu contexto no espaço e no tempo para ser recriado em outros moldes. É no meio onde a informação e o conteúdo simbólico se materializam, são fixados e transmitidos ao receptor e onde também podem ser armazenados (o que dependerá da capacidade de fixação do meio técnico). São tais aspectos que possibilitam, através desse meio, uma comunicação em larga escala, na qual produtor e receptor não precisam compartilhar um mesmo espaço físico para que haja troca de informações, mesmo que de forma simultânea. Uma característica desse meio é que ele permite a reprodutibilidade (em larga escala) das formas simbólicas e, conseqüentemente, seu uso comercial.

Na contemporaneidade, os diferentes campos sociais como o político, o econômico, o midiático e o esportivo, apesar de suas especificidades, suas regras e valores, se entrecruzam. Atualmente, todos os demais campos dependem da imprensa, na medida em que lhes confere visibilidade e ao mesmo tempo legitima seus discursos. Para Rodrigues (1990), nas sociedades atuais o campo midiático ocupa um papel central em relação a outros campos como o político, o econômico e o esportivo por exemplo. O surgimento deste campo inaugurou uma relação de interdependência com outros campos como o político e o econômico. Os diferentes grupos sociais necessitam de visibilidade para manter sua

simbologia viva. Nesse sentido, a imprensa se tornou central, uma vez que esses grupos delegam, ao campo jornalístico, parte de sua função discursiva e expressiva para garantir um maior alcance de suas mensagens.

Portanto, o campo midiático atravessa e tende a influenciar todos outros campos atualmente, na medida em que divulga, em tempo e espaço, suas formas simbólicas. Em suma, os campos sociais estão sempre em conflitos. Para Pierre Bourdieu (1997), a imprensa é regida por uma lógica comercial, por estar ancorada na audiência da qual depende para sobreviver. Nesse sentido, para o sociólogo, o campo econômico sobredetermina o midiático, pois é ele quem assume papel central e coloca em risco preceitos básicos do jornalismo como a isenção das informações.

De acordo com Thompson (1998, p. 26) “os meios técnicos e as informações ou conteúdos simbólicos nele armazenados podem servir assim de fonte para o exercício de diferentes formas de poder”. Entre os principais tipos de poder, Thompson (1998, p. 24) destaca quatro: o econômico, o político, o coercitivo e o simbólico. O econômico está relacionado a poder transformar uma matéria-prima em bens de consumo ou de mercado para a subsistência. O político relaciona-se a coordenar e regulamente os indivíduos e suas interações. O poder coercitivo é exercido quando se utiliza força física ou ameaça para alcançar determinado objeto ante outro indivíduo. Por fim, o poder simbólico é a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da transmissão e da transmissão das formas simbólicas”. O autor define o poder simbólico midiático como surgido a partir da produção, recepção, significação e circulação de formas simbólicas, do trabalho de verbalizar as informações e acontecimentos do cotidiano, sendo capaz de interferir nesses acontecimentos, moldando ações e criando eventos. A imprensa atua, portanto, como aspecto primordial no exercício de simbolização do mundo.

No entanto, para Charaudeau (2010, p. 18), a imprensa não se configura como uma instância de poder, pois não criam leis, não influem e nem regem os comportamentos dos indivíduos de uma sociedade. Para o referido autor, os veículos de informação da imprensa seguem duas lógicas: econômica e simbólica. A primeira quando age como uma empresa pensando em um produto final que irá gerar lucro. A segunda, quando ocupa seu papel primário de participar da construção da opinião pública. Atualmente, a lógica comercial tem prevalecido sobre a segunda. A nosso ver, os campos são mutuamente influenciáveis uns aos outros, ou seja, ao mesmo tempo em que determinam e influenciam outros campos, são influenciados por eles. Nesse sentido, cada vez mais a imprensa agenda e é agendada por outros campos.

Nessa correlação de forças, o papel convencional do jornalista, segundo Charaudeau (2010), seria explicar o que acontece no mundo. No entanto, o autor argumenta as dificuldades disso, pois nos veículos midiáticos aos quais os jornalistas estão atrelados, as notícias passam por diversos filtros. O jornalista deve, então, pensar qual postura deverá tomar para informar um cidadão sobre um evento que ele não pode presenciar e, ao mesmo tempo, estar de acordo com os objetivos editoriais e argumentativos da organização midiática. Este é o papel mais difícil do jornalista, visto que o trabalho de explicação demanda tempo, e um jornal vive da urgência das informações. Por isso, aos poucos, o discurso embasado e articulado foi substituído por um discurso curto e impactante.

Nessa dinâmica, nenhum acontecimento pode ser apreendido de maneira completa a partir de um relato que, por sua vez, é sempre um ponto de vista. Em relação ao discurso jornalístico, Steinberger (2005, p. 89) atenta que se deve levar em conta que, dentre outros aspectos, os “filtros cognitivos, culturais, sociais, históricos, políticos, ideológicos, econômicos, institucionais e outros, acaba levando uma reconstituição parcial de um estado embrionário de discursividade”. No texto jornalístico estão embutidos, entre outras coisas, “os processos de produção discursiva, as decisões que o jornalista tomou ao escrevê-lo, as informações que ele não conseguiu obter, o cuidado ao relatar certos fatos, os *links* causais que seu autor fez ou deixou de fazer”. O relato jornalístico é um recorte lacunar de determinado acontecimento e por isso não deve ser tomado em verdade por completo. Diante disso, Steinberger (2005, p. 75) afirma que uma “notícia é uma forma compactada da experiência. Um jornal pode dedicar 35 páginas a um só dia (por exemplo, o Onze de setembro) ou duas linhas há dez anos. O leitor julgará que esses dez anos foram vazios de eventos”. Logo, o espaço e o tempo dedicados por um veículo midiático a determinado assunto pode acabar influenciando no modo como o público tratará o tema no seu cotidiano. Portanto, a abordagem midiática sobre o futebol feminino, por exemplo, está ancorada em sua abordagem social e vice versa.

Enquanto estratégia de sobrevivência financeira, a imprensa busca angariar o maior número possível de audiência. Para isso, utiliza diferentes estratégias como a dramatização e a espetacularização. De acordo com Charaudeau (2010), o funcionamento discursivo ocorre por meio de uma dupla estratégia: credibilidade - poder dizer e ser reconhecido para tanto; e captação - garantir o interesse e adesão para o consumo da mensagem.

Apesar dessas estratégias, as falas são apenas jogos de intenções, não sendo possível prever, com exatidão, os resultados da informação midiática na instância da recepção. No mundo contemporâneo das novas tecnologias midiáticas de informação, cada novo evento

oculta imediatamente o anterior, que em pouco tempo já é passado, e assim sucessivamente. Como disse Steinberger (2005, p. 175) sobre o jornalismo: “a credibilidade é o valor maior nesse contexto”. Atualmente, cada vez mais estratégias de captação têm sido privilegiadas em detrimento da credibilidade, colocando em cheque a confiabilidade das informações midiáticas que surgem em diferentes plataformas.

1.3.2 As fontes na imprensa

A imprensa ajuda os sujeitos a sanarem uma questão com a qual se defrontam o tempo todo: um meio de tornar o mundo inteligível, ou seja, de conhecer, nomear e classificar os objetos do mundo. Segundo Charaudeau (2010, p. 264), sua principal função consiste em “pôr ao alcance da maioria dos cidadãos os fatos que estes ignoram e as explicações dadas ou pelos jornalistas ou pelos especialistas”. O referido autor (2010, p. 252) reconhece que os veículos da imprensa têm um papel importante na sociedade atual, uma vez que nos apresentam fatos e acontecimentos em geral do mundo. Ainda de acordo com ele, o papel da imprensa seria desvelar o que é conservado oculto, ou seja, denunciar ao público o que este não consegue enxergar com seus próprios olhos. O relato midiático constrói seu próprio real negociando com nossos imaginários, ou seja, impõe sua verdade de mundo que vai se confrontar com a verdade de mundo dos sujeitos. Como já vimos, a imprensa assume um papel central na vida contemporânea. Cabe a nós então pensarmos como ela constrói a realidade social, quais fatores e atores interferem nesse processo, e quais seriam suas responsabilidades.

Charaudeau (2010) afirma que diante do contrato⁴ firmado com o público, a imprensa assume também algumas responsabilidades. Para o autor, a responsabilidade é relacionada aos resultados das ações dos sujeitos, uma vez que todo ato gera uma consequência. Nesse sentido, como a imprensa age de modo a pautar as ações dos sujeitos modernos, Charaudeau questiona quais devem ser suas responsabilidades. De início, segundo o autor (2010, p. 271), a responsabilidade da imprensa “está na seleção dos acontecimentos”. Constroem uma agenda de mundo que se impõe ao cidadão como sendo parte ou a inteira realidade social, pela qual o sujeito vai se guiar no mundo. Porém, o autor supracitado afirma que “a responsabilidade das

⁴ Charaudeau (2006, p. 68) fala que todo ato de comunicação entre indivíduos nasce de um contrato pré-estabelecido entre as partes resultante “das características próprias da função de troca, os dados externos, e das características discursivas decorrentes, os dados internos”. Os dados externos seriam as constantes que possibilitam a troca comunicativa entre indivíduos ao atribuir valores aos atos de linguagem. Já os dados internos são discursivos, ou seja, um conjunto de comportamentos linguageiros esperados para se reconhecer os dados externos da situação de comunicação. Esse contrato não é um fixo, na verdade é sempre um jogo de expectativas, logo o sujeito pode flutuar entre as posições do contrato.

mídias reside nas escolhas” e, dentre elas, a que nos interessa, é a escolha e “identificação de fontes”. Isso porque “identificar a origem de uma declaração de tal ou qual maneira que tem incidência sobre a objetividade da informação”. Já para Schmitz (2010, p.3), “a maioria das notícias depende do que as fontes dizem”. E é aí que reside sua importância para o jornalismo.

Cada vez mais complexa, a relação entre jornalista e fonte jornalística tem se estreitado progressivamente. A fonte é primordial para a notícia jornalística por conferir legitimidade a um fato. Até o início do século XX, jornalistas não consultavam fontes. De acordo com Molotch e Lester *apud* Schmitz (2010, p. 03) em princípio, as fontes utilizavam “os processos jornalísticos para promover as suas notícias, notadamente aquelas com poder de alterar as rotinas a seu favor e ter acesso regular à mídia”, mesmo que os jornalistas tenham certa “autonomia para definir o que é notícia ou não e seus respectivos enquadramentos”. Já para Marcondes Filho (2014) desde o surgimento do jornalismo a fonte ocupa um papel importante na mediação entre jornalista e fatos de mundo. A fonte está relacionada aquilo que está na nascente da produção. Segundo Marcondes Filho (2014, p. 09) três atributos são essenciais para a fonte jornalística: “autoridade, produtividade e credibilidade”, ligados aos processos de produção e ao enquadramento dos fatos jornalísticos.

De acordo com Mendez (2010, p. 565) pode-se classificar as fontes em primária, secundária e especializada. A primária é a fonte que se relaciona de modo direto com o ocorrido e assim pode descrever seu ponto de vista. A secundária, por sua vez, é a fonte que possui conhecimentos que podem auxiliar na apuração jornalística, mas não estão envolvidas diretamente com o fato. Já a fonte especializada tem um *status* que a credita a passar determinada informação, mesmo que não esteja diretamente envolvida no fato. São os técnicos, os especialistas e as autoridades em assuntos determinados que emitem sua opinião acerca do tema. O autor atenta que se deve checar as informações fornecidas por esses dois tipos de fontes, pois elas podem estar permeadas de interesses pessoais, políticos, econômicos, entre outros.

No campo jornalístico temos a classificação dos manuais de redação, que é a forma do jornalismo colocar limites ao poder dizer e classificar as pessoas. O *Manual de Redação da Folha de São Paulo* (1992, p. 59) distingue os tipos de fonte em quatro: a fonte tipo zero são textos documentais, dossiês, enciclopédias, documentos oficiais, escritos com precisão. A fonte tipo um possui um *status* que emite confiança, tanto ao jornalista quanto ao público, por seu histórico de credibilidade. Está aproximado do fato, mas não tem interesse pela veiculação do mesmo. A fonte tipo dois, por sua vez, coincide-se com os aspectos da fonte um, porém não possui a mesma credibilidade. Logo, a informação verbalizada por esta fonte deve ser

comparada com outras. Por fim, a fonte tipo três é a que não se pode confiar muito. É informada, porém possui interesse pela divulgação do fato, o que a torna menos confiável. São representantes políticos, ou de empresas e instituições que se relacionam com a informação publicada. Logo, a informação fornecida por ela não pode ser tomada pelo jornalista como verdadeiro sem antes cruzar com outras informações obtidas ou demonstrar para o leitor que não se trata de um fato confirmado. Essa classificação não é estanque e pode variar, de acordo com o *Manual de Redação da Folha de São Paulo* (1992, p. 59), “com as circunstâncias políticas, o relacionamento pessoal da fonte com o jornalista, a atitude dela em relação ao veículo que o profissional representa” entre outras questões.

Já Schmitz (2010, p. 20), por sua vez, define sucintamente as fontes noticiosas como:

pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, credíveis ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2010, p. 20).

Ainda para Schmitz (2010, p. 20), o jornalista recorre “às fontes conforme as suas necessidades de produção e a posição delas na sociedade, considerando a proximidade social e geográfica”. Portanto, as fontes ajudam a reforçar, confirmar, contrapor ou refutar a verdade no relato dos fatos jornalísticos. Schmitz (2010, p. 2) propõe então uma taxonomia das fontes, que exploraremos mais adiante em nossa análise. Ele as separa em “grupos, classes e tipos de fontes por categoria (primária e secundária)”, sua “representatividade (oficial, empresarial, institucional, testemunhal, especializada e de referência)”; sua “ação (proativa, ativa, passiva e reativa), crédito (identificada e sigilosa)” e sua “qualificação (confiável, fidedigna e duvidosa)”. Essas categorizações são importantes, pois é assim que o poder dizer é ordenado e hierarquizado pela imprensa, o que nos auxiliará a compreender os motivos pelos quais uma juíza ou jogadora é preterida pela fala de um treinador ou dirigente de futebol feminino por exemplo. Ao classificar os sujeitos em fontes jornalísticas, o jornalismo atribui papéis sociais, performance de poder dizer. Por exemplo, no jornalismo em geral, as mulheres são apresentadas como testemunhas do real e não especialistas. Na imprensa tendem a prevalecer as opiniões dos especialistas. Sendo assim à mulher, em geral, cabe evocar saberes de crença, ligados à uma fonte testemunhal. Já o especialista pode utilizar tanto saberes de conhecimento quanto de crença para arregimentar seu dizer, por exemplo, sobre um jogo ou um campeonato.

Em geral, não há um procedimento específico do jornalista para acessar as fontes. De acordo com Steinberger (2005, p. 198), devido a isso, “chegam à mídia tanto os especialistas

que construíram sua competência em anos de trabalho como os avatares de improviso, selecionados ao acaso ou por meios espúrios e que, da noite para o dia, passam a gozar da credibilidade que a própria mídia lhes fabrica”. A eficácia do dizer de uma fonte depende, entre outras coisas, da situação de comunicação e da posição do enunciador.

Steinberger (2005, p. 181) reitera que “para conhecer o efeito potencial que uma expressão pode ocasionar, devemos nos perguntar não apenas sobre o que foi dito ou como foi dito, mas porque aquilo que foi dito foi dito daquele modo e não de outro”. A escolha das fontes é parte essencial no processo de produção e criação social da imprensa. Para a autora supracitada, estas fontes, por sua vez, “não agem em nome pessoal e com sua própria autoridade, mas sim com aquela de que o investiu a instituição para a qual trabalha: é o poder simbólico. Eles têm uma procuração social”. A imprensa nada mais é que um espaço de disputas simbólicas que acaba por legitimar personagens como representantes de todo um grupo. No caso específico do futebol feminino no site ESPN, notamos que, na maioria das vezes, são dirigentes ou treinadores homens que ganham voz na imprensa especializada. Essa questão, porém está ancorada em um debate social mais amplo que abordaremos ao longo desta dissertação.

Ao pensar no papel do jornalista, Charaudeau (2010, p. 74) afirma que sua função consiste na transmissão de informação para seu público. No entanto, tal informação é composta, ao mesmo tempo, por saberes e conhecimentos preexistentes ao “ato de transmissão, o que faz com que os jornalistas se encontrem numa posição que consiste em coletar os acontecimentos e os saberes, e não criá-los, antes de tratá-los e transmiti-los”. A partir disso, o autor delimita dois papéis principais que o jornalista desempenha: “o de pesquisador-fornecedor da informação e o de descritor-comentador da informação”. Ou seja, sua dupla vocação é de testemunhar, acompanhar de perto os acontecimentos de mundo; e de revelar, interpretar os acontecimentos de mundo. Nesse processo, fontes assumem um papel fundamental e, ainda segundo o autor supracitado, “podem ser construídas pelo próprio acontecimento ou por um organismo intermediário, cuja função é reportá-la em primeira instância”. Mesmo que o jornalista assuma o papel principal na construção das notícias, não podemos esquecer-nos de outros atores envolvidos neste processo, como os editores e diretores do veículo ou mesmo as fontes jornalísticas.

A partir das diferentes classificações das fontes que apresentamos como a de Mendez (2010) e do *Manual de Redação da Folha de São Paulo* (1992), assumimos a taxonomia proposta por Schmitz (2010) para nossa análise, por ser mais completa e abarcar mais características que nos ajudarão a compreender as fontes que falam nas matérias sobre futebol

feminino no *site* ESPN. Como já vimos, a imprensa exerce poder simbólico em nossa sociedade, ao pautar assuntos do dia-a-dia e orientar o sujeito no mundo. De certo modo, as matérias analisadas dentro dos referidos *sites* são meios para o exercício desse poder ao evocar imaginários que serão absorvidos pelos sujeitos e, a partir daí, colocados em jogo, aderidos ou refutados. Nessa construção social e simbólica proposta pela imprensa, as fontes podem trazer importantes informações para o leitor. Escolher quem pode falar, de onde pode, o que pode falar e porque ocupa determinado espaço de fala, influi, juntamente com outros aspectos que veremos mais a frente, nos imaginários acerca do futebol feminino e consequentemente na sua relação com a sociedade. É por isso que nos propomos discutir o papel da imprensa na escolha das fontes e como isso interfere nos imaginários sociais que circulam na imprensa e fora dela.

1.4 Considerações Finais

Mesmo diante dessa enxurrada de informações diárias facilitadas pelas novas tecnologias contemporâneas, a imprensa tradicional continua exercendo um papel central na vida social atual, na medida em que estabelece uma relação de fazer-saber para com os sujeitos, permitindo acesso aos fatos e conhecimento de mundo, bem como uma comunicação em larga escala. O espetáculo jornalístico também está constantemente se adequando aos novos cenários surgidos, principalmente, a partir das novas tecnologias de informação. Podemos citar a expansão mais recente da *internet* e o surgimento de redes sociais como o *facebook* ou o *twitter*, como marcos para a transformação das relações entre sujeito e imprensa. Ao passo que a forma dos sujeitos se comunicarem modifica-se, a política também se transforma. Já não é mais necessária a permissão midiática para aparecer, levantar e debater alguma causa. Porém, o palco midiático ainda serve para legitimar certos discursos e afirmar imaginários sobre as diversas práticas do mundo tal qual o futebol feminino.

Os meios de comunicação são imprescindíveis para entender o mundo atualmente. São igualmente importantes na (re) construção de sentidos, representações e imaginários nessa nova dinâmica social. A disputa hoje é simbólica e se trava neste solo: é na imprensa que o debate acontece. Logo, os imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino veiculados pela imprensa estão diretamente ligados às relações de poder sociais. Seu discurso reverbera de modo distinto em diferentes camadas sociais. A imprensa constrói mundos de natureza ficcional de acordo com seus interesses em que o espectador escolhe o mundo que lhe servir melhor ou lhe parecer mais próximo. Não há como explicar a vida contemporânea sem a

imprensa que, ao (re) afirmar e legitimar valores e imaginários aos sujeitos influem no seu modo de ser e estar no mundo.

A imprensa tradicional ainda é palco de disputa de poder ao agenciar as pautas cotidianas escolhendo quem pode dizer, como dizer, de que forma dizer, porque dizer. É onde cada vez mais diferentes grupos investem em estratégias simbólicas e buscam legitimar seus discursos. Os sujeitos são levados a assumir papéis sociais e posições discursivas a partir de uma lógica jornalística que hierarquiza tanto as mulheres praticantes de futebol quanto outros sujeitos que se relacionam com a modalidade, por exemplo. Por isso questionamos se essa lógica jornalística de hierarquização não é afetada, entre outras coisas, pelas relações sociais de poder que atravessam o universo feminino. Ou seja, a dinâmica com que a sociedade trata a mulher não influencia na forma como a imprensa seleciona quem é a fonte, como classifica e o que ela vai dizer? Além desses filtros jornalísticos que um sujeito tem quando é entrevistado, ele também é atravessado pelos papéis sociais e pelos jogos de poder, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II - FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

2.1 Considerações Iniciais

Neste capítulo, abordamos inicialmente a relação da mulher com a sociedade brasileira ao longo do tempo e como isso tende a influir na prática do futebol como um todo. Para tanto, debatemos a construção social em torno dos gêneros a partir de Butler (2012), buscando perceber como as relações sociais construídas desde a infância podem influenciar nas escolhas dos sujeitos por meio da normatização de gêneros e, de certo modo, acabam tendendo a afastar as mulheres de esportes como o futebol. Posteriormente, traçamos um breve histórico do jornalismo esportivo brasileiro, discutindo a associação entre esporte e imprensa na projeção de imaginários sociodiscursivos. Especificamente, estudamos o caso do futebol feminino e sua inserção na sociedade brasileira por meio da imprensa.

Argumentamos que os imaginários sociodiscursivos difundidos pela imprensa sobre o futebol feminino tendem a carregar traços de outros campos discursivos, podendo estar relacionados à violência simbólica e à normatização de papéis sociais que perpassam as mulheres. Muitas vezes, essa normatização das condutas parte do próprio Estado, a partir, por exemplo, da instituição escolar ou governamental. Nessa dinâmica, as mulheres podem ser condicionadas a assumir certos papéis que, de um modo ou outro, acabam afastando-as da prática esportiva. Tais dinâmicas e jogos sociais reverberam na (re) construção do discurso jornalístico sobre o futebol e também sobre a modalidade feminina.

Observamos como, ao longo do tempo, em oposição ao futebol masculino que é tido como bem simbólico nacional, o futebol das mulheres enfrentou e enfrenta dificuldades e resistências para se consolidar no país. Influenciados por processos seculares de exclusão da mulher do convívio social, aonde se chegou a negar-lhes, inclusive, o direito à prática futebolística, os imaginários sociodiscursivos em torno do futebol feminino são reconstruídos na instância midiática e projetados com efeitos de veracidade.

2.2 A construção sociodiscursiva da mulher e do futebol feminino

2.2.1 Imaginários construídos desde a infância

Ao entendermos a imprensa como um espectro observável das diferenças entre gêneros, podemos acessar os traços de uma discussão que tem ancoragem social e histórica:

sujeitos e esferas sociais se condicionam mutuamente, interferindo na representação de papéis e os consequentes modos de ser, estar e julgar o mundo. Em nossa visão, como as relações de gêneros são diretamente ligadas às disputas de poder social, o esporte tornou-se também um espaço onde se negociam essas relações e, enquanto disciplina escolar, a educação física cumpre um papel fundamental nisso.

A própria prática esportiva em si é excludente, uma vez que se diferenciam categorias e modalidades de acordo com as características físicas dos sujeitos. Estudos como o de Darido (2002) e o de Busso e Daolio (2011) sobre as relações entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física demonstraram que tais sanções, em geral, ocorrem devido ao gênero, à habilidade motora e à força atlética dentre outros aspectos.

No início do século XX, quando o futebol feminino deu os primeiros passos no Brasil, na esteira da rápida popularização do futebol masculino, os papéis sociais eram bem definidos e normatizados: enquanto os homens voltavam-se para a política e a vida social, as mulheres eram condicionadas, preponderantemente, a cuidar do ambiente doméstico, com efeitos no cerceamento ao trabalho, voto e desempenho das atividades físicas consideradas estritamente masculinas. Em nosso entendimento, direitos eram negados pela condição de serem mulheres, impactando também nas relações sociais dentro do esporte, uma vez que, como já dissemos, este é apenas um espectro da vida social.

No caso do futebol de alto rendimento, durante muito tempo, a mulher brasileira foi obrigada a conviver ainda com imaginários sociodiscursivos como fragilidade e incapacidade de praticar um esporte considerado violento.

Nesse sentido, na presente pesquisa nos propomos pensar: quem é esse ser mulher no contexto do futebol feminino? E a partir disso: quais os imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino projetados na imprensa brasileira? Para tanto, partimos da visão de Judith Butler (2003), a qual coloca em cheque as identidades e subverte o modo convencional com o qual o sujeito social se concebe no mundo.

A autora (2003, p. 33) questiona a utilização da categoria universal mulher que, segundo ela, “rejeitou efetivamente a multiplicidade das interseções culturais, sociais e políticas em que é construído o espectro concreto das mulheres”. Tal universalização sobre a qual se debruçavam os estudos feministas, até então, era insuficiente para resolver os problemas relacionados aos gêneros, pois não dava conta de toda diversidade que abrange a categoria mulher como negra, branca, índia e, atualmente, cisgênera, transgênera.

Butler (2003) se propõe a analisar a teoria feminista dominante até aquele momento. Dentre as principais teóricas feministas anteriores a Butler (2003), destacamos Simone de

Beauvoir (1960) e a frase sobre a qual problematizaremos: “não se nasce mulher, torna-se”, na medida em que a pessoa não nasce em um gênero, uma vez que este é sempre adquirido socialmente. Apesar de Butler (2012, p. 59) concordar com este ponto e entender que “a mulher é um termo em construção, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou fim”, a autora também questiona Beauvoir. Ao longo de seu texto, Butler (2003) tece uma crítica que desconstrói o postulado por outras autoras feministas anteriores como a distinção sexo-gênero, a noção de sexo-pré-discursivo, e a universalidade da identidade da mulher.

Primeiramente, questiona-se a distinção sexo-gênero. Na perspectiva de Beauvoir (1960), os gêneros seriam como recipientes que cabem em determinados corpos sexuados, ou seja, apenas uma interpretação do sexo. De acordo com Beauvoir, a pessoa não nasce em um gênero, uma vez que este é sempre adquirido, porém o sujeito já nasce sexuado. Butler (2003), por outro lado, desloca o sexo como causa ou expressão do gênero. Segundo a autora (2003, p. 25), não existe essa diferenciação, pois, se o próprio sexo “é uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como interpretação cultural do sexo”. Para além de uma inscrição cultural num corpo previamente sexuado, Butler (2003, p. 163) sugere que, pelo contrário, os corpos podem assumir uma variedade de gêneros para além do binarismo homem e mulher.

Assim, a categoria mulher, sobre a qual se debruçou anteriormente Beauvoir (1960) mostrou-se insuficiente e acabou por ser excludente, pois, de certo modo, só são consideradas mulheres quem se encaixa em certos padrões, modos ou hábitos coletivos dentro de uma determinada estrutura heteronormativa⁵. Não há mais relação biológica que condicione um corpo a tornar-se mulher ou homem, qualquer um pode transformar-se no que quiser.

A autora critica também a noção de sexo como pré-discursivo, precedente ao próprio corpo, o que indica que o corpo é passivo em relação ao que ele externa, anterior ao próprio discurso que o significa. Para Butler (2003, p. 25), “se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez, o próprio construto chamado sexo seja tão culturalmente construído como o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero”. Portanto, não existe diferenciação entre sexo e gênero. O sexo é tão culturalmente construído como o gênero e o corpo seria, ele próprio, uma construção social que carrega em si marcas de gênero. Assim,

5 A coerência ou unidade do gênero – relação causal entre gênero, sexo e desejo – está ligada ao que Butler (2003) denomina de uma heterossexualidade normativa, a qual determina posições estáveis, sugerindo a existência de um privilégio do ideal da heterossexualidade em relação ao da homossexualidade. Desse modo, há um modelo de feminilidade e de masculinidade adequados para que essa heteronormatividade funcione, como, por exemplo, os padrões adotados comumente na sociedade brasileira sobre o ser mulher.

não faz sentido distinguir o que é permitido a um sujeito ou outro a partir de suas características biológicas, como tem sido imposto socialmente nas práticas esportivas, principalmente, a partir da instituição escolar, como veremos adiante.

Butler (2003) busca, a partir do presente histórico, tecer uma crítica à categoria de identidade, a qual não pode ser concebida como fixa, única, estável e singular. A autora (2003, p. 37) avalia a identidade enquanto “ideal normativo” ou “característica descritiva da experiência”. A própria noção de identidade, no singular, não agrupa essas transformações que vivenciamos atualmente. Para a referida autora, o debate sobre a identidade não deveria surgir antes do debate sobre identidade de gênero, uma vez que é a partir do gênero que as pessoas se reconhecem e se concebem socialmente.

Nesse sentido, para Butler (2003, p. 48), a identidade é constituída no e por meio do discurso, ou seja, “concebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero”. A autora (2003, p. 184) sugere, portanto, o deslocamento da categoria identidade como forma de convergir os “múltiplos discursos sexuais para dar lugar à “identidade”, a fim de problematizar permanentemente essa categoria, sob qualquer uma de suas formas”.

Em suma, é impossível definir uma identidade única e estável; a identidade de gênero é sempre constituída a partir das próprias expressões apresentadas como seus resultados. De modo concomitante, não existe uma identidade de gênero verdadeira. Uma *drag queen*, por exemplo, revela dissonâncias entre sexo, gênero e performance. Segundo Butler (2003, p. 200), “o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos”.

Em resumo, o gênero é construído performativamente, não sendo um fenômeno constante que ocorre sempre do mesmo modo; pelo contrário, está sempre em construção, sendo um ponto de convergência entre a cultura e o corpo, seja na estilização do corpo ou nos atos e ações do sujeito. Logo, o gênero não tem uma base, pois é uma repetição, em longo prazo, de atos estilizados e são esses atos que criam o gênero, enquanto um projeto que procura resistir para sobreviver culturalmente, cuja estratégia consiste nas suas performances.

Às trilhas do pensamento de Butler (2003), a nosso ver, se o discurso é campo de disputa de poder, tal como colocado por Foucault (1988)⁶, os processos hegemônicos têm se

6 Sobre as relações de poder em Foucault (1988), Butler (2003, p. 55) afirma que “se a sexualidade é construída culturalmente no interior das relações de poder existentes, então a postulação de uma sexualidade normativa que esteja “antes”, “fora” ou “além” do poder constitui uma impossibilidade cultural e um sonho politicamente

utilizado, ao longo do tempo, de determinantes biológicos para discriminar os que escapam aos padrões da heteronormatividade compulsória. Logo, os sujeitos alheios a esses modelos tidos “normais” como as mulheres praticantes do futebol feminino são excluídos e classificados discursivamente.

Butler (2003, p. 45) sugere que há, portanto, razões políticas nesta visão binária acerca dos gêneros e na própria instituição dessa heteronormatividade compulsória, que regula e diferencia os termos masculino e feminino. Essas diferenças de estruturas binárias acabam consolidando cada um dos termos – o que é ser homem e o que é ser mulher - numa coerência, como já vimos, entre gênero, sexo e desejo, que atende os ideais heteronormativos.

Todas essas relações que perpassam as condições das mulheres na sociedade acabam influenciando a prática do futebol feminino em geral e, conseqüentemente, em sua veiculação na instância jornalística que, como vimos, tendem a ampliar e reforçar as relações hegemônicas.

A partir da análise de artigos e pesquisas sobre o futebol feminino, Suraya Darido (2002, n.p.) percebeu que, até a década de 1990, a modalidade não era nem um pouco comum no contexto escolar brasileiro e que a maioria das praticantes iniciaram por conta própria. Diante de sua experiência na área, a autora sugere que isso ocorre porque “quanto maior o número de pessoas observando, especialmente se for do sexo oposto, mais as garotas se intimidam em participar de atividades ditas predominantemente masculinas” e o futebol ainda é uma delas. Para Darido (2002, n.p.), no contexto da sociedade em que vivemos, a própria constituição humana esbarra sempre nos “estereótipos de gênero”.

Ao realizarem uma pesquisa de campo com alunos de uma escola estadual paulista sobre a prática esportiva do futebol, Busso e Daolio (2011, p. 80) concluíram que saberes veiculados no senso comum como “futebol não é coisa para mulher” acabam se fazendo presente no contexto escolar:

às meninas são atribuídos papéis que convictamente estão vinculados a formas naturais, sustentadas no senso comum de funções fisiológicas (menstruação e gravidez) e psicológicas (sensibilidade e irracionalidade), bem como funções sociais (educação de filhos e trabalhos domésticos). (BUSSO; DALIO, 2011, p. 80).

Tais saberes simplificados auxiliam na (re) construção de imaginários sociodiscursivos como a suposta incapacidade de meninas praticarem o futebol em alto nível. Essa significação, como já colocamos, acaba por reforçar e reproduzir traços de uma cultura heteronormativa. Em sua pesquisa, os referidos autores (2011, p. 79) notaram que, em geral, as próprias crianças absorvem ideias coletivas propagadas como consenso social que definem as características e aptidões relacionadas aos gêneros. Isso influencia nas relações sociais como um todo. Segundo a pesquisa, os meninos, tidos como “rápidos”, “fortes” e “velozes” não gostam de jogar futebol com as meninas, caracterizadas como “lentas” e “fracas”.

A escola, da mesma forma que a imprensa e o futebol, torna-se apenas mais um espectro para se observar a vida social. De acordo com Busso e Daolio (2011, p. 82), tais “saberes sobre futebol possuem circulação, tanto penetram a Escola como a deixam, para adentrarem contextos extraescolares”. Não há, porém, como pensar no contexto escolar sem pensar fora da escola. As disputas travadas neste plano são reconstruções das dinâmicas sociais: antes de chegar à escola, tem-se contato com o esporte por outros meios como a família e a imprensa, onde estes imaginários são constantemente reafirmados. A escola é um desses lugares onde se refratam as relações sociais entre gêneros.

De modo geral, a sociedade brasileira ainda carrega consigo marcas do autoritarismo patriarcal como a hierarquização das relações sociais marcadas até hoje por privilégios das classes favorecidas economicamente e que, como dissemos, age em favor de um ideal heteronormativo. Isso permeia a sociedade como um todo: desde a instituição escolar até a prática esportiva profissional. De acordo com Busso e Daolio (2011, p. 79), as relações escolares – para com meninos e meninas – são “hierarquicamente desiguais”. Para os referidos autores, a questão do “saber jogar”, na escola, cria certo tipo de “tensão entre meninas e meninos em jogos de futebol mistos escolares”. Tensão essa expressada pela suposta desigualdade no jogo, pois “jogar com meninas representa para meninos submeterem-se a uma condição de nível inferior”. Pensamos que o mesmo ocorre nas relações fora do contexto escolar no futebol feminino, onde percebemos uma constante tensão pela entrada das mulheres em um espaço considerado, até então, masculino. Porém, vimos que tais preceitos não passam de construções sociais. A coerência heterossexual sobre o homem e a mulher dá lugar a um gênero desnaturalizado, construído por meios de performances que conferem a identidade do sujeito como única e singular, logo, não faz sentido essa distinção entre jogo de menina e jogo de menino.

Os imaginários sociodiscursivos e sanções sociais sobre a mulher no Brasil foram fundamentais para que o futebol se tornasse esse espaço cada vez mais masculino, impactando

na relação delas com o esporte a partir da circulação de imaginários como fragilidade e limitação. Talvez, aqui esteja uma resposta de Butler (2003, p. 162) para as discriminações sofridas por quem não se encaixa nesses padrões heteronormativos de gêneros, como as praticantes do futebol feminino: “O bebê se humaniza no momento em que a pergunta ‘é menino ou menina’ é respondida” e, desse modo, “as imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto, em contraposição ao qual o próprio humano se estabelece”. Logo, as mulheres que jogam futebol se encaixam aqui, pois subvertem os papéis sociais vigentes até então que, de certo modo, acabavam afastando as mulheres da prática esportiva como um todo.

Como vimos no capítulo anterior, um saber, ao adentrar a imprensa, tende a cristalizar-se, ganhando reverberação e potência comunicativa. Para compreendermos quem são essas mulheres que falam na imprensa, é necessário perceber que socialmente elas são atravessadas por relações de poder que atendem um ideal heteronormativo e que impactam, por exemplo, na inserção da mulher no esporte - o que ajuda a alimentar a crença de que “futebol e mulher não combinam”, propagado desde infância pela instituição escolar ou pela própria sociedade que incentivam somente os meninos a, desde cedo, jogarem bolas nas ruas, quadras, quintais. Logo, a forma como as mulheres são tratadas na sociedade interfere diretamente na dinâmica do esporte e também no tratamento discursivo do esporte pela imprensa.

Sendo assim, a diferenciação social nos tratamentos de acordo com o gênero convencional reflete-se no futebol feminino como um todo: na organização dos torneios, nos salários das jogadoras, nos patrocínios e nas premiações infinitamente menores, enfim, no reconhecimento social como um todo. Com o passar do tempo, a relação da sociedade com a mulher foi se transformando: as lutas travadas em várias áreas surtiram alguns efeitos e a mulher ganhou mais visibilidade e espaço em várias áreas de atuação. Porém, a realidade de igualdade ainda está longe na sociedade brasileira. Mesmo diante dessas diversas transformações alcançadas ao longo dos últimos séculos, a mulher que pratica futebol ainda sofre com resquícios desses imaginários: as políticas públicas de incentivo à modalidade no Brasil continuam escassas e a profissionalização está longe do ideal.

2.2.2 Futebol feminino no Brasil: alguns apontamentos

Ao longo da história, o futebol desenvolveu-se como uma atividade estritamente masculina. Porém, por mais que se queira negar, a evolução do esporte no mundo teve a

contribuição feminina. Dentre os rituais que faziam parte da tradição do antigo Egito (4500 - 4000 a.C.), destacava-se o “senet” e o “jogo de bola”, que consideramos antecessores do futebol. Este último praticado por mulheres que, de costas à sua oponente, atiravam a bola em direção a estas com o objetivo de marcar gols (MURAD, 2007, p. 79). Na Europa, também era usual que mulheres praticassem esportes com bola desde os séculos passados, tanto que o primeiro jogo datado de futebol feminino ocorreu ainda no século XIX, mais especificamente na década de 1880 na mesma Inglaterra que, anos antes, viu emergir a prática do futebol masculino⁷.

Apesar disso, as evoluções históricas das modalidades não seguiram o mesmo caminho. Enquanto o futebol masculino se tornaria o esporte mais popular do mundo, o futebol feminino ainda luta por reconhecimento social. Um exemplo é que a primeira Copa do Mundo de futebol masculino foi idealizada em 1904 e contou com sua primeira edição em 1930 no Uruguai. Já a Copa do Mundo de Futebol Feminino teve sua primeira edição mais de sessenta anos depois, somente em 1991, na China.

Na sociedade brasileira, o futebol masculino é elemento imprescindível para análise contemporânea dos acontecimentos cotidianos nos dois países. Na contramão disso, a relação brasileira com o futebol feminino não tem sido tão amigável. A modalidade ainda é uma prática que está se consolidando no país, ganhando espaço midiático e se profissionalizando aos poucos.

As mulheres brasileiras enfrentaram dificuldades para praticar o esporte. De acordo com Santos (2016), apesar de ações em prol da modalidade nas décadas anteriores, a primeira partida datada de futebol feminino no Brasil aconteceu “em 1921, entre senhoritas dos bairros Tremembé e Cantareira (que hoje seria Santana), na zona norte de São Paulo”. No entanto, antes propriamente de sua difusão, a entrada das mulheres em campo não foi vista como apenas um espectro da popularização do esporte no país; ao contrário, a sociedade agiu no sentido de coibir o jogo. Assim, o papel feminino se limitaria a torcer pelos homens.

Durante o Estado Novo (1937 – 1945), a vigilância com o corpo feminino aumentou. Naquele período, de acordo com Souza (2008, p. 87), as mulheres ainda “eram vistas como as guardiãs da família e sua educação deveria priorizar o lar e os afazeres domésticos”. Segundo Reis e Arruda (2011, n.p.), a função da mulher na época “era de contribuir para o fortalecimento da nação, gerando filhos saudáveis” e, portanto, as atividades sociais como o trabalho e a prática esportiva só eram permitidas se não atrapalhassem tais obrigações

⁷ A primeira equipe de futebol feminino, o “British Ladies Football Club” surgiu em 1894, por intermédio da ativista dos direitos da mulher Nettie Honeyball.

consideradas de natureza feminina. Assim, para os referidos autores, a prática do futebol feminino retratava uma atitude condenada pela sociedade da época.

No mesmo período, no final da década de 1930 no Rio de Janeiro, com o apoio da imprensa local, organizaram-se equipes de futebol para mulheres. O fato logo se tornou assunto de debate social e governamental e os jornais que no início apoiavam, rapidamente mudaram sua opinião, passando a corroborar com a sociedade da época que abolia a prática. Um parecer da Subdivisão de Medicina Especializada, encaminhada à Presidência da República, baseada em um estudo de cientistas ingleses considerava os esportes aptos às mulheres apenas o voleibol, o tênis, o críquete, as corridas e seus similares. O documento sugeria que a prática do futebol, de certo modo, “obrigava a atleta a executar marchas, corridas de velocidade ou moderadas durante um longo período, paradas bruscas, saltos, choques com os adversários ou com a bola possibilitando a ocorrência” (*apud* REIS; ARRUDA, 2011, n.p.). Tais ações e atitudes eram reguladas sob a justificativa de que iam contra a natureza e o organismo feminino.

As discussões, em geral, centravam-se sobre o corpo da mulher e a pretensa justificativa de preocupação com o bem-estar das moças. De acordo com Franzini (2005, p. 321), “nos anos 30 e 40, a associação entre o autoritarismo político e as ideias e ideais da eugenia fazia do corpo uma questão de Estado e o colocava na ordem do dia”. Começaram a surgir críticas de toda sociedade em relação ao excessivo esforço físico das mulheres que praticavam um esporte tão brutal como o futebol. Cada vez mais, os médicos da época recomendavam que as mulheres não jogassem futebol, pois prejudicaria os órgãos reprodutores femininos, a beleza das mulheres, e seria perigoso para a maternidade (FRANZINI, 2000, p. 320-321).

O debate social se expandiu, tendo inclusive um cidadão brasileiro chamado José Fuzeira, endereçado uma carta⁸ ao presidente da república Getúlio Vargas em janeiro de 1940. O documento, publicado em um periódico nacional da época, clamava, em nome do bem da sociedade brasileira a abolição de tal prática no país. A partir destes fatos, o governo da época

8 Dentro do documento, destacamos o seguinte excerto: “Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a ser mãe [...] Ao que dizem os jornais, no Rio já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano é provável que, em todo o Brasil, estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja: 200 núcleos destruidores da saúde de 2.200 futuras mães, que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes”. (*apud* FRANZINI, 2005. p. 319 – 320).

passou a se interessar cada vez mais nas políticas das organizações esportivas e via, no futebol, o meio ideal para se forjar a construção de uma identidade nacional.

De acordo com Souza (2008, p. 78), a fim de controlar as ações no “campo esportivo”, em janeiro de 1939, surgiu, inicialmente como um braço do Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Desportos (CND). A instituição tinha como objetivo “sugerir ao Ministério da Educação e Saúde medidas legislativas” que, entre outras funções, deveria manter a disciplina e organização das diferentes entidades e práticas esportivas no país. O CND, presidido inicialmente por João Lyra, controlava, desde os eventos esportivos do país, até as expressões utilizadas em torno do esporte.

Nesse contexto, o que estava em jogo e mexia com a sociedade da época era subversão dos papéis sociais e o início da invasão das mulheres em espaços até então estritamente masculinos como o da prática esportiva. O futebol feminino se expandia aos poucos, tanto que segundo Reis e Arruda (2011, n.p.), “os jornais brasileiros da década de 1940 reconheciam a existência de 10 equipes de senhoritas futebolistas em regular atividade na cidade do Rio de Janeiro”.

Justamente a partir desse período que o preconceito se acentuou em relação à modalidade. De acordo com Goellner (2005, p. 143), a pressão popular foi determinante para que em 1941 este preconceito se tornasse lei. A fim de se adequar à proposta política do Estado Novo “de contenção das mulheres”, por iniciativa do General Newton Cavalcanti, um dos conselheiros do CND, elaborou-se um documento que visava oficializar “a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que praticada dentro de determinados limites” (GOELLNER, 2005, p. 145). No entanto, foi justamente durante esse período de proibição, em dezembro de 1958, que surgiu oficialmente o Araguari Atlético Clube, sediado nas Minas Gerais, considerado o primeiro clube de futebol feminino do Brasil⁹, que poucos anos depois já havia encerrado suas atividades sobre forte pressão popular.

Após o início da Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil, o cerco contra as mulheres aumentou. Tanto que em 1965, o CND “aprovou, a Deliberação nº. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, “rugby”, halterofilismo e “baseball” (GOELLNER,

⁹ De acordo com Almeida, (2013, p. 46) “em 1950 na cidade de Pelotas/RS, havia duas equipes de mulheres – Vila Hilda Futebol Club e Corinthians Futebol Club – que tinham inserção na imprensa local. Além da cidade gaúcha, também existe registro de times de mulheres após a implementação do Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941 em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Acredito que outras equipes também possam ter existido durante esse período, mas não tive contato com seus vestígios”.

2005, p. 145). Consolidava-se um longo período de proibição e restrições às mulheres. Essa clandestinidade perdurou até pouco tempo. Durante este período, pouco se sabe sobre a prática da modalidade, que só saiu das sombras no Brasil em 1979, quando o decreto foi revogado. Porém, somente na década de 1980 o CND reconheceu a importância de incentivar as mulheres a praticarem esportes. Apesar de algumas ações anteriores, o futebol feminino só teve sua institucionalização de fato nesse período, marco dos primeiros torneios no estado do Rio de Janeiro e do apoio e patrocínio da iniciativa privada à modalidade.

Como reflexo de mais de 40 anos de proibição no país somente neste período, na década de 1980, surgiram as primeiras equipes cadastradas e os primeiros torneios. A primeira competição nacional, a Taça Brasil, ocorreu em 1983. Já a primeira convocação da Seleção Brasileira Feminina ocorreu em 1988. Em 1991, disputaram a primeira Copa do Mundo da modalidade e cinco anos depois, em 1996, fizeram a primeira participação em Jogos Olímpicos.

Atualmente, existem torneios de futebol feminino no país, como o Campeonato Brasileiro A1, equivalente à 1ª divisão e realizado desde 2013, e o A2, equivalente à 2ª divisão do futebol nacional e iniciado em 2017. No entanto, competições como a Copa do Brasil de Futebol Feminino, criada em 2007, teve sua última edição em 2016 e não tem previsão de voltar ao calendário.

No cenário internacional, o Brasil é destaque, tendo sido três vezes campeã dos Jogos Panamericanos (2003, 2007 e 2015), duas vezes vice-campeã dos Jogos Olímpicos (2004 e 2008), e vice-campeã da Copa do Mundo de Futebol Feminino (2007). Além disso, a jogadora brasileira Marta ainda conquistou o prêmio individual de Melhor do Mundo da FIFA por 5 anos consecutivos entre 2006 e 2010. Tais fatores vêm ajudando a aumentar o número de mulheres adeptas do esporte nos últimos anos.

No Brasil, surgiram ações como o Programa de refinanciamento das dívidas dos clubes de futebol (Profut), um acordo de negociação das dívidas dos clubes com a União assinado em 2015, que exigia em uma de suas cláusulas que os clubes de futebol profissional mantivessem também equipes profissionais femininas. Porém, recentemente, em 2017, o Supremo Tribunal Federal revogou algumas cláusulas desse acordo, incluindo a referida acima. Em geral, as ações governamentais em prol da modalidade não têm sido efetivas, por isso, é necessário avançar, resistir de todas as formas e lutar incessantemente por um futebol feminino melhor.

Embora tenha alcançado recentemente avanços no que tange à valorização da mulher no futebol, a modalidade ainda carece de investimento, profissionalização e incentivo por

parte do poder público e da sociedade brasileira de modo geral. Diferentemente do futebol masculino, que é tido como um representante da identidade nacional do brasileiro, o futebol feminino ainda busca espaço para se afirmar no país. É uma prática que está se consolidando em território brasileiro, ganhando espaço midiático e se profissionalizando gradativamente.

Mesmo diante de algumas ações recentes, o abismo ainda é imenso, começando pelos patrocínios, investimentos e a arrecadação financeira, onde a do futebol masculino ainda é infinitamente maior. Em dezembro de 2016, nos registros do site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF)¹⁰, haviam 7.778 atletas masculinos profissionais e 26.624 amadores. Já as futebolistas femininas profissionais no Brasil eram apenas 30, além de 1.317 amadoras. Segundo consta hoje, das 20 equipes que disputam a primeira divisão do Brasileirão Feminino, apenas Santos, Sport de Recife e mais recentemente Iranduba e América Mineiro assinam as carteiras das jogadoras. Ou seja, apenas nestes clubes há atividade profissional no futebol feminino do Brasil.

Outro fator negativo que destacamos é a pouca presença feminina no entorno da modalidade, ou seja, a falta de dirigentes, treinadoras, preparadoras físicas, narradoras, comentaristas e jornalistas esportivas entre outras profissionais mulheres.

Alguns episódios ilustram a questão. Foi apenas em novembro de 2016 que a primeira mulher assumiu o comando técnico da seleção brasileira feminina e, mesmo diante de apelos como uma carta de dezenas de atletas à CBF e sem disputar nenhuma competição importante, foi dispensada depois de apenas dez meses no cargo. Novamente um homem assumiu o cargo. Essa atitude, aliada a outras questões como a falta de planejamento da confederação para a modalidade, foi o estopim para que diversas jogadoras, entre as mais importantes do país como Cristiane e Rosana dentre outras, anunciassem a aposentadoria da seleção brasileira em 2017. Após muita pressão, principalmente por meio das redes sociais, a CBF marcou uma reunião com algumas representantes do futebol feminino. Participaram Silvana Goellner, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e especialista na temática mulher e esporte, juntamente com a ex-atleta Juliana Cabral. Além delas, por videoconferência, participaram as jogadoras Formiga e Cristiane, e as ex-jogadoras Marcia Tafarel e Sissi. Como resultado, a entidade criou recentemente em outubro de 2018 o “Comitê de Futebol Feminino”, comandado por uma mulher, Valesca Araújo. O órgão tem como objetivo principal a inclusão de mulheres na entidade.

¹⁰ www.cbf.com.br. Acessado em 15 de dezembro de 2016.

Recentemente percebemos algumas outras ações das entidades responsáveis pelo futebol no país no sentido de propagar, organizar e incentivar a prática do futebol feminino no mundo como um documento¹¹ da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Porém, na América do Sul, esta realidade ainda está longe de acontecer. No entanto, já se tem uma movimentação da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol): a partir de 2019 vai passar a exigir que as equipes masculinas que disputem a Taça Libertadores da América, maior competição do continente, mantenham equipes profissionais de futebol feminino.

No Brasil, como vimos, a evolução do futebol feminino não obedece a uma lógica sistemática, porque foi fundamentada em um sistema de coibições e consentimentos infundido desde o século XIX. De acordo com Caminha e Teixeira (2013, p. 278), a luta das mulheres por reconhecimento no futebol feminino passou por “processos históricos de segregação, política de controle legal e biológico, e estigmatização do corpo feminino enquanto frágil, incapaz e delicado”. Tais problematizações foram determinantes para a reprodução atualmente de imaginários sociodiscursivos ligados “à erotização, espetacularização e agenciamento da beleza feminina no esporte, e à crença de que a natureza feminina é qualitativamente inferior” frente à suposta virilidade do homem (CAMINHA e TEIXEIRA 2013, p. 278).

As mulheres ainda lutam para afirmar seu espaço no futebol brasileiro como um todo. Ao pesquisar sobre a inserção feminina no futebol, Reis e Arruda (2011, n.p.) concluíram que “as mulheres no decorrer da história, eram excluídas de algumas atividades sociais, como é o caso do esporte, na qual sua aceitação só passou a acontecer devido às lutas que muitas mulheres enfrentaram para que conseguissem alcançar esse e outros direitos”. Para Capraro e Chaves (2007, n.p.), é interessante notar que “a conquista de um espaço coloca a mulher em quase todos os esportes em igualdade”. No entanto, isso ainda não acontece no futebol brasileiro, onde as mulheres têm que lutar, dia-a-dia, para serem reconhecidas como atletas profissionais. Muito disso devido às sanções sociais sofridas pela modalidade ao longo do tempo, embasados na visão social da mulher na sociedade brasileira, que se reflete diretamente na prática esportiva. O tratamento desigual da sociedade para com a mulher no futebol em si é oriundo de uma cultura patriarcal, fundada numa ideia que ecoa até hoje e permeia o imaginário brasileiro: que futebol não é coisa pra mulher.

2.3 Imprensa esportiva brasileira e futebol feminino

11 Em 2017, a FIFA lançou um documento intitulado de “Desenvolvimento do Futebol Feminino”, onde apresenta alguns parâmetros para o desenvolvimento da modalidade no mundo.

2.3.1 Breve panorama sobre a imprensa esportiva brasileira

Ainda no início do século passado, apesar de algumas controvérsias¹², tem-se que o futebol chegou ao Brasil em 1895 pelas mãos do jovem Charles Miller, um brasileiro que voltara ao país depois de um período de estudos na Inglaterra. De acordo com Eugênio Brauner (2010), nessa época, os principais esportes praticados no país eram o turfe e o remo. O recém-chegado “esporte bretão” ainda era pouco difundido aqui e no início praticado apenas pela elite da época, que podia comprar bolas, chuteiras e outros equipamentos esportivos. Tanto que os primeiros clubes de futebol surgiram no interior dessa classe social como em clubes de remo, escolas e colégios. Porém, aos poucos o esporte foi se enraizando em toda a sociedade e tornando-se uma marca da identidade brasileira.

O futebol era visto como o mais novo símbolo da modernidade brasileira no início do século XX. Apesar dessa elitização inicial, em pouco tempo, o esporte caiu no gosto popular. Segundo Brauner (2010, p. 46), nesse mesmo período, as camadas mais baixas da população, mesmo com “uniformes puídos e chuteiras surradas, com bolas desgastadas e campos de pouca – ou quase nenhuma – grama”, já organizavam suas partidas e disputavam a bola nas canchas. A partir de então, começaram também a formar seus times e reunir-se para disputas. Já no final da primeira década¹³ deste século, o futebol já se consolidava nas classes mais pobres e, aos poucos, foi ganhando conotação nacional e se tornando um símbolo do Brasil.

A transformação do futebol na grande paixão brasileira está entrelaçada com a atuação da imprensa. Foi através dos meios de comunicação em larga escala que o futebol ganhou importância política, econômica e social e se tornou elemento de identificação nacional. De acordo com Brauner (2010, p. 52), tal identificação estaria ligada à “importância de um cidadão para determinado grupo social”. Isso acontece no futebol, como percebemos com a criação dos mitos e dos ídolos. Identificação essa que é afluída em momentos em que o esporte gera comoção social e agrupa sentimentos como, por exemplo, a desilusão após a derrota por 7x1 da seleção brasileira masculina de futebol para a Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, episódio conhecido como “Mineiraten”¹⁴. Ou durante a

12 Alguns autores divergem e atribuem o fato histórico como anterior a Miller. Estima-se que em pouco menos de um ano antes, trabalhadores da fábrica de tecidos de Bangu, no Rio de Janeiro, já conhecessem e praticassem o esporte. Os bangusenses atribuem à figura de Thomas Donohoe esse pioneirismo.

13 Neste mesmo período surgiu grande parte dos clubes de futebol no Brasil que tem atuação até hoje.

14 Em alusão à derrota da seleção masculina do Brasil na Copa do Mundo de 1950, que ficou conhecido como Maracanazo.

efusiva campanha que a mesma seleção masculina protagonizou um ano antes, quando venceu a Copa das Confederações em cima da então campeã mundial, Espanha.

A imprensa constitui-se até hoje como elo fundamental na relação e manutenção de determinados laços entre esporte e público. A prática esportiva é originária de antigas brincadeiras nas quais o ser humano procurava melhorar sua performance e alcançar os limites do próprio corpo, instrumento inerente a qualquer prática esportiva. Porém, com a normatização de regras e a criação de competições, disputas, o esporte perde seu caráter inicial e, com a atuação da imprensa transforma-se, aos poucos, em espetáculo. Parafraseando Mauro Betti (2002, p. 1), “a rigor, não existe esporte na mídia, apenas esporte da mídia”: o esporte surgiu a partir de objetivos humanos como autoconhecimento e cooperação, porém a imprensa subverteu a lógica esportiva do espírito olímpico. Agora, o que gera interesse é a competição, ou seja, quem é o melhor, quem é o vencedor. O espírito olímpico de ajuda e autossuperação foi resumido ao binômio vitória-derrota, ou seja, campeão e fracassado.

A fim de melhor compreender a relação entre jornalismo e esporte, Betti (1998;2002) elenca algumas características importantes do futebol na imprensa: a monocultura esportiva; a ênfase na falação esportiva; a superficialidade; a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo; e a prevalência dos interesses econômicos.

A monocultura esportiva está relacionada ao tratamento privilegiado e, quase exclusivo, dado ao futebol pelos veículos midiáticos. O referido autor (2002, p. 3) supõe que isso acontece porque hipoteticamente “as empresas descobriram naquela modalidade esportiva uma melhor relação custo-benefício para a publicidade”. A ênfase na falação esportiva está relacionada ao tratamento da imprensa especializada sobre tudo o que acontece no esporte, dentro e fora dos gramados, desde a vida pessoal dos jogadores até as decisões e ações dos dirigentes esportivos. Já a sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, segundo Betti (1998, p. 2) é característica primordial da imprensa televisiva. O esporte telespetáculo tende a valorizar a forma em relação ao conteúdo. Isso porque o discurso televisivo trabalha com uma linguagem audiovisual, ou seja, combina imagem, som e palavra, com destaque para a primeira.

A superficialidade é outra característica essencial da imprensa, uma vez que elaborar uma informação requer tempo e pesquisa. Porém, como a imprensa é cada vez mais efêmera, ou seja, o que importa é o momento, que pode ser substituído por outros no futuro, é cada vez mais difícil informar de forma direta e clara, atendendo os anseios do público e da imprensa. Nesse sentido, a superficialidade faz-se necessária para sustentar os modelos atuais de imprensa, que focam nos interesses comerciais: produzir informação o mais rápido possível,

como forma de atrair cada vez mais público e, conseqüentemente, mais patrocínios, a fim de sustentar-se financeiramente. A prevalência dos interesses econômicos está ligada a essa lógica midiática, que já não consegue atender aos objetivos, em tese, de uma imprensa democrática, tais como informar com clareza e isenção. Portanto, cada vez mais, a imprensa segue a lógica comercial e se parece com uma empresa que, como tal, deve gerar lucro e, para isso, depende de clientes e patrocinadores.

Como parte desse processo, o esporte tornou-se um dos negócios mais rentáveis do mundo. Podemos ver o exemplo do Brasil, onde a Copa do Mundo de 2014 culminou na elitização do futebol ao, por exemplo, substituir os antigos estádios por modernas arenas multiusos onde o esporte fica em segundo plano, tendo inclusive chegado ao ponto do atual prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil, assumir que “futebol não é coisa para pobre” (EL PAÍS, 2017). O que importa agora é somente o espetáculo, são as vendas, as receitas.

Como vimos, o esporte foi subvertido pela imprensa e transformou-se em uma disputa na qual só importa o resultado: perdedores e vencedores. Por mais que essa abordagem em cima de resultados seja equivocada, há uma diferenciação de tratamento entre o feminino e o masculino na imprensa. Enquanto no masculino a informação emana de diversas fontes como, por exemplo, em um jogo de futebol no qual os atores envolvidos são ouvidos: jogadores, treinadores e dirigentes de ambas as equipes. No feminino, muitas vezes, isso é limitado a apenas uma fonte de informação e, em geral, essa fonte é masculina. Ou seja, as abordagens sobre o futebol feminino na imprensa tendem a ser mais rasas e menos incisivas que as do futebol masculino, o que pode estar relacionado ao tratamento social para com a mulher em nosso país, o qual é reverberado na e pela imprensa.

No Brasil, a relação entre imprensa e futebol masculino é relativamente recente. No início do último século, o jornalismo esportivo ainda não tinha espaço nas redações dos grandes periódicos da época. Ainda não existia espaço específico para abordagens sobre o tema e a maioria das matérias não eram aprofundadas. Marcelino Rodrigues da Silva (2006, p. 35) comenta que, logo nas primeiras décadas do século XX, o esporte “já era assunto de interesse jornalístico” e, aos poucos, foi ganhando cada vez mais espaços nas publicações.

A década de 1930 marcou o jornalismo esportivo no Brasil. A partir de 1931, ano do surgimento do Jornal dos Sports e quando Mário Filho foi contratado pelo jornal “O Globo” para comandar a sessão de esportes, ocorreu à virada de mesa no jornalismo esportivo brasileiro da primeira metade do século XX. As transformações ocorridas naquele período modificaram de forma definitiva a relação entre imprensa, esporte e sociedade, auxiliando na consolidação da imagem do futebol masculino enquanto símbolo nacional.

De acordo com Rodrigues (2006, p. 104), a nova seção esportiva do Globo comandada por Mário Filho, visualmente “se tornou mais leve e atraente, recebendo um tratamento gráfico bem mais elaborado e criativo”. Até aquele momento, os tratamentos dados aos esportes mereciam, no máximo, uma página nos grandes jornais e as imagens que ilustravam as notícias eram raras. Porém, aos poucos, o jornalismo esportivo foi ganhando campo e tomando seu espaço. Na cobertura da Copa do Mundo de futebol masculino de 1938, por exemplo, quando, segundo Rodrigues (2006, p. 166), “pela primeira vez, a seleção teria encarnado um sentimento generalizado de solidariedade nacional”, Mário Filho desempenhou um papel importante: ao coletar informações e depoimentos inéditos dos jogadores por telefone, aguçava nos leitores a curiosidade e a simpatia; com isso, forjou jogadores como grandes ídolos populares brasileiros.

Era o início da popularização maciça do esporte no país, que se acentuou na década de 1940 com o início da crônica esportiva brasileira. Foi também pelas mãos de Mário Filho quando, em 1942, o jornal “O Globo” inaugurou a coluna “Da primeira Fila”. De acordo com Rodrigues (2006, p. 167), o próprio autor “se encarregou de narrar, com uma prosa leve e coloquial que é considerada o marco da fixação do gênero cronístico no jornalismo esportivo brasileiro”.

Cronistas esportivos como Mário Filho e seu irmão Nelson Rodrigues foram fundamentais nesse processo de identificação do futebol como um bem simbólico pela sociedade brasileira. Segundo Brauner (2010, p. 49), “a crônica esportiva da primeira metade do século XX, além de ser um meio de divulgação do futebol para as massas, foi a grande responsável por estabelecer mitos do mundo futebolístico”. Sua principal característica é uma escrita livre, que mistura os fatos do campo aos assuntos do cotidiano. Nessas crônicas surgiram histórias dignas de mil e uma noites. Pelas mãos dos cronistas, jogadores viraram deuses e clássicos ganharam nomes: Pelé virou rei, e Flamengo e Fluminense se tornou Fla-Flu. Esta última foi uma mística crucial que ajudou a alimentar e incentivar as rivalidades como parte de uma estratégia jornalística que ajudou a consolidar o futebol no imaginário brasileiro.

Aos poucos, a imprensa esportiva aumentava sua importância social para o país. A partir da Copa do Mundo de futebol masculino de 1950, no Brasil, aconteceu outra virada de mesa no jornalismo esportivo. As partidas passaram a serem transmitidas nas rádios, as seleções europeias desfilaram pelas capitais brasileiras, exacerbando um nacionalismo através do esporte, a fim de afirmar-se num período pós-guerra Mundial.

Anos depois, na Copa do Mundo de futebol masculino de 1970, tiveram início as transmissões televisivas dos jogos que, de certa forma, modificaram para sempre o esporte. Um exemplo disso é que, atualmente, a maior parte das rendas dos clubes brasileiros de futebol masculino vem da cota de televisão, ou seja, do valor que determinada emissora de televisão paga ao clube ou a competição para ter o direito de exibir com exclusividade seus jogos. Portanto, pode-se dizer que atualmente a imprensa tem sido tão refém do futebol masculino quanto este tem sido da imprensa, com uma variedade de veículos especializados em notícias da modalidade, canais de televisão abertos e a cabo, programas de rádio, *sites* especializados no assunto. No entanto, em relação ao futebol feminino, não se percebe a mesma evolução, como discutiremos um pouco mais a frente. Os canais especializados na modalidade *inexistem*, os valores pagos pelas transmissões são inferiores e poucas competições são transmitidas ao vivo, atualmente nenhuma na televisão aberta.

O *site* ESPN, no qual as matérias consideradas na presente pesquisa foram publicadas, leva consigo um capital simbólico que gera certa confiança no leitor ao reproduzir determinada mensagem. De acordo com Thompson (1998, p. 24), o capital simbólico se refere “ao prestígio acumulado, o reconhecimento e o respeito tributados a alguns produtores ou instituições”. O veículo utiliza seu capital simbólico para garantir a credibilidade das informações que repercute. Pensando em relação ao capital simbólico do futebol feminino, a imprensa pode agir no sentido de aumentar este capital, pois difunde, em larga escala, no tempo e no espaço suas formas e seus símbolos. Ao propagar acontecimentos em torno do futebol feminino, a imprensa aumenta a visibilidade sobre a modalidade e difunde, através de meios técnicos, diferentes imaginários acerca do tema. Nesse sentido, torna-se essencial para sua aderência, visibilidade e aceitação na sociedade e, conseqüentemente na profissionalização, patrocínios e valores arrecadados. É assim que as matérias sobre futebol feminino publicadas no *site* da ESPN podem influenciar a relação desta modalidade com a sociedade.

1.3.2 Futebol feminino e violência simbólica no discurso social e midiático

Uma vez que a informação se dá pela linguagem que nem sempre é compreensível a todos, o papel primordial da imprensa é o de comunicar um conhecimento a quem não possui do modo mais claro e objetivo possível. No entanto, Charaudeau (2006, p. 19) afirma que ela não transmite “o que ocorre na realidade social, ela impõe o que constroem do espaço público”. Por isso, é importante pensar no papel da imprensa na construção de sentidos do

mundo social. A fim de contextualizar o trabalho com o plano midiático no qual o futebol feminino está inserido, trazemos algumas pesquisas e levantamos alguns debates acerca da veiculação do futebol feminino na imprensa.

De modo geral, no decorrer da história do esporte brasileiro, o futebol feminino esteve ausente da literatura e da imprensa. Os registros são quase inexistentes, de acordo com Mourão e Morel (2005), que realizaram uma pesquisa sobre fragmentos da imprensa impressa que retrataram o futebol feminino entre 1930 e 2000. No período compreendido entre 1930 e 1970, quando da proibição da modalidade no Brasil, o material jornalístico é escasso. Depois desse período, há certo material informativo, no entanto, as transformações no tratamento discursivo relacionado à prática do futebol feminino na imprensa foram poucas. Mesmo na imprensa especializada, o espaço cedido ao futebol feminino ainda é pequeno. Por vezes, é comum ver abordagens que privilegiam a estética ou o comportamento das atletas ao invés das disputas e aspectos do jogo.

Ao longo do tempo, o preconceito com o futebol feminino no Brasil tem sido disfarçado socialmente sob a forma de debates sexuais que impediram, até certo momento, e atrasaram o desenvolvimento da prática no país. A imprensa corrobora com esse processo de exclusão social, pois não veicula com frequência informações sobre a modalidade e, quando noticiam, associam a questões de sexualidade e beleza, ou seja, o foco maior é no corpo feminino e não propriamente na prática esportiva (CAPRARO; CHAVES, 2007).

Desde o início, ainda nas primeiras décadas do último século, a prática do futebol pelas mulheres no Brasil enfrentou dificuldades. Segundo Santos (2016, p. 09), o primeiro jogo oficial de futebol feminino disputado no Brasil “em 1921, entre senhoritas dos bairros Tremembé e Cantareira (que hoje seria Santana), na zona norte de São Paulo”, foi noticiada à época pelo jornal paulistano “A Gazeta” como sendo “uma atração ‘curiosa’, quando não ‘cômica’”. Nesse período, a imprensa já demonstrava alguns indícios do modo como trataria o futebol feminino no decorrer da história.

A apresentação das futebolistas na imprensa é de certa forma uma analogia ao papel social relegado à mulher no início da popularização do esporte no Brasil, o de torcedora na arquibancada, ou seja, coadjuvante do jogo. Ao analisar a inserção do futebol feminino na imprensa durante os Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas na Grécia, quando a seleção feminina alcançou sua melhor posição até então, segundo lugar, Martins e Moraes (2007, n.p.) perceberam que há uma valorização do futebol feminino na imprensa brasileira. No entanto, “esta tendência mostrou-se de caráter transitório, sazonal e efêmero”, ocorrendo de tempos

em tempos, quando a seleção feminina conquista algum feito notável em um grande evento esportivo como os Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo de Futebol Feminino.

Em geral, na abordagem da imprensa brasileira sobre o futebol feminino acontece um desvio dos aspectos futebolísticos do campo para características estéticas e físicas das atletas. É o que perceberam Medeiros e Santos (2012, n.p.) ao realizarem uma análise discursiva sobre a narração futebolística na transmissão de jogos de Futebol Feminino no Brasil. As autoras notaram, nas narrações, “constantes observações sobre a beleza das atletas, sobretudo no que se refere aos acessórios, rostos, pernas, cabelos, unhas, e também comportamento”. Para Medeiros e Santos (2012, n.p.), ocorreu “um processo de deslocamento na transmissão televisiva (a partir de seu narrador e comentaristas), dos aspectos técnicos e táticos do jogo, para a ênfase na dimensão estética”, demonstrando que a imprensa em geral, além do pouco espaço cedido ao futebol feminino, nem sempre evidencia os aspectos esportivos dos jogos entre as mulheres.

Reis e Souza Júnior (2012, n.p.) reiteram essa posição. Segundo eles, ao apresentar as mulheres esportistas à imprensa, na maioria das vezes, “primeiro como mulheres e depois como atletas” e, assim, “as esportistas que se enquadram no estereótipo de feminilidade são tratadas como ‘símbolos sexuais esportivos’, enfatizando-se o aspecto sexual e negligenciando-se a condição de esportista”. Nesse aspecto, os referidos autores criticam a estratégia midiática de “privilegiar a aparência das atletas e de impor padrões rígidos de feminilidade para mulheres” e sugerem que este “não [é] o melhor caminho para consolidar ou promover qualquer esporte” (REIS E SOUZA JÚNIOR, 2012, n.p.). Porém, é exatamente isso o que parece interessar à imprensa: a espetacularização do corpo feminino.

Relacionamos essa imposição midiática sobre as formas e os corpos das mulheres a uma violência simbólica que, segundo Bourdieu (2014, p. 26), está ligada a imposições de significações “por um poder arbitrário¹⁵, de um arbitrário cultural”. Para o referido autor, a violência simbólica está ligada a uma “violência legítima”, uma vez que os métodos de repressão/coerção são disfarçados por uma legitimidade previamente assumida nas relações, assegurando a hegemonia dominante. Essa imposição de significações sobre o que é ser feminino, o que é ser masculino, o que é esporte de homem e o que é esporte de mulher tende a condicionar a visão da sociedade sobre o ser mulher e atende a interesses sociais em relação

15 Bourdieu (2014) fala de dois tipos de arbitrário existentes numa relação de poder: o arbitrário da imposição, que só se sustenta em uma relação de poder, como por exemplo um conjunto de leis; e o arbitrário do conteúdo imposto (arbitrário cultural) onde determinado grupo social em posição dominante impõe sua visão de mundo, como por exemplo a ideia tida como consenso de que futebol é para meninos e ballet para meninas.

à manutenção desse *status quo*. Isso se reflete nas relações sociais nas quais a mulher encontra resistência de diversas formas, desde sua inserção na escola até o mercado de trabalho passando pela prática esportiva, enfim, na vida social como um todo. O poder da violência simbólica reside nessa conjuntura, ao mesmo tempo em que dissimula as relações de força e impõe sutilmente sua força simbólica.

Questionamos os imaginários sociodiscursivos em relação aos gêneros na imprensa e as recorrentes abordagens sexistas que, na nossa visão, acabam colocando a prática do futebol feminino em segundo plano. De acordo com Goellner (2005, p. 148), essa espetacularização do corpo da mulher é “incentivada em determinados locais sociais, em especial, aqueles que valorizam uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação, por exemplo, da beleza e da sensualidade”. A imprensa, como apenas mais um espectro da vida social, é exatamente um destes lugares. Caminha e Teixeira (2013, n.p.) falam da “espetacularização” do corpo feminino que, no contexto do futebol, passou a ser representado como “comédia”, “divertimento”, “espetáculo de inabilidade” e “caricatura”. Porém, é exatamente essa exacerbação do corpo feminino que interessa à imprensa que não cessa de reproduzir a violência simbólica contra a mulher.

Ao tratar das diversas formas de violência, Zizek (2014, p. 17) afirma que a violência física e visível a que estamos acostumados, que ele chama de “violência subjetiva”, é apenas a parte mais aparente desse processo. O autor sugere ainda dois outros tipos “objetivos” de violência, invisíveis, sustentadas por uma normalidade e que possibilitam a violência real: a violência “sistêmica”, relacionada às consequências “catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político” capitalista; e a violência simbólica “encarnada na linguagem e em suas formas”, que está relacionada à questão da imposição “de um certo universo de sentido” nas disputas de poder social. De certo modo, a violência sistêmica que perpassa o universo feminino e é emanada pela sociedade, acaba por refletir-se em violência simbólica, ou seja, na linguagem, quando esta adentra a imprensa.

Drawin (2016), por sua vez, amplia as categorias de violências objetiva e subjetiva, apresentadas por Zizek (2014). Para Drawin (2016), existem três níveis de violência: a violência cruenta, a violência simbólica e a violência sistêmica. A violência cruenta, segundo Drawin (2016, p. 23) está relacionada ao “que pode ser apresentado em imagens e podemos visualizar”. Ou seja, a uma ação violenta em si que tende a desencadear sentimentos: quando essa violência está distante de nós, nos indignamos; mas quando está próxima de nós, somos atingidos por ela. São esses sentimentos que, de acordo com Drawin (2016, p. 23), permitem banalizar a violência por meio de um “discurso incendiário simplificador e generalizante”,

onde determinado “seguimento da sociedade facilmente identificável como maléfico e ameaçador” é utilizado como “bode expiatório para inúmeras mazelas sociais graves e historicamente enraizadas”. Atualmente, nos deparamos com alguns exemplos na sociedade brasileira no que tange à criminalização de determinados grupos sociais, como fora há um tempo com as mulheres, que são colocados como responsáveis por todas as mazelas do país. No fim, essa violência cruenta à qual somos expostos, está ancorada sobre outro tipo de debate mais amplo: está relacionada a uma violência social enraizada na sociedade.

Um ato violento só se efetiva a partir do momento em que um ódio é aplicado sobre algum objeto por determinado grupo. Por isso, Drawin (2016, p. 29) se propõe a “examinar um nível logicamente anterior às explosões da violência cruenta”. De acordo com o autor, vivemos uma era pós-ideológica ou da “ideologia da des-ideologização”, no sentido em que a busca pelo bem comum e pela repartição de valores abriu espaço para uma “ênfase subjetiva e para a exacerbada expressão de nossas opiniões e sentimentos acerca de tudo”. Portanto, a violência simbólica está ligada à questão da ideologia.

Drawin (2016, p. 31) afirma que, em um mundo dominado pela violência, “no qual a ética se dilui na subjetividade das crenças pessoais, a distinção entre legalidade e não legalidade facilmente se superpõe à distinção entre moralidade e não moralidade”. O que é moral nem sempre é legal. É, nesse sentido, que justificam, por exemplo, a reação truculenta do exército, a fim de prevenir e combater a violência. São tais discursos incendiários, ou seja, toda essa construção simbólica, que respaldam a violência cruenta em si.

Por fim, tem-se a violência sistêmica. Sua parte visível, de acordo com Drawin (2016, p. 36), “consiste nos momentos de irrupção da violência cruenta como nos casos de guerras, revoluções e massacres”. A violência sistêmica se encontra em processos de longa duração como nas ditaduras.

Porém, o autor (2016, p. 37) atenta que essa violência sistêmica não é alimentada somente pelo crescimento da desigualdade, “mas atinge o conjunto das sociedades, mesmo aqueles que nelas podem ser vistos como privilegiados”. Segundo Drawin (2016, p. 35), o sistema funciona de modo a manter e reproduzir as “relações de dominação”.

Por isso, a violência profunda fica invisível e, sobretudo, não pode ser diagnosticada e compreendida, deixando como traço de sua efetividade apenas um resíduo de “mal estar”. É aqui que pensamos no caso do futebol feminino na imprensa. Este, como mais um espectro da vida social, atua de modo a manter as relações entre dominante e dominado e as posições sociais.

Assim, o tratamento dado pela imprensa ao esporte está diretamente ligado ao tratamento da sociedade brasileira para com a mulher. Essa diferenciação dos níveis de violência não implica em uma causalidade lógica entre elas. O mundo contemporâneo é complexo e contraditório. Atualmente, cada vez mais, as demandas de diferentes grupos sociais por reconhecimento têm-se sobreposto às injustiças sociais. No caso do futebol feminino e sua relação com a sociedade brasileira, incidimos que os níveis de violência propostos por Drawin (2016) se conectam: a violência simbólica exercida pela sociedade com a mulher como a ideia que circula de que “futebol não é coisa para mulher”, acaba sendo justificativa para a violência sistêmica como a criação de um projeto de lei que impedia a prática esportiva pelas mulheres e, ao mesmo tempo, permite que desencadeie a violência cruenta como as agressões contra mulheres ou grupos de mulheres esportistas.

A violência é inerente à cultura, sendo uma condição do próprio ser humano. Drawin (2016, p. 18) diz que “a barbárie não é uma exterioridade em relação à civilização, é o seu outro lado, talvez sombrio, contudo, a ela intrínseco”. O autor apresenta a violência como um fenômeno “banal” e perturbador. Em suma, existem diversos tipos de violência e diferentes meios para enfrentá-las como manifestações, reivindicações e até sanções sociais.

A fim de confrontar a violência, Drawin (2016) sugere a necessidade de certo distanciamento do problema sem, no entanto, deixar de interferir nele, afinal de nada adianta teoria sem prática e vice-versa. Como diria Zizek (2014), devemos “dar um passo para trás” ante à violência objetiva que subjaz aos nossos olhos e pensarmos nas violências subjetivas para compreendermos a normalização dos atos violentos, por exemplo, contra grupos ou entidades marginalizadas e excluídas socialmente como as mulheres e as praticantes do futebol feminino.

No Brasil, o futebol feminino é silenciado pela imprensa, segundo Januário, Cardoso e Veloso (2016, n.p.). Pouco se fala no assunto na imprensa local, e quando aborda, não aprofunda e cede pouco espaço às protagonistas. As principais abordagens são sexistas com constantes comparações com o futebol masculino ou apelo incessante a questões estéticas.

Nesse sentido, acontece a violência simbólica da imprensa brasileira para as mulheres futebolistas onde, segundo Zizek (2014, p. 50), “a linguagem simplifica a coisa designada, reduzindo-a a um simples traço”. Portanto, mesmo no futebol feminino, o protagonismo nem sempre é da mulher, em decorrência da atuação da própria imprensa que, muitas vezes, não as coloca como protagonistas, transformando, assim, a violência sistêmica sofrida pela mulher na sociedade em violência simbólica por meio da evocação de imaginários sociais como inferioridade e incapacidade das mulheres para a prática esportiva.

Santos e Medeiros (2012, n.p.) sugerem que devemos estar sempre atentos de modo a transformar “as narrativas” em torno “do futebol feminino”. Para além da atuação dos meios de comunicação, é necessário pensarmos na construção social como um todo em torno da modalidade e no papel social de todos nós, enquanto cidadãos, na consolidação destes imaginários.

A popularização da *internet* permitiu que cada vez mais o jornalismo alternativo ganhe espaço a fim de (re) significar estas relações entre gêneros no esporte que, de certo modo, refletem as relações de poder na sociedade, o que veremos adiante. Nos últimos anos, surgiram projetos como o Dibradoras¹⁶ e o Planeta do Futebol Feminino¹⁷, entre outros, nos quais mulheres colocam o futebol feminino em primeiro plano com notícias sobre os jogos e questões que afetam a modalidade em geral. Ao mesmo tempo, levantam debates relevantes acerca das relações entre gêneros no esporte. De modo geral, vimos que na imprensa tradicional a representação do futebol feminino ainda é escassa e falha, as coberturas raras e rasas.

O esporte na imprensa é predominantemente masculino. Martins e Moraes (2007, n.p.) tecem uma crítica quanto “à parcialidade nos meios de comunicação no que concerne ao gênero”. Os autores concluíram que é importante debater essa “questão na sociedade brasileira, despertando de seu estado de dormência, pela forma como tem sido tratado o futebol feminino pela mídia, não apenas pelo que se diz mas também pelo silêncio sobre ele”. O futebol feminino, enquanto esporte de alto rendimento, é silenciado pela imprensa e pela sociedade brasileira. Por isso, se fazem-se necessárias, cada vez mais, iniciativas como as citadas acima, a fim de combater a violência simbólica relacionada à imposição de sentidos sobre a mulher futebolística.

1.4 Considerações Finais

Em geral, o futebol feminino é atualmente admitido pela sociedade brasileira, porém ainda não tem a mesma representatividade que o futebol masculino. Muito disso devido ao tratamento social para com a mulher. Como vimos neste capítulo, a história do futebol praticado pelas mulheres se relaciona com as lutas por reconhecimento travadas por elas nos últimos séculos. Desde o início, as mulheres enfrentam dificuldades para praticar futebol no

16 www.dibradoras.com.br. Acesso em 15/05/2018.

17 www.planetafutebolfeminino.com.br. Acesso em 15/05/2018.

país. Por tempos, foram afastadas do esporte a partir de imaginários como a fragilidade e a limitação de seu corpo, que se arraigaram na sociedade, transformando-se inclusive em sanções sociais na forma de leis que coibiram, por décadas, determinadas práticas esportivas pelas mulheres.

Os saberes veiculados no senso comum acabam perpassando outras áreas da sociedade como a escola e a imprensa. Na instituição escolar, desde cedo, as crianças são condicionadas a se portarem de determinados modos e assumirem certos papéis de acordo com o gênero binário (masculino e feminino) o que, como vimos, atende a um ideal heteronormativo. No entanto, como colocamos, em nossa visão, tanto o sexo quanto o gênero são culturalmente construídos nas performances e práticas sociais que constituem a própria identidade, que por sua vez não é estável e está sempre em construção. Logo, tal diferenciação, entre esporte de meninos e esporte de meninas, não faz sentido. Porém, isso não cessa de acontecer e, de certo modo, as relações entre gêneros continuam atendendo a um ideal heteronormativo o que acaba influenciando na iniciação esportiva pelas mulheres.

Neste capítulo, debatemos a construção social em torno dos gêneros e como isso reflete-se em diferentes práticas sociais como o futebol. Discutimos também como o futebol feminino foi introduzido na sociedade brasileira e sua relação com a imprensa de um modo geral. Tais debates nos auxiliarão no próximo capítulo a compreender a abordagem atual da imprensa sobre a modalidade, na medida em que esta não pode ser deslocada da sociedade. Como vimos, todo esse tratamento social para com a mulher refratou-se de modos diversos no esporte, influenciando desde a inicialização esportiva das meninas, até a aceitação social do futebol feminino, passando por sua estruturação e organização, refletindo-se inclusive no tratamento e divulgação da modalidade pela imprensa.

CAPÍTULO III - ANÁLISE

3.1 Considerações iniciais

No presente capítulo, analisamos os imaginários sociodiscursivos difundidos pela ESPN sobre o futebol feminino no Brasil por meio das fontes que falam nas notícias sobre o tema. Nosso objetivo é mapear e descrever quais imaginários os sujeitos reverberam e em quais saberes sustentam-se, procurando investigar quem são as fontes que têm espaço na imprensa para falar sobre o assunto, o que, onde, como e por que falam. Por fim, discutimos as relações de poder subjacentes à escolha dessas fontes e suas relações com os imaginários suscitados pela ESPN.

O *corpus* de análise é constituído por 12 notícias da ESPN, portal online de notícias sobre esportes. Surgido a partir de um canal de televisão por assinatura de mesmo nome, fundado em 1995, tal veículo, representativo do segmento especializado, foi investigado no período de seis meses, entre janeiro e junho de 2017.

O recorte empreendido na pesquisa partiu da seleção de conteúdo dado a partir de notícias contendo a *tag* (palavra-chave) “futebol feminino”, atribuída pelo próprio *site* no período citado. Posteriormente, separamos as matérias escritas, foco de nossa análise, das reportagens em vídeos e galerias de fotos. Diante desse material, realizamos uma leitura preliminar do conjunto de textos, aplicando nova seleção temática, determinando a exclusão de matérias que não têm relação direta ou não abordam o tema do futebol feminino, mesmo que originariamente classificadas pelo *site* com a *tag*. Para a constituição do *corpus*, selecionamos as duas primeiras matérias de cada mês no referido *site* que se enquadram nos critérios acima e, ainda, apresentam fontes jornalísticas em citações diretas e/ou indiretas, chegando a um total de 12 notícias, as quais constituem o *corpus* de nossa pesquisa.

Nossa análise ocorre nas seguintes etapas, tendo como base a TS charaudeana:

- I) Mapeamento da dimensão situacional do contrato de comunicação, procurando observar como funcionam as regras do jogo de expectativas: quem são os sujeitos e as fontes autorizadas a poder dizer no *corpus*, qual gênero se enquadra o material, quais estatutos e efeitos pretendidos.
- II) Em um segundo momento, em cada notícia, procederemos a uma análise da dimensão textual e discursiva, perpassando por: modo de organização do discurso; quem fala (*ethos* e classificação das fontes); quais emoções projetadas no auditório (*pathos*);

quais as marcas textuais que podemos identificar a gênese de saberes de conhecimento e crença.

- III) Por fim, debatemos quais os imaginários sociodiscursivos perpassam as notícias do *corpus*, relacionando a ancoragem da gênese de saberes às questões históricas e sociais, tal como seu impacto na construção da visão social sobre o futebol feminino.

3.2. Dimensão situacional

Para fins de análise, adotamos a TS charaudeana, o que direciona, em um primeiro momento, a analisarmos a dimensão situacional das matérias que constituem nosso *corpus* de análise, a saber: os sujeitos, os gêneros discursivos, estatutos e efeitos pretendidos. A situação de comunicação é vista aqui como primeiro passo analítico necessário para a investigação dos imaginários sociodiscursivos evocados pelos sujeitos dentro de um contexto específico. As condições do contrato de comunicação (quem são os sujeitos e qual o gênero discursivo) interferem no processo de construção dos imaginários, podendo direcionar, de certo modo, o receptor quanto às expectativas do contrato. De modo concomitante, auxiliam na análise da dimensão discursiva da situação de comunicação onde se encontram, entre outros aspectos, os imaginários sociodiscursivos. Como estes imaginários não podem ser analisados isolados do mundo faz-se necessário compreendermos a situação comunicativa em que emergem.

Na perspectiva da TS charaudeana, um ato de linguagem não pode ser reduzido a uma simples troca de informação entre fonte e jornalista ou entre jornalista e leitor. De acordo com Charaudeau (2009), o ato de linguagem é regido por um contrato de comunicação previamente estabelecido entre as partes que determina, entre outras coisas, o que, quando, como e porque dizer. Porém, há que se levar em conta que existe um espaço de estratégias dentro de tais contratos onde os sujeitos procuram legitimar seu discurso. As posições não são estáveis e o sujeito assume máscaras, sociais e discursivas, a cada turno de fala de acordo com o papel desempenhado no contrato. O autor (2009) distingue como já vimos os sujeitos do discurso em quatro: na instância interna à situação de comunicação temos o EUE e o TUD; na instância externa à situação de comunicação encontramos o EUC e o TUI.

Esse ato de linguagem, seja ele materializado de forma verbal ou textual, possui certas características e regularidades que permitem agrupá-los em gêneros. Segundo Charaudeau (2004), é o gênero que indica ao receptor as restrições do contrato comunicacional e como se portar diante do outro sujeito. Para além disso, devemos levar em conta ainda o estatuto, real ou ficcional, do ato de fala, assim como os efeitos projetados, de realidade ou de

ficcionalidade, projetados pelos sujeitos no discurso. No entanto, para analisarmos os sujeitos discursivos enquanto fontes jornalísticas convocadas pela imprensa a falar, consideramos que mesmo estas fontes atuam na colaboração da apuração das informações e na co-enunciação destas notícias.

Uma informação pode variar de acordo com o recorte do fato ou com o enfoque dado pela fonte, que age de acordo com seus princípios e interesses, resguardando sua imagem pessoal e do grupo ou instituição que representa. Schmitz (2010) categoriza, inicialmente, as fontes em primárias e secundárias de acordo com sua proximidade com o fato e o enfoque feito pela fonte. Diante desta classificação, nas matérias analisadas no site ESPN, as fontes consultadas são sempre primárias, ou seja, têm relação com o fato envolvido: são materiais bibliográficos, palavras de dirigentes de futebol, de treinadores e das próprias jogadoras, referentes ao fato noticiado.

Notamos a utilização de fontes primárias, ou seja, diretamente relacionadas ao fato noticiado, com o intuito de validar a informação e, ao mesmo tempo, a falta de um olhar externo, que seriam as fontes secundárias, para debater o fato noticiado. As fontes primárias possuem ainda determinado *status* social, que empresta credibilidade ao conteúdo noticiado, criando efeitos de veracidade, a fim de tornar a narrativa uma objetividade irrefutável. Tal estratégia argumentativa procura levar o leitor a acreditar que o fato, em si, existiu da forma como o veículo retrata. A tabela 1 resume os sujeitos discursivos e suas atribuições nas matérias do site ESPN dentro da dimensão situacional da TS charaudeana.

Tabela 1. Análise da dimensão situacional da TS nas matérias do site ESPN sobre o futebol feminino

Matéria	Sujeitos do Discurso	Gênero & estatuto	Efeitos
2017 ^a	EUC: Gazeta Press e ESPN. EUe: site de notícias esportivas TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^b	EUC: Agência EFE e ESPN. EUe: site de notícias esportivas TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^c	EUC: Agência Gazeta Press e ESPN. EUe: site de notícias esportivas TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^d	EUC: Gabriela Moreira e ESPN. EUe: site de notícias esportivas TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^e	EUC: Agência EFE e ESPN. EUe: site de notícias esportivas TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol em geral	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^f	EUC: Agência EFE e ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol em geral	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^g	EUC: Gazeta Press e ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^h	EUC: ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ⁱ	EUC: ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^j	EUC: ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^k	EUC: ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade
2017 ^l	EUC: Agência EFE e ESPN. EUe: site de notícias esportiva TUD: leitores do site TUi: torcedores de futebol feminino	Jornalístico – Factual	Factualidade – de verdade

FONTE – Dados do estudo elaborados pelo autor.

Diante da classificação proposta por Charaudeau (2009), nas matérias analisadas no site ESPN, de modo geral, os sujeitos do discurso se mantêm estáveis. Em 58% das matérias, temos, na instância externa, o EUc como o site ESPN e alguma agência internacional de notícias como co-enunciadora: Gazeta Press em três matérias (ESPN, 2017a; 2017c; 2017g) e a Agência EFE em quatro matérias (ESPN, 2017b; 2017e; 2017f; 2017l). No caso específico da situação de comunicação que analisamos, no EUc aparecem também as fontes de informação como co-enunciadoras do contrato, enquanto o TUi, em geral, são os torcedores e leitores de notícias sobre o futebol feminino. Já na instância interna temos o EUe como sendo frequentemente o site de notícias esportivo, que fala para um TUD que são, em geral, os leitores do site. Tal composição acaba por impactar no jogo de expectativas do contrato comunicativo, pois ao ter em mente um leitor ideal, a ESPN tende a direcionar a argumentação e o conteúdo de seu material jornalístico para esse público.

Os outros 42% das matérias do *corpus* variam: há um conteúdo próprio produzido pelo site, como percebemos em 33% das matérias analisadas (ESPN, 2017h; 2017i; 2017j; 2017k), tendo somente a ESPN e a fonte de informação como EUc. O restante da estrutura analisada nas outras matérias, EUe, TUi e TUD, se mantém.

Temos ainda uma única notícia assinada por uma jornalista, Gabriela Moreira dentro do blog “Gabriela Moreira” (ESPN, 2017d), que corresponde a 9% do total do *corpus*. A blogueira Gabriela Moreira e o site ESPN (EUc) buscam informar os torcedores dos clubes femininos (TUi) e os leitores do site em geral (TUD), que, por sua vez, validam as informações recebidas do enunciador enquanto site de notícias esportivo (EUe). Logo, essa diferenciação de sujeitos vai influir no modo de recepção e produção de sentidos, pois uma informação oriunda de um veículo de comunicação como a Agência Gazeta Press diverge de uma informação oriunda de uma blogueira, podendo passar menos ou mais confiança de acordo com o estatuto do receptor.

Na primeira matéria analisada (ESPN, 2017a), por exemplo, o site *ESPN* e a Gazeta Press (EUc) buscam informar aos leitores e torcedores dos clubes femininos no Brasil (TUi) sobre o sorteio das equipes que disputarão o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. Estes, por sua vez, interpretam a notícia enquanto leitores do site (TUD) que recebem a informação de um veículo de notícias esportivo (EUe). Já na segunda matéria analisada (2017b), a ESPN e Agência EFE (EUc) buscam informar aos leitores e torcedores dos clubes femininos (TUi) sobre o caso de assédio que resultou na demissão do treinador da equipe de futebol feminino do Nacional do Uruguai. Por sua vez, enquanto desempenham o papel de leitores do site em geral (TUD), analisam as informações oriundas de um portal de notícias

esportivas (EUE). Esse quadro charaudeano dos sujeitos nos mostra que estamos diante de uma imprensa com um público segmentado, ou seja, a potência comunicativa tal qual se pregou para uma imprensa tradicional feita em larga escala aqui mostra-se limitada. Trata-se de um público específico e, conseqüentemente, o impacto social é menor.

O gênero, seja ele qual for, é a face visível das condicionantes de restrições ao poder dizer. Os textos do *corpus* se enquadram no gênero notícia. Na introdução, apresentam o *lead* jornalístico (o que, quem, onde, como, quando e porque) como percebemos, por exemplo, no primeiro parágrafo da matéria 2017k.

O time juvenil feminino do Club Sportivo San Lorenzo, no Paraguai, resolveu protestar contra o descaso dos dirigentes antes da partida contra o Club Humaitá, no último domingo. As jogadoras entraram em campo pintadas com barbas e bigodes em busca da igualdade de tratamento no futebol do país (ESPN, 2017k).

Nessas matérias, o próprio jornalista ou agência responsável se confunde com o jornal a partir do apagamento da autoria do sujeito, característica condicionante do gênero jornalístico, a fim de criar efeitos de veracidade a partir de uma naturalização das condições de produção. Ou seja, gera um efeito de apagamento do *ethos* do eu jornalista, o qual se confunde com o próprio gênero. Desse modo, o leitor não tende a não perceber como é construído aquele recorte e tende a acreditar que os fatos de mundo são objetivamente aqueles, o que interfere nos impactos e efeitos de veracidade. Assim, tem-se o ideal de objetividade, característica inerente ao jornalismo, para aquele relato de mundo. As pessoas tendem a entender tal relato como verdadeiro, imparcial e único possível.

Em nosso *corpus*, no geral, nos deparamos com textos curtos e diretos, que trazem informações contemporâneas e de interesse do público, com apuração e que apresentam fontes de informação para afirmar ou contrapor os fatos. Logo, pela característica inerente às matérias jornalísticas, o material analisado como um todo é factual e produz efeitos de veracidade. Aqui, diferente do conteúdo ficcional com efeitos de ficcionalidade que apresentam metáforas sobre a realidade, o estatuto factual apresenta um fato e busca fazer crer o interlocutor que este realmente ocorreu como tal. No caso do material analisado na ESPN, são acontecimentos que o site informa a seu leitor como, por exemplo, a apresentação de novos conselheiros da UEFA (2017e), a demissão do treinador da equipe feminina do Nacional do Uruguai (2017b) ou ainda o início da primeira competição de base do futebol feminino no Brasil, o “Paulista sub-17”, ocorrido no primeiro semestre do ano passado (2017d). Esse estatuto de veracidade está diretamente relacionado aos imaginários sociodiscursivos, ao *ethos* e ao *pathos*.

Porém, como já dissemos, para analisar estes sujeitos enquanto fontes jornalísticas há de se levar em conta as características específicas dessas fontes. Desse modo, chegamos à classificação sugerida por Schmitz (2010) das fontes jornalísticas no *corpus* extraído do site *ESPN*, conforme a tabela 2, a seguir.

Tabela 2. As fontes que falam nas matérias do site ESPN sobre futebol feminino de acordo com a classificação de Schmitz (2010).

Fonte	Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Manoel Flores, diretor de competições da CBF.	Primária	Institucional	Ativa	Identificada	Fidedigna
José Luis Rodríguez, presidente do clube Nacional – URU	Primária	Institucional	Proativa	Identificada	Fidedigna
Carli Lloyd, jogadora de futebol.	Primária	Institucional	Proativa	Identificada	Fidedigna
Aline Pellegrino, ex-capitã da Seleção e diretora do Departamento Feminino da Federação Paulista de Futebol.	Primária	Institucional	Proativa	Identificada	Fidedigna
Nadine Kessler, conselheira da UEFA para o desenvolvimento do futebol feminino	Primária	Institucional	Proativa	Identificada	Fidedigna
Aleksander Ceferin, presidente da UEFA	Primária	Individual	Proativa	Identificada	Fidedigna
Fatma Samoura, secretária-geral da Fifa	Primária	Individual	Proativa	Identificada	Fidedigna
Marta, jogadora de futebol	Primária	Testemunhal	Proativa	Identificada	Fidedigna
Dani Rodrigo, treinador do AEM de Lleida	Primária	Institucional	Proativa	Identificada	Fidedigna
Revista <i>FourFourTwo</i>	Primária	Referência	Passiva	Identificada	Fidedigna
Hope Solo, goleira da seleção americana feminina de futebol	Primária	Individual	Proativa	Identificada	Fidedigna
<i>Fanpage</i> da equipe de futebol feminino do San Lorenzo – PAR na rede social <i>facebook</i>	Primária	Referência	Passiva	Identificada	Fidedigna
José Miguel Giménez, técnico da equipe de futebol feminino do San Lorenzo – PAR	Primária	Institucional	Reativa	Identificada	Fidedigna
Marta, capitã da seleção brasileira de futebol feminino	Primária	Institucional	Proativa	Identificada	Fidedigna

Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

Conforme abordaremos a seguir, nas matérias constituintes do *corpus* desta pesquisa, quando as mulheres são permitidas pela ESPN a falar sobre o futebol feminino, ocorre pela sua proximidade com o fato e nunca por seu conhecimento notório especializado. Temos, assim, um primeiro indício das características de tratamento e hierarquização das fontes jornalísticas, o que nos auxiliará na análise dos imaginários sociodiscursivos reverberados pelas mesmas.

Quando se fala, tal dizer representa algum ideal ou segmento social. Nas notícias analisadas no site *ESPN* sobre futebol feminino, a maioria das fontes é institucional, representando alguma entidade como um clube de futebol. Os sujeitos autorizados a poder dizer são:

- Dirigentes como José Luis Rodríguez, presidente do Nacional do Uruguai (ESPN, 2017b). De modo semelhante, estão presentes dirigentes de entidades e federações como Manoel Flores, diretor de competições da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (ESPN, 2017a); Aline Pellegrino, diretora do Departamento Feminino da Federação Paulista de Futebol (ESPN, 2017d); Fatma Samoura, secretária-geral da Fifa (ESPN, 2017f); ou Aleksander Ceferin, presidente da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) (ESPN, 2017e).
- Treinadores de clubes como Dani Rodrigo, do time feminino AEM de Lleida (ESPN, 2017h); e José Miguel Giménez, técnico da equipe feminina do San Lorenzo (ESPN, 2017k).
- Jogadoras, na posição de fontes institucionais ou testemunhais, tais como Carli Lloyd, atleta recém-contratada pelo Manchester City (ESPN, 2017c); ou Hope Solo, goleira da seleção americana de futebol feminino e escolhida entre os 100 atletas mais influentes do ano (ESPN, 2017j); Marta, capitã da seleção brasileira de futebol feminino (ESPN, 2017l; 2017g); além de Nadine Kessler, ex-jogadora e nova integrante da diretoria da UEFA na condição de conselheiras para o desenvolvimento do futebol e da modalidade feminina (ESPN, 2017e).
- Fontes documentais, com a utilização de referências a outros veículos de comunicação, como a revista inglesa *FourFourTwo* (ESPN, 2017i); e da página do elenco do San Lorenzo na rede social *facebook* (ESPN, 2017k).

No espectro acima, temos mais uma característica que nos ajudará na análise dos imaginários sociodiscursivos emitidos pelas fontes: as fontes escolhidas para dizer nas matérias estão, na maioria das vezes, diretamente ligadas a entidades ou grupos sociais, o que

tende a refletir na opinião emitida pela fonte e na construção de sua argumentação, pois, mesmo que seja uma opinião pessoal, está respaldada pelo grupo que representa, gerando efeitos de credibilidade ao dizer. Em algumas vezes, identificamos a opinião direta da instituição nas matérias que utilizam referências (ESPN, 2017i; 2017k) a fim de respaldar a informação.

Uma vez que o dizer da fonte é direcionado, de certo modo, pelas perguntas e o recorte do jornalista, ela é instigada a agir seja de modo ativo, proativo, passivo ou reativo (SCHMITZ, 2010). Nas matérias analisadas, vemos a incidência de fontes proativas, ou seja, as quais, pela visibilidade e o reconhecimento do papel que ocupam, auxiliam o jornalista com informações exclusivas como os presidentes e diretores de clubes e federações, jogadores e ex-jogadores de futebol. As exceções são poucas como as fontes passivas (2017i; 2017k) que não interferem na informação, uma vez que são recortes de comunicados oficiais, e a fonte ativa (2017a), que discursou em um evento organizado pela instituição que representa.

Para uma investigação sobre as fontes jornalísticas, também é necessária a identificação da fonte. Se a fonte é identificada, terá mais credibilidade frente ao público. Se for anônima, pode gerar dúvida e incerteza, porém, tal estratégia se mostra válida em detrimento do princípio da informação a qualquer custo (SCHMITZ, 2010). Nas notícias analisadas no site ESPN, todas as fontes são identificadas, não ocorrendo anonimato. Além da identificação, Schmitz (2010) atenta que há de se levar em conta também as qualificações das fontes: sua relação com o jornalista e sua imagem diante do público. Ainda de acordo com a classificação de Schmitz (2010), nas matérias analisadas, nos deparamos com fontes fidedignas, ou seja, pessoas notadamente destacadas em seus meios e que tem proximidade com os fatos noticiados como presidentes e dirigentes de federações e clubes de futebol, treinadores, jogadoras e ex-jogadoras de futebol. As exceções são as fontes passivas das matérias: uma citação de um site de notícias internacional (ESPN, 2017i); e uma citação da *fanpage* no clube na rede social *facebook* (ESPN, 2017k).

Mesmo que no futebol feminino as mulheres sejam as personagens principais, nem sempre assumem o protagonismo na imprensa especializada sobre o assunto. Algumas matérias sobre o tema trazem entrevistas com homens ou entidades como fontes de informação e, muitas vezes, não apresentam a voz das mulheres. Especificamente, no conjunto das matérias que analisamos, identificamos 14 fontes. Destas, 50% (7 ocorrências) são mulheres; 36% (5 ocorrências) são homens; e 14% (2 ocorrências) são documentos referenciados. Do total das fontes mulheres, em 58% (4 ocorrências do total geral de fontes), quem fala são as jogadoras, protagonistas do jogo. Parte das vezes as mulheres falam a partir

do cargo que ocupam em entidades ou instituições ligadas ao futebol. Percebemos assim a falta de fontes secundárias, ou seja, a mulher é sempre contactada enquanto fonte primária e testemunhal, que presenciou ou vivenciou o fato. Portanto, quando se necessita de uma fonte secundária que está longe do fato ocorrido e possui um saber especializado sobre o assunto a mulher não tem espaço de dizer e não é convidada a opinar.

No mesmo período, procuramos observar em notícias sobre futebol masculino de forma empírica¹⁸ como aparecem as fontes de atletas homens e notamos uma diferenciação no tratamento: enquanto na notícia de um jogo de futebol feminino, como vimos, as mulheres protagonistas do espetáculo tem pouco espaço de dizer, na cobertura de um jogo de futebol masculino os homens que desempenham diferentes papéis são convidados a falar como jogadores de ambas as equipes, treinadores, dirigentes.

Ao ser informado pelo olhar masculino sobre o futebol feminino, a ESPN ajuda a reconstruir uma estrutura social heteronormativa, tal como apresentado nos estudos de Butler (2003) e Capraro e Chaves (2007), por exemplo, debatidos nos capítulos anteriores, em que as mulheres não ocupam uma posição de destaque, pois apesar de em alguns casos estarem em cargos de poder, há um silenciamento das atletas, protagonistas do jogo. Ao negar espaço de poder dizer para as atletas, o site analisado em questão corre, de certo modo, o risco de distorcer o universo do futebol feminino ao apresenta-lo pelo viés masculino. Pela estatística acima, a mulher pode dizer, mas a ESPN não retrata todo o espectro do universo feminino do futebol tal como no masculino.

Quando uma fonte aparece em um jornal, seu dizer é recortado e editado, deslocando-se do contexto original. Desse modo, a fonte torna-se co-enunciadora do jornal naquele contrato de comunicação e tal condição gera um apagamento da personalidade do sujeito. Assim, o veículo utiliza o estatuto da fonte para gerar efeitos de credibilidade e veracidade em seu dizer. Em todas estas matérias do *corpus*, as mulheres se apresentam como fontes primárias, ou seja, tem sempre relação com o fato ocorrido.

Na atribuição do poder dizer a uma fonte primária dada pela imprensa, o sujeito poderia arregimentar tanto saberes de conhecimento quanto de crença, de acordo com Charaudeau (2007), pois podem emitir, ao mesmo tempo, uma opinião técnica ou pessoal sobre o fato. Contudo, as fontes institucionais enunciam em nome do clube ou entidade que representam, tendo pouco espaço para a individualidade e logo tendem a apresentar uma opinião coletiva, essencializada pelo grupo ou coletividade que representa. São identificadas e

¹⁸ No mesmo período, entre janeiro e junho de 2017, observamos no próprio site ESPN e também no globoesporte.com matérias sobre o futebol masculino.

atuam enquanto fontes proativas, sendo reconhecidas como fidedignas devido à posição social que ocupam, auxiliando os jornalistas na obtenção de informação em troca do reconhecimento e da visibilidade proporcionados pela imprensa. Cabe ressaltar que as características das fontes que falam nas matérias são importantes para uma análise dos imaginários sociodiscursivos, na medida em que o que as fontes falam estão diretamente ligadas às posições e papéis sociais que desempenham diante do jornalista e do público.

3.3 Dimensões Textual e Discursiva

Na dimensão situacional da TS charaudeana, vimos os componentes que fazem parte da situação de comunicação como os sujeitos do discurso e o gênero discursivo em que se enquadram o material de análise. É esta situação de comunicação que orienta os sujeitos dentro do contrato de comunicação. Porém, como vimos no primeiro capítulo, de acordo com Charaudeau (2009), é na dimensão discursiva, foco de nossa análise, onde encontramos as características do discurso proferido dentro dessa situação comunicativa, como os modos de organização do discurso, o *pathos*, o *ethos* e os imaginários sociodiscursivos.

A primeira notícia que constitui nosso *corpus* de análise (ESPN, 2017a) descreve o resultado do sorteio dos grupos do Campeonato Brasileiro de futebol feminino de 2017, realizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em sua sede. Essa matéria (ESPN, 2017a) apresenta os modos de organização do discurso enunciativo e descritivo, o que ocorre 33% das vezes dentro do *corpus* de análise.

Primeiramente, a ESPN e a Gazeta Press enunciam o acontecimento: sorteio dos grupos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino pela CBF. Depois descrevem o formato como ocorreu o sorteio, com 16 times separados em dois grupos. O modo enunciativo está presente em todo discurso, sendo característica inerente a qualquer enunciado.

Já o modo descritivo busca despertar no leitor determinada imagem do objeto descrito e, para atender as expectativas do contrato de comunicação, deve relatar de modo compreensível os detalhes do acontecimento através dessa descrição. Conseqüentemente, o modo como o discurso é organizado em todas as notícias interfere na projeção dos imaginários sociodiscursivos, pois está diretamente ligado as expectativas e restrições do contrato de comunicação e acaba por delimitar o dizer. Esse modo de organização discursiva enunciativo-descritivo integra, de certa forma, o padrão jornalístico que supostamente traz sempre um conhecimento novo a quem não o possui e em todas as matérias que apresentam essa mesma organização, isso se repete.

A notícia (ESPN, 2017a) refere-se a ações por parte da entidade responsável pelo futebol no Brasil, a CBF, em relação ao futebol feminino, mas não significam uma mudança efetiva. Uma vez que – no contrato de comunicação cada enunciado é uma aposta que fazemos, uma vez que não podemos controlar as reações do outro – cada fonte utiliza suas estratégias para fazer o interlocutor crer. Entre elas está o *ethos*, imagem do enunciador sustentada no discurso, que, neste caso, é de potência para falar sobre o futebol feminino a partir do cargo que ocupa na diretoria da CBF. Há de se levar em conta, porém o processo de co-construção desse *ethos* na imprensa, que, por vezes, se confunde com o próprio gênero jornalístico onde há um apagamento do sujeito que, por sua vez, se confunde com o próprio veículo. Esse processo se repete em todas as notícias do *corpus* analisado.

Ao relatar o sorteio dos grupos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino na matéria (ESPN, 2017a), a ESPN e a Gazeta Press suscitam as categorias patêmicas de simpatia, que perpassam 66% das matérias do *corpus*, a esperança que aparece em 50% destas, e a atração, que se repete em 33% das vezes, buscando, assim, ganhar a confiança do leitor ao reforçar o estatuto de veracidade do contrato, o que afeta diretamente a projeção dos imaginários sociodiscursivos. A simpatia é orientada a favor de algo ou alguém, aqui no caso do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, onde o sujeito liga suas crenças morais ao estado do que considera perseguido como as praticantes de futebol feminino e busca ajudar a aliviar o sofrimento deste de alguma forma, aqui no caso através da realização da competição. Já a esperança tem efeitos positivos, é desencadeada por algo que representa benefício para o sujeito, como o campeonato brasileiro de futebol feminino para as praticantes da modalidade, e o faz mover crenças e representações positivas acerca do fato. Por fim, na atração, o sujeito volta-se para um benfeitor e constrói uma imagem positiva deste, e a única atitude possível é aprovar sua ação. No caso aqui a atitude da CBF em realizar a competição. Nesta matéria (ESPN, 2017a), a fala imputada à fonte, o diretor de competições da CBF Manoel Flores, busca simpatizar e atrair a atenção do público para a competição ao sugerir o investimento financeiro no futebol feminino e, desse modo, despertar o interesse e aguçar as expectativas em relação ao início da competição projetando e acreditando no sucesso da mesma.

Nesse contexto, o site ESPN apresentou o seguinte enunciado atribuído à fonte, o diretor de competições da CBF, Manoel Flores:

- E 01 - "Teremos esse ano a Série A1 e A2. Ambas as competições terão atrativos financeiros para os clubes participantes. Acreditamos muito no sucesso das competições", afirmou Flores". (ESPN, 2017a).

A fonte é um homem que, inicialmente, por representar uma instituição que historicamente não investe na modalidade no Brasil, pode suscitar dúvidas. Porém, como estratégia ele fundamenta o primeiro imaginário desta notícia (ESPN, 2017a): de investimento na modalidade, baseado em um saber de conhecimento do tipo científico, que pode ser provado, demonstrado como notamos no primeiro excerto: “Teremos esse ano a série A1 e A2” (ESPN, 2017a). Ao mesmo tempo, ancora esse imaginário de investimento na modalidade em um saber de crença, enquanto uma opinião coletiva, essencializada pelo grupo ao qual a fonte pertence e a fim de respaldar seu dizer como percebemos no segundo trecho do excerto: “Ambas as competições terão atrativos financeiros para os clubes participantes” (ESPN, 2017a), o que leva a crer que haverá um aumento na premiação do Brasileirão de futebol feminino, mas não pode ser provada empiricamente. O imaginário de um maior investimento na modalidade surge justamente porque, de um modo geral, há uma falta de investimento nos esportes praticados por mulheres, como percebemos nos estudos de Goellner (2005) e Capraro e Chaves (2003), ou mesmo a falta de incentivo para que elas joguem futebol como notamos nos estudos de Darido (2002) e o de Busso e Daolio (2011) discutidos nos capítulos anteriores. Essa condição reverbera das relações sociais de poder dentro de uma cultura heteronormativa como discutimos a partir de Butler (2003) no segundo capítulo: as mulheres que não atendem ao ideal de feminilidade projetado pela sociedade como as jogadoras de futebol, tendem a ser colocadas em segundo plano.

O outro imaginário sociodiscursivo que surge nesta notícia (ESPN, 2017a) é o de confiança no êxito das iniciativas em torno da modalidade, baseado também em um saber de crença enquanto uma opinião coletiva, essencializada pelo grupo que a fonte representa, como notamos a partir do seguinte trecho do excerto: “Acreditamos muito no sucesso das competições” (ESPN, 2017a). Ao reafirmar esse imaginário de confiança no êxito da modalidade por parte da entidade responsável pelo esporte no país, acabam, de certo modo, reconhecendo que as competições de mulheres não são legitimadas socialmente enquanto forças tal como nos demonstraram os estudos de Reis e Arruda (2011) e Capraro e Chaves (2007), debatidos no segundo capítulo e que, assim, precisam ter sucesso para provar o seu valor. Em um primeiro momento no recorte do material analisado, notamos que a mulher não é valorizada pela imprensa na abordagem do futebol feminino, pois mesmo que ela obtenha espaço de fala diante da posição que ocupa próxima ao fato ocorrido, reiteramos que as jogadoras, protagonistas do jogo, na maioria das vezes não surgem como fontes de informação. No entanto, o que percebemos aqui é uma mudança de perspectiva: como estratégia, suscitam, por exemplo, o *pathos* de esperança, no sentido de que essa lacuna que

tange a valorização da mulher no esporte seja preenchida a partir de ações da entidade responsável pelo esporte no Brasil. Ao evocar a esperança no entanto, acabam reconhecendo o cenário atual de desvalorização das futebolistas.

A segunda notícia de nosso *corpus* de análise (ESPN, 2017b) aborda sobre o caso de assédio que resultou na demissão do treinador da equipe de futebol feminino do Nacional do Uruguai. Ela está estruturada nos modos de organização do discurso enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Isso se repete em 25% das vezes no *corpus* de análise e demonstra a utilização de um repertório farto para constituição da informação, o que acaba impactando na forma do interlocutor compreender a matéria, pois influi diretamente nas expectativas do contrato de comunicação, o que vai se repetir em todas as matérias que apresentam essa mesma organização no *corpus*. Primeiramente, a ESPN e a Agência EFE enunciam o acontecimento, depois descrevem com detalhes o ocorrido, posteriormente narram a sequência e o encadeamento dos fatos e, por fim, apresentam os argumentos que levaram ao afastamento do treinador.

O orador projeta um *ethos* de potência da fonte para falar sobre o futebol feminino, ou seja, apresenta uma imagem de que é apto a falar sobre o tema, o que tende a minar as chances de refutação do dizer. Ao mesmo tempo em que busca instaurar um estado emocional de antipatia, que aparece 7% das vezes no *corpus* de análise, e repulsa que surge 14% no *corpus*, pelas atitudes do treinador que culminaram em sua demissão, reforçando, assim, o imaginário de combate a todo tipo de assédio no futebol feminino e de que o assédio no esporte pode ser combatido, nesse caso específico com a demissão do treinador. O que se apresenta como pano de fundo para a emergência dos imaginários de combate ao assédio moral no esporte e o de violência de gênero no futebol, como podemos observar nos seguintes enunciados atribuídos à fonte, o presidente do clube Nacional do Uruguai, José Luis Rodríguez:

- E 02 – "O Nacional entendia que o melhor, dadas as circunstâncias, era que ele pedisse demissão. O técnico entendeu que não deveria sair, então, para o clube deve acontecer uma mudança no comando do futebol feminino".
- E 03 – "Por ser algo tão grave como é a violência de gênero, recomendei que a denúncia fosse feita nos tribunais, inclusive, para que o técnico possa se defender destas acusações".

No primeiro enunciado constatamos o imaginário de combate ao assédio moral no esporte, especificamente no futebol. Ao se falar em combate, reconhece-se a existência desse assédio no cotidiano e a sua violência praticada. A fonte é um homem que, apesar de se

colocar como potencialmente apto a falar sobre o futebol feminino a partir do cargo que ocupa, pode gerar desconfiança do público; no entanto, ele baseia esse imaginário em um saber de crença, do tipo revelação/adesão e organizado enquanto uma opinião relativa, pessoal da fonte. Como o treinador acusado de assédio moral não pediu demissão do cargo, ele fora demitido pelo clube como notamos no seguinte excerto do enunciado 02 atribuído pela ESPN e pela Agência EFE a fonte: “O técnico entendeu que não deveria sair, então, para o clube deve acontecer uma mudança no comando do futebol feminino” (ESPN, 2017b). Alimenta-se, assim, o imaginário de combate ao assédio moral no esporte corroborado com a demissão do treinador. Percebemos no entanto uma naturalização do assédio no futebol feminino por parte do treinador, uma vez que no seu entendimento tais atitudes não justificariam seu desligamento da equipe.

Já o segundo imaginário de combate à violência de gênero no esporte que emerge na notícia (ESPN, 2017b) é baseado em um saber de crença, do tipo opinião e organizado enquanto uma opinião comum, universalizada, como notamos no seguinte excerto do enunciado 02 atribuído a fonte: “Por ser algo tão grave como é a violência de gênero, recomendei que a denúncia fosse feita nos tribunais, inclusive, para que o técnico possa se defender destas acusações” (ESPN, 2017b). Isso indica que a violência de gênero é um grave problema social universal e que deve ser combatido nos tribunais de justiça.

Nesta notícia (ESPN, 2017b), ao elencar a necessidade de se combater o assédio e a violência de gênero sofrido por jogadoras de futebol, acaba-se por confirmar que tais problemas permeiam o universo do futebol feminino. No entanto, ainda nos questionamos, por exemplo, como esse assédio moral e essa violência de gênero impactam nos modos de ser e estar no mundo das mulheres, no desempenho das atletas e no desenvolvimento da modalidade em geral. Relacionamos essa violência de gênero sofrida pela mulher no esporte a uma violência simbólica, tal como proposto por Bourdieu (2014), Žižek (2014) e Drawin (2016) e debatido no segundo capítulo. Como vimos, a violência simbólica é a violência através da linguagem, relacionada à imposição de universos de sentidos nos palcos de disputas de poder social tal qual é a imprensa. Incidimos, portanto, que essa imposição de significados sobre o ser mulher que pratica futebol acaba interferindo diretamente no desenvolvimento do futebol feminino ao criar um ambiente hostil e desconfortável para que as mulheres desenvolvam em potencial seu trabalho.

Ambos imaginários, de combate ao assédio moral e de combate à violência de gênero no futebol, vão ao encontro a outras questões discutidas também no capítulo 2, a partir dos estudos de Goellner (2005), Franzini (2005) e Reis e Arruda (2011), sobre as sanções sociais

sofridas pela mulher que praticava futebol no Brasil ao longo do tempo, baseados em aspectos físicos e biológicos. Tais imaginários retomam, de certo modo, questões relacionadas à erotização e estigmatização do corpo da mulher que pratica futebol, a qual tende a ser vista primeiro como mulher e depois como jogadora; o que acaba impactando no futebol feminino como um todo pois as futebolistas, além das dificuldades inerentes à carreira de jogadoras de futebol, enfrentam outra barreira somente pelo fato de serem mulheres e estarem entrando em um espaço masculinizado como o futebol, tendo que provar a todo instante seu valor como atletas. Isso ainda ocorre atualmente na sociedade e também na imprensa, como debatemos nos estudos de Caminha e Teixeira (2013), Capraro e Chaves (2007), Medeiros e Santos (2012) e Reis e Souza Júnior (2012), também no segundo capítulo.

O site e a agência de notícias ainda projetam, na fala atribuída à fonte, as categorias patêmicas de antipatia e repulsa por essas atitudes e, ao mesmo tempo, apontam para formas de combater esses problemas, seja de modo individual, através da exclusão, ou de forma coletiva, através da justiça comum. A antipatia é sempre orientada contra algo ou alguém, quando o sujeito se encontra ao mesmo tempo indignado e denunciando uma situação como, por exemplo, o assédio e a violência de gênero no esporte. Já na repulsa, o sujeito vira-se contra um malfeitor e constrói uma imagem negativa deste, e a única atitude possível é desaprovar sua ação como por exemplo o preconceito sofrido pelas mulheres que praticam futebol por parte da sociedade em geral.

Na terceira notícia (2017c) de nosso *corpus* de análise, o site ESPN e a Gazeta Press buscam informar aos leitores sobre a contratação de Carli Lloyd, jogadora americana de futebol que já foi considerada a melhor do mundo, pela equipe do Manchester City da Inglaterra. A matéria é organizada nos modos enunciativo e descritivo, os quais, como já dissemos, integram o gênero notícia: primeiramente enunciam o fato da contratação de Lloyd pelo time do City e depois descrevem os detalhes da negociação.

O orador projeta um *ethos* de potência da fonte para falar sobre o futebol feminino a partir da representação que tem para a modalidade feminina por ser uma estrela internacional do futebol. Ao mesmo tempo, busca instituir um estado emocional de atração por jogar futebol na nova equipe, o que se apresenta como base para que os imaginários sociodiscursos de conquista por representar uma nova equipe e de novos desafios no esporte apareçam no seguinte enunciado atribuído à fonte, a jogadora de futebol Carli Lloyd:

- E 04 – “Essa é uma oportunidade única e eu não poderia estar mais orgulhosa de fazer parte do clube. Estou ansiosa para começar. Sempre busco diferentes desafios e quero

continuar a melhorar e buscar maneiras de aprimorar meu jogo. Fazer parte do City vai me dar isso” (ESPN, 2017c).

O imaginário de conquista é alicerçado em um saber de crença, do tipo opinião, organizado enquanto uma opinião relativa, individual, como inferimos a partir do seguinte excerto do enunciado atribuído à fonte: “Essa é uma oportunidade única e eu não poderia estar mais orgulhosa de fazer parte do clube” (ESPN, 2017 c). O orgulho aqui é relacionado à conquista pessoal por integrar uma nova equipe, no caso o Manchester City. Esses efeitos de sentido são evocados também pelo estatuto vencedor do clube, o que acaba por auxiliar no desencadeamento de outro imaginário: o de novos desafios no esporte, baseado também em um saber de crença, do tipo opinião relativa, a opinião de que supostamente integrar o novo clube seria um desafio, uma vez que, até então, Lloyd não havia atuado fora de seu país natal, os Estados Unidos. Para corroborar com esse imaginário, projeta-se na fala atribuída à fonte a categoria patêmica de atração por passar a fazer parte da nova instituição. No entanto essa euforia pouco durou, menos de um ano depois, sem nenhum título conquistado e com apenas 6 partidas disputadas pela equipe, Lloyd acabou voltando a seu país natal, pois o desafio não deu certo e a satisfação parece ter acabado.

Na quarta notícia que constitui nosso *corpus* de análise (2017d) a blogueira Gabriela Moreira e o site ESPN informam sobre a criação do campeonato paulista de futebol feminino sub-17, a primeira competição para categorias de base do futebol feminino no Brasil. A matéria é organizada nos modos enunciativo, descritivo e argumentativo, o que se repete em 33% do material analisado. Aqui, além do modo enunciativo que introduz a informação, do descritivo que tem por objetivo descrever a criação do campeonato, entra em cena o modo argumentativo, e sua estratégia consiste em convencer o interlocutor de determinado projeto de fala, no caso da relevância da criação de campeonatos de futebol feminino para as categorias de base do país.

Como em todas as notícias analisadas, o orador projeta o *ethos* de potência para falar sobre o futebol feminino a partir da posição que ocupa na instituição que representa. Ao mesmo tempo em que projeta as emoções de simpatia e esperança. Como explicamos, a simpatia é sempre orientada a favor de algo como, por exemplo, o início da competição em questão. Já a esperança gera efeitos positivos, e é desencadeada por algo que se apresente como benefício para o sujeito ou o grupo a que pertence, como por exemplo, a expectativa de que a iniciativa da competição traga benefícios para a modalidade e as mulheres que praticam futebol, principalmente, as mais jovens.

Essas características servem de base para projeção dos imaginários de valorização das categorias de base no Brasil, e o de elevação da modalidade de patamar, como percebemos no enunciado atribuído à fonte, a diretora do departamento feminino da Federação Paulista de Futebol (FPF), Aline Pellegrino:

- E 05 – “É fundamental para a modalidade ter um campeonato de base feminino. Esse é um desejo antigo das entusiastas do esporte e que, com certeza, elevará o patamar da modalidade no país. Queremos revelar novas Formigas, novas Martas, Cristiane para manter o Brasil como referência do futebol feminino” (ESPN, 2017d).

O imaginário de valorização das categorias de base no país é baseado, ao mesmo tempo em um saber de crença do tipo opinião relativa e em um saber de conhecimento do tipo científico, organizado enquanto teoria/código, como vemos no seguinte excerto do dizer atribuído à fonte: “É fundamental para a modalidade ter um campeonato de base feminino” (ESPN, 2017d). O saber de crença é em relação à importância fundamental de um torneio de base para equipes de futebol feminino; já o de conhecimento é relacionado ao acontecimento, que pode ser provado, da realização do torneio.

Ao afirmar a importância desta iniciativa e de outras parecidas, notamos, até então, a pouca valorização das categorias de base de futebol feminino no país. Também pudera, como debatemos nos capítulos anteriores, nem mesmo os clubes profissionais no Brasil tem estrutura adequada para o futebol feminino. Consequentemente, deduz-se que tais campeonatos, até então, não existiam e que as meninas que jogam futebol no país têm pouco incentivo como um todo. Isso vai ao encontro aos estudos de Darido (2002) e de Busso e Daolio (2011) debatidos no segundo capítulo, e que demonstraram que, de um modo geral, desde a infância, as mulheres não são incentivadas a praticarem esportes de contato físico como o futebol, sendo que a maioria das jogadoras começou por conta própria, sem apoio ou incentivo. Tais condições podem estar vinculadas às restrições e sanções sofridas pela mulher que pratica futebol na sociedade brasileira desde muito tempo, como vimos também no segundo capítulo nas pesquisas de Goellner (2005) e de Franzini (2005).

Já o imaginário de realização de elevação do nível da modalidade é alicerçado em um saber de crença, do tipo opinião/apropriação, organizado enquanto uma opinião relativa, individual, como notamos a partir do seguinte excerto do enunciado atribuído à fonte: “Esse é um desejo antigo das entusiastas do esporte e que, com certeza, elevará o patamar da modalidade no país. Queremos revelar novas Formigas, novas Martas, Cristiane para manter o Brasil como referência do futebol feminino” (ESPN, 2017d). Ao sugerir uma subida de patamar da modalidade através dessa iniciativa acaba assumindo que o futebol feminino no

Brasil ainda está longe do cenário ideal como discutimos no capítulo 2, falta estruturação, profissionalização e investimento de modo geral na modalidade. Se compararmos com o futebol masculino tem-se uma grande diferença, pois para os meninos existem competições oficiais, nacionais e estaduais, desde o sub-15 até o profissional. No entanto começamos a proposição de uma mudança de perspectiva no futebol feminino através da instauração, por exemplo, da categoria patêmica de esperança de que cada vez mais iniciativas como esta da FPF ocorram no país. Porém, na prática tal perspectiva parece ainda não ter avançado, uma vez que em 2018 o campeonato paulista feminino sub-17 continuou a ser o único do país.

Na próxima notícia de nosso *corpus* de análise (2017e) a ESPN e a Agência EFE trazem a informação sobre os novos conselheiros nomeados pela UEFA para o futebol masculino e feminino. Esta, por sua vez, é estruturada nos modos de organização do discurso enunciativo, descritivo e argumentativo, este último, como vimos, surge no sentido do locutor de buscar fazer o interlocutor aderir a determinado projeto de fala. Aqui primeiramente enunciam o acontecimento, depois descrevem os detalhes como a função dos novos cargos na instituição e os personagens e envolvidas, por fim argumentam a favor da importância do recém-criado conselho para desenvolvimento do futebol feminino.

O orador sustenta o *ethos* de potência para falar sobre o futebol feminino ao mesmo tempo em que busca instaurar um estado emocional de simpatia e esperança. Simpatia pelos novos cargos criados pela UEFA e seus ocupantes, e esperança em desenvolver o futebol feminino a partir da criação de um novo núcleo específico para a modalidade. Como notamos, a instauração de simpatia e esperança se apresentam como estratégias recorrentes e mesmo que não circulem sobre os mesmos assuntos, os efeitos de sentido são os mesmos como já explicamos anteriormente. Isso serve de base para o surgimento dos imaginários sociodiscursivos de desenvolvimento da modalidade esportiva, como percebemos inicialmente no dizer atribuído à primeira fonte da notícia, Nadine Kessler, recém-nomeada conselheira da UEFA para o desenvolvimento do futebol feminino:

- E 06 - "Agora temos a oportunidade de impulsionar o futebol feminino que eu não podia nem sonhar quando comecei minha carreira" (ESPN, 2017e).

Nesta notícia (ESPN, 2017e), o imaginário de desenvolvimento da modalidade esportiva também emerge em outro enunciado que imputa, de forma indireta, o seguinte dizer à segunda fonte de informação da notícia, o presidente da UEFA Aleksander Ceferin:

- E 07 – “O presidente da Uefa, o esloveno Aleksander Ceferin, mencionou o "enorme potencial" da organização em seu papel para desenvolver o futebol e especialmente o futebol feminino, para o qual iniciou uma unidade específica” (ESPN, 2017e).

O imaginário de desenvolvimento do futebol feminino aparece por duas vezes na matéria (ESPN, 2017e), é estruturado de forma análoga: são baseados em saberes de crença, do tipo saber de opinião, organizados enquanto uma opinião relativa, individual. Na primeira ocorrência o imaginário de desenvolvimento da modalidade esportiva pode ser provado a partir do seguinte excerto do dizer atribuído à primeira fonte, Kessler: “Agora temos a oportunidade de impulsionar o futebol feminino” (ESPN, 2017e). Esse imaginário nos leva a um questionamento que desdobraremos na sequência: se sugere que, a partir da criação do comitê para o desenvolvimento do futebol feminino, a modalidade poderá ser impulsionada, significa que isso não acontecia antes ou seja, que faltavam iniciativas para impulsionar o desenvolvimento do futebol feminino. Já a segunda ocorrência do imaginário de desenvolvimento do futebol feminino, constatamos no seguinte excerto atribuído à segunda fonte, Ceferin: “o "enorme potencial" da organização em seu papel para desenvolver o futebol e especialmente o futebol feminino, para o qual iniciou uma unidade específica” (ESPN, 2017e). Coloca-se, desse modo, a instituição que representa, a UEFA, como apta para auxiliar na evolução da modalidade.

Como vimos, o mesmo imaginário aparece por duas vezes na mesma matéria (ESPN, 2017e), no entanto se fundamentam de forma diferente. Incidimos porém que se há necessidade de desenvolver ou impulsionar algo, significa que o mesmo estava parado, ou seja, que não havia ações específicas em prol do futebol feminino. Isso fica evidente quando notamos que, somente em 2017, a UEFA, a principal entidade responsável pelo futebol na Europa, criou um nicho específico para o futebol feminino. A instituição responsável pelo futebol europeu, apesar de algumas ações esporádicas como a organização da Liga dos Campeões de Futebol Feminino, torneio de clubes mais importante do mundo, até o momento não havia se preocupado especificamente com o jogo das mulheres.

A situação descrita acima sugere que o jogo dos homens é mais importante que o das mulheres e corrobora com os ideais de uma cultura heteronormativa que, de acordo com os estudos de Butler (2003), cria um ideal de masculinidade viril e forte, e um de feminilidade frágil e delicada. Logo, as mulheres praticantes do futebol, por fugirem desses padrões idealizados, tendem a ser colocadas em segundo plano no esporte. No entanto, a notícia sugere a transformação desse quadro a partir daquele momento e, para convencer o público desta mudança, evoca a esperança de que, cada vez mais, as mulheres possam ter

possibilidade de fazer evoluir seu jogo e que a partir destas ações, outras parecidas também surjam.

Em outra notícia de nosso *corpus* de análise (2017f), a ESPN e a Agência EFE informam sobre a participação da secretária geral da FIFA, Fatma Samoura, na “III Conferência pela Igualdade e a Integração no Esporte” organizada pela entidade. Ela é estruturada nos quatro modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Primeiramente, enunciam o acontecimento; depois descrevem o Congresso; em seguida, narram os acontecimentos que se sucederam no evento; e, por fim, argumentam sobre a importância de um evento para debater o tema da inclusão no esporte.

O orador sustenta o *ethos* de potência e legitimidade para falar sobre o futebol feminino, ao mesmo tempo em que busca também estados emocionais de simpatia pela iniciativa da FIFA de realizar o congresso, e esperança de que, a partir destes debates, cada vez mais as mulheres sejam incluídas no futebol como um todo. Tais estados emocionais se apresentam como a estratégia de maior incidência, ao nosso ver, porque a simpatia e a esperança mobilizam crenças positivas sobre o futebol feminino e, aliado ao *ethos* de potência do orador, ou seja, de que é apto a falar sobre o tema, como formas de validar seu dizer. Isso serve como pano de fundo para o surgimento de dois imaginários sociodiscursivos diferentes, que aparecem quatro vezes na matéria (ESPN, 2017f): o de desenvolvimento da modalidade e o de inclusão pelo esporte, que podem ser notados nos seguintes enunciados atribuídos à fonte, a secretária-geral da FIFA, Fatma Samoura:

- E 08 – "Qualquer sociedade que tente implantar mudanças sustentáveis rumo a um mundo mais inclusivo poderá fazer mais com o futebol. Através do futebol, podemos conseguir mudanças maiores em um tempo recorde" (ESPN, 2017f).
- E 09 – “O mundo do futebol está mudando com a diversidade nos níveis mais altos da hierarquia" (ESPN, 2017f).
- E 10 – “Mas o que mudará a percepção, que a maioria das pessoas têm, de que o futebol é um esporte eminentemente masculino não será só a minha nomeação, certamente. É necessário que se produzam estas mesmas mudanças no âmbito das confederações, das federações e das comunidades” (ESPN, 2017f).
- E 11 – “Oferecer às meninas a simples oportunidade de praticar futebol as concede uma chance de fazer uma carreira no esporte” (ESPN, 2017f).

- E 12 – “Isso demonstra que o desenvolvimento do futebol feminino não é unicamente um problema para as mulheres em geral, mas um problema que deve ser abordado pela sociedade” (ESPN, 2017f).

O primeiro imaginário de inclusão pelo esporte é baseado em um saber de crença, do tipo opinião, baseado em uma opinião relativa, pessoal do sujeito, como percebemos no seguinte excerto atribuído a Samoura: “Qualquer sociedade que tente implantar mudanças sustentáveis rumo a um mundo mais inclusivo poderá fazer mais com o futebol” (ESPN, 2017f). Antecipamos que essa estrutura da gênese de saberes se repete em todos os quatro imaginários presentes nesta notícia (ESPN, 2017f). Aqui, percebemos que, através do futebol, é possível construir um mundo igualitário entre homens e mulheres, o que significa que essa igualdade ainda não existe como discutimos no segundo capítulo. A nosso ver, há uma similaridade ao pensamento de Butler (2003), como vimos anteriormente, no que se refere ao conceito de heteronormatividade compulsória, que tende a hierarquizar as relações sociais entre homens e mulheres, colocando o masculino em primeiro plano, o que se repete em diferentes espectros da sociedade tal qual o futebol. Só que aqui sustentam o *pathos* de esperança de que, a partir de iniciativas como a do Congresso da FIFA pela Igualdade e Integração, o esporte seja mais igualitário com todos os gêneros.

O outro imaginário de inclusão pelo esporte podemos observar no seguinte excerto do enunciado 12 atribuído a Samoura: “o desenvolvimento do futebol feminino não é unicamente um problema para as mulheres em geral, mas um problema que deve ser abordado pela sociedade” (ESPN, 2017f). Tratar a igualdade de gênero no esporte como um problema social relaciona-se diretamente com o que discutimos até aqui: que o esporte reverbera uma estrutura social que atende a um padrão heteronormativo que tende a colocar a mulher que foge desse padrão em segundo plano e, por isso, deve tratado como um problema social. Tal a qual na sociedade, as relações entre gêneros no esporte são desiguais. No entanto, para amenizar esse fato, projetam a esperança a partir do exemplo de Samoura, primeira mulher nomeada secretária da FIFA, para que sirva de inspiração para que outras mulheres possam participar do futebol de um modo geral, buscando uma forma de torná-lo mais igualitário.

Já o primeiro imaginário de desenvolvimento da modalidade, por meio de uma mudança de parâmetros, pode ser observado no enunciado 9 atribuído à fonte: “O mundo do futebol está mudando com a diversidade nos níveis mais altos da hierarquia” (ESPN, 2017f). E também no enunciado 10 atribuído a ela: “É necessário que se produzam estas mesmas mudanças no âmbito das confederações, das federações e das comunidades” (ESPN, 2017f). Admitir que tem acontecido e, ao mesmo tempo, que ainda são necessárias mudanças de

parâmetros nas relações entre gêneros no esporte para desenvolver o futebol feminino, acaba por reiterar que, ainda atualmente, o futebol é um universo preponderantemente masculino e, por isso, muitas mulheres sentem resistência e dificuldades para adentrar esse ambiente, como debatemos nos capítulos anteriores. Por isso, projeta-se a esperança de que cada vez mais mulheres possam estar presentes no futebol em todos as instâncias.

Por fim, o segundo imaginário de desenvolvimento da modalidade presente na notícia (ESPN, 2017f), por meio da abertura de oportunidades para as mulheres futebolistas, pode ser observado no seguinte excerto do enunciado 11 atribuído a Samoura: “Oferecer às meninas a simples oportunidade de praticar futebol as concede uma chance de fazer uma carreira no esporte” (ESPN, 2017f). Porém, se há a necessidade de ofertar mais oportunidades às mulheres que queiram praticar futebol, significa que essas oportunidades são escassas ou quase inexistentes. Trazendo para o caso específico do Brasil, observamos, a partir de estudos como Darido (2002) e o de Busso e Daolio (2011), que as mulheres, diferentemente dos homens, desde a infância, não são incentivadas a praticarem o futebol seja por questões estéticas, biológicas e físicas; além disso, a maioria das atletas profissionais começou por conta própria nas ruas, campos e quadras, sem o devido acompanhamento.

No entanto, a notícia (ESPN, 2017f) pretende evocar uma mudança de paradigmas: ao projetar a esperança de que, com o aumento das iniciativas por parte dos órgãos responsáveis pelo esporte, tal como a Conferência pela Igualdade e a Integração no esporte promovida pela FIFA, cada vez mais jovens garotas possam ter oportunidades dignas de trilharem um caminho no esporte. Com mais oportunidades oferecidas às futebolistas, o futebol tende a ser mais inclusivo e o futebol feminino a desenvolver-se cada vez mais.

A próxima notícia (ESPN, 2017g) que constitui nosso *corpus* de análise aborda sobre a participação da jogadora Marta, ex-atleta da equipe do Santos, nas arquibancadas para assistir uma partida da antiga equipe. A notícia é estruturada nos quatro modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Primeiramente, enunciam o fato da visita de Marta ao estádio da Vila Belmiro para acompanhar a partida entre Santos x Vitória, válida pelo Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino de 2017. Depois descrevem os detalhes de sua chegada e ida ao estádio, em seguida narram os acontecimentos do jogo; e, por fim, argumentam as possíveis motivações da jogadora descartar, no momento, o retorno ao futebol brasileiro.

O orador sustenta o *ethos* de potência para falar sobre o assunto, ao mesmo tempo em que projeta um estado emocional de simpatia e esperança. Como já discutimos, entendemos que essa é a estratégia de maior incidência: aliar o *ethos* de potência aos estados emocionais

de simpatia e esperança como forma de validar a argumentação diante do público. A simpatia é instaurada pela visita de Marta à equipe brasileira, alimentando também a esperança de que a melhor do mundo, eleita 5 vezes pela FIFA, volte a atuar em seu país natal. Isso serve como pano de fundo para arregimentação do imaginário de falta de estrutura do futebol brasileiro, como notamos no enunciado atribuído à fonte, a jogadora Marta:

- E 13 – “Eu tenho muito carinho pelo Santos, fui feliz aqui e foi uma ótima oportunidade de jogar no Brasil de novo depois de tanto tempo na Europa. Quero voltar, mas não vejo essa possibilidade agora. Vim para visitar o Modesto, as jogadoras e assistir o jogo” (ESPN, 2017g).

O imaginário de falta de estrutura do futebol brasileiro é alicerçado em um saber de crença, do tipo opinião, organizado enquanto uma opinião relativa, pessoal do sujeito. O que notamos a partir do seguinte excerto atribuído à jogadora Marta: “Quero voltar, mas não vejo essa possibilidade agora” (ESPN, 2017g). Reafirma assim a vontade, porém a impossibilidade de retornar a atuar no futebol brasileiro. No entanto, não são explicitados claramente na notícia os motivos que levaram a jogadora a tomar esta decisão. Marta, que atualmente joga no Orlando Pride, clube dos Estados Unidos, atuou por cerca de cinco anos no futebol europeu como na época da notícia, em 2017, quando defendia a equipe sueca do Rosengard - o que nos leva a crer que esse imaginário de impossibilidade está ligado, entre outras coisas, às condições ofertadas para as praticantes do futebol feminino no país que ainda estão longe do ideal como debatemos no segundo capítulo. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde a jogadora atua no momento, o futebol feminino recebe mais apoio e aporte financeiro que a modalidade masculina¹⁹. Já no Brasil, apesar do reconhecimento mundial de Marta e de outras atletas brasileiras, pouco se faz em prol do futebol feminino. Mesmo diante de algumas ações recentes como a criação do “Comitê de Futebol Feminino” e do Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão pela CBF, por exemplo, o futebol feminino ainda carece de melhoria em muitos setores: falta profissionalização, investimento nas categorias de base e aporte financeiro, entre outros aspectos. Talvez, por isso, seja impossível para as atletas brasileiras que trabalham em países onde a modalidade é valorizada, voltarem a atuar em seu país natal.

A notícia seguinte de nosso *corpus* de análise (ESPN, 2017h) informa os feitos de uma equipe de futebol feminino na Espanha, o AEM de Lleida, que venceu um torneio infantil de

¹⁹ Foi a conclusão, em partes, do estudo de Balardin, Voser, Duarte Júnior e Mazo (2018) sobre as semelhanças e diferenças no futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos. Para os autores (2018, p. 108), essa diferenciação ocorre pois em solo americano há toda uma cultura que valoriza o desenvolvimento do futebol feminino, enquanto “no Brasil necessita de um maior investimento sociocultural e financeiro que permita uma equiparação e valorização semelhante aos clubes dos Estados Unidos”.

futebol contra equipes masculinas. A matéria é organizada nos modos enunciativo, narrativo e argumentativo: inicialmente, enuncia o acontecimento, depois narra a sequência dos fatos que culminaram no título da equipe e, por fim, ao demonstrar os feitos das mulheres, argumenta a favor da realização de torneios mistos de futebol infantil, onde meninos e meninas possam competir em igualdade.

O orador suscita o *ethos* de potência para falar sobre o assunto, ao mesmo tempo em que tende a instaurar diferentes estados emocionais como a atração, a simpatia, a esperança e a repulsa. Primeiramente, projeta, ao mesmo tempo, simpatia e atração pelo feito inédito da equipe campeã. Em seguida, lança a repulsa contra o preconceito sofrido pela equipe ao adentrar um espaço masculino como a competição em questão. Por fim, surge a esperança que esse exemplo possa se multiplicar e que outras meninas sejam inspiradas a fazerem o mesmo. Essa estruturação serve como base para a arregimentação de três imaginários sociodiscursivos diferentes: o de impossibilidade de meninos e meninas participarem da mesma equipe; o de melhora na performance futebolística das mulheres; e o de preconceito contra a mulher no futebol, que aparece por duas vezes. É o que percebemos a partir dos seguintes enunciados atribuídos à fonte, o treinador da equipe de futebol feminino AEM de Lleida, Dani Rodrigo:

- E 14 – “Até a categoria mirim, as meninas e os meninos podem jogar misturados, mas quando passam à categoria infantil já não podem mais. Por isso, optamos por criar uma equipe só de meninas e pedir para que ela pudesse jogar”. (ESPN, 2017h).
- E 15 – “Sabíamos que jogando contra os meninos tornaria as atletas mais competitivas. Isso, somada à geração muito boa que temos, terminou por formar um bom time”. (ESPN, 2017h).
- E 16 – “Elas adoram o futebol, jogam bem e ganham. Mas creio que não sabem todos os tabus que estão rompendo. Agora, já sabemos que uma equipe de meninas pode ganhar de uma de meninos, como elas já fizeram muitas vezes e continuarão fazendo”. (ESPN, 2017h).
- E 17 – “Disse a eles: 'Vocês conseguiram algo enorme, muito maior do que imaginam. As novas gerações de mulheres que queiram jogar futebol irão se inspirar em vocês'”. (ESPN, 2017h).
- E 18 – “Elas geram muita surpresa em locais em que os rivais não sabem que irão enfrentar um time feminino. Até os árbitros se surpreendem. Um deles nos falou certa vez: 'Vocês estão no endereço errado'. Mas isso está acontecendo cada vez menos”. (ESPN, 2017h).

- E 19 – "Também já enfrentamos a falta de educação em muitos lugares. Não só os pais xingam, como as mães também. Acontece pouco, mas infelizmente acontece". (ESPN, 2017h).

O primeiro imaginário de impossibilidade de meninos e meninas participarem da mesma equipe esportiva é baseado em um saber de conhecimento, do tipo científico, organizado enquanto uma teoria, que distingue a prática esportiva em categorias de acordo com a idade e o gênero, o que observamos a partir do seguinte excerto imputado à fonte no primeiro enunciado: “Até a categoria mirim, as meninas e os meninos podem jogar misturados, mas quando passam à categoria infantil já não podem mais” (ESPN, 2017h). Esse imaginário de que meninos e meninas não podem participar em conjunto das mesmas atividades esportivas a partir de certa idade permite-nos aproximar do pensamento de Busso e Daolio (2011) e Darido (2002), a partir dos quais inferimos que as relações entre gêneros são, de certa forma, marcadas socialmente desde a infância. Historicamente, distingue-se desde criança o que é brincadeira de menino e o que é brincadeira de menina; isso passa a influenciar e se reflete em outras práticas sociais como a esportiva. Culturalmente, os jovens são divididos em categorias e modalidades de acordo com o gênero e a idade. Assim, as próprias crianças tendem a absorver o pensamento de que a prática esportiva realizada com pessoas do gênero oposto é diferente da praticada com pessoas do mesmo gênero a que pertence, o que acaba alimentando imaginários como o de que meninos e meninas não podem participar da mesma equipe esportiva.

Já o imaginário de desenvolvimento da modalidade, é alicerçado em um saber de crença, do tipo opinião, organizada enquanto uma opinião relativa, pessoal, como notamos a partir do excerto no segundo enunciado atribuído à fonte, o treinador Rodrigo: “Sabíamos que jogando contra os meninos tornaria as atletas mais competitivas.” (ESPN, 2017h). Aqui atrela-se o desenvolvimento na modalidade e a consequente melhora no desempenho das meninas à disputa com os homens, o que sugere que o jogo dos homens seja mais desenvolvido que o das mulheres. Como vimos no capítulo anterior, existe uma hierarquização nas relações sociais entre homens e mulheres que de acordo com Butler (2003) atende a uma heteronormatividade compulsória e propende, no universo do futebol, a colocar o homem em primeiro plano. Como também já discutimos acima, estudos como o de Goellner (2005) e o de Busso e Daolio (2011) nos mostram que desde a infância as crianças são condicionadas a participarem de jogos e brincadeiras de acordo com suas características biológicas. Enquanto os meninos são incentivados a jogar bola nas ruas, quintais, quadras e campos, as meninas são incitadas a brincadeiras de casinha e boneca. Esportes tidos como

violentos como o futebol são restringidos a elas. Além disso, como observamos também no segundo capítulo, se comparado com o masculino o investimento no futebol feminino de um modo geral é escasso: desde as categorias de base até os torneios, em suma, a profissionalização da modalidade de um modo geral ainda é carente. Isso, somado à demora na iniciação esportiva por parte das mulheres, que, em geral, começam a jogar futebol depois dos homens, acabam alimentando imaginários como de que o jogo dos homens é superior ao das mulheres.

Outro imaginário presente nesta notícia (ESPN, 2017h) é o de preconceito no esporte, que em sua primeira ocorrência é sustentado em um saber de crença do tipo opinião relativa, como vemos neste excerto destinado à fonte: “Elas adoram o futebol, jogam bem e ganham. Mas creio que não sabem todos os tabus que estão rompendo” (ESPN, 2017h). Concomitantemente, o imaginário baseia-se em um saber de conhecimento do tipo experiência, empiria, que pode ser provado como detectamos a partir do seguinte excerto atribuído à fonte: “Agora, já sabemos que uma equipe de meninas pode ganhar de uma de meninos, como elas já fizeram muitas vezes e continuarão fazendo” (ESPN, 2017h). O que pode ser provado pelos resultados obtidos por sua equipe.

Em um primeiro momento, ao indicar que somente a partir do exemplo citado pode ser provado que uma equipe feminina consegue competir em igualdade e vencer uma equipe masculina, acaba reconhecendo a incapacidade feminina até então. Ao sugerir uma quebra de paradigmas, acaba-se por admitir que eles existam, dentre os quais podemos citar a participação das mulheres em um espaço tão masculinizado como o futebol. Como discutimos acima, se dentro de nosso padrão social, o futebol tende a ser considerado um jogo de homens, o rompimento dessa barreira aqui pelas meninas significa não somente praticar o esporte, mas também vencer uma equipe de um gênero tido como mais evoluído esportivamente.

Por fim, o segundo imaginário de preconceito no esporte que encontramos na notícia (ESPN, 2017h), é baseado em um saber de conhecimento, do tipo experiência, empiria, que pode ser provado pelos fatos citados no penúltimo enunciado atribuídos à fonte: “Até os árbitros se surpreendem. Um deles nos falou certa vez: 'Vocês estão no endereço errado'. Mas isso está acontecendo cada vez menos” (ESPN, 2017h). E também no último enunciado imputado à fonte: “Também já enfrentamos a falta de educação em muitos lugares. Não só os pais xingam, como as mães também” (ESPN, 2017h). Esse imaginário pode ser provado por testemunhos do vivido a partir das atitudes sofridas pela equipe feminina juvenil do AEM de Lleida.

A ideia de que o espaço que as meninas ocupam no campo de futebol não é apropriado a elas acaba sendo um reflexo da sociedade. Como já discutimos, devemos considerar que estamos imersos em uma cultura heteronormativa, de acordo com Butler (2003), tendendo a instaurar um padrão de masculinidade e um padrão de feminilidade ideais. Logo, quem foge dessa padronização idealizada como as mulheres que jogam futebol, tendem a ser olhadas com estranheza. No entanto, aqui apontam para uma mudança dessa percepção a partir da esperança de que o exemplo da equipe do AEM de Lleida possa inspirar outras equipes a fazerem o mesmo, rompendo com essa idealização da mulher que não pode jogar futebol. Ressaltamos ainda que no futebol masculino, debates relacionados à aptidão ou à condição de jogo de atletas não são frequentes. No futebol feminino, a imprensa centraliza os olhares sobre a inclusão no esporte ou sobre o desenvolvimento da modalidade justamente porque existe uma lacuna nesse sentido. Ou seja, no futebol masculino a questão principal é o jogo no campo: são os lances, os atores envolvidos. Enquanto no futebol feminino os principais debates têm sido relacionados às questões extra campo, relacionados à estruturação da modalidade em geral.

Outra matéria que constitui nosso *corpus* de análise (ESPN, 2017i) informa sobre a classificação do *ranking* feito pela revista inglesa *Four Four Two*, em relação às 100 personalidades mais influentes do futebol mundial. É organizada nos modos enunciativo e argumentativo: inicialmente, enunciam a lista da revista inglesa, depois descrevem aspectos desta lista e, por fim, argumentam a escolha da jogadora brasileira Marta na posição de número 86, sendo uma das únicas mulheres a figurarem na lista.

Aqui novamente o orador apresenta um *ethos* de potência para falar sobre a modalidade, ao passo que procura também suscitar um estado emocional de atração pelos feitos da jogadora Marta, e simpatia pelo reconhecimento do Brasil à atleta. Como já debatemos, a atração e a simpatia são sempre direcionadas em favor de alguém, neste caso à jogadora Marta, o que serve como fundo para o surgimento do imaginário sociodiscursivos de superação da atleta no futebol feminino, aqui no caso de Marta, como notamos no seguinte enunciado atribuído à fonte, revista *Four Four Two*:

- E 20 – "O futebol feminino nunca viu uma jogadora como Marta, e provavelmente nunca verá. A cinco vezes vencedora do prêmio de melhor do mundo da Fifa está entre as jogadoras mais reconhecidas de todos os tempos, e, mesmo aos 34 anos, sua habilidade ainda é incomparável" (ESPN, 2017i)

Este imaginário de superação da atleta no futebol feminino surge e é baseado em saber de crença, do tipo opinião, organizado enquanto uma opinião relativa, como notamos no seguinte excerto atribuído à fonte: “O futebol feminino nunca viu uma jogadora como Marta, e provavelmente nunca verá” (ESPN, 2017i). O que pode ser confirmado, por exemplo, pelo fato de Marta ter sido eleita pela FIFA, por cinco vezes consecutivas a melhor jogadora de futebol do mundo, entre os anos de 2006 e 2010. Sendo a primeira e única atleta, entre homens e mulheres, a vencer cinco vezes em sequência essa premiação. Porém, ainda assim, notamos a ausência de mulheres na lista de 100 personalidades futebolísticas listadas, pois apenas duas são mulheres. Por isso a superação de Marta em galgar um espaço entre tantos homens. A escassez de mulheres na lista corrobora com questões discutidas anteriormente de que o futebol ainda é um esporte estritamente masculino: ainda estamos imersos em uma cultura heteronormativa (BUTLER, 2003). Por isso, a figura de uma mulher que joga como Marta pode causar tanto fascínio, pois em nosso padrão social não é considerado normal uma mulher que consegue os feitos alcançados por ela no esporte.

A notícia seguinte de nosso *corpus* de análise (ESPN, 2017j) traz o perfil da goleira americana Hope Solo, atleta que ocupa a 75ª posição no “*ESPN World Fame 100*”, *ranking* da ESPN que lista os 100 atletas mais famosos do mundo. A informação é organizada nos modos enunciativo e descritivo. Inicialmente apresenta o *ranking*, depois descreve a justificativa da escolha da jogadora de futebol feminino Hope Solo, na posição de número 75.

O orador projeta mais uma vez o *ethos* de potência, ao mesmo tempo em que lança um estado emocional de atração sobre a atleta. Como já vimos, na atração o sujeito constrói a imagem positiva de um benfeitor como, por exemplo, a goleira Hope Solo. O que vai servir como pano de fundo para o surgimento do imaginário sociodiscursivo de personalidade questionável, como notamos a partir do seguinte excerto atribuído à fonte, a própria jogadora de futebol feminino Hope Solo:

- E 21 - "Não importa o que aconteça, as pessoas vão me achar egoísta, explícita. Controversa. Eu nunca posso ser só 'Hope Solo, a velha goleira do time nacional'" (ESPN, 2017j).

Tal imaginário é baseado em um saber de crença, do tipo opinião relativa, pessoal e que pode ser provado a partir do seguinte excerto do enunciado acima: "Não importa o que aconteça, as pessoas vão me achar egoísta, explícita. Controversa" (ESPN, 2017j). O que indica que os atos da jogadora, sejam eles quais forem, tendem a ser aumentados e questionados pela posição que ela ocupa na seleção americana de futebol feminino ou como problematizaremos, somente pelo fato de ser uma mulher em uma posição de destaque no

esporte. Como observamos, na sociedade em que vivemos as mulheres que não atendem aos padrões de feminilidade desejados como as jogadoras de futebol são sempre questionadas. Isso, somado ao fato de que o futebol ainda é um espaço masculinizado, obriga as mulheres que ocupam uma posição de destaque no esporte a estarem o tempo todo provando seu valor de atleta. Por isso muitas vezes suas ações e atitudes perpassam o âmbito esportivo e são questionados e amplificados pela sociedade.

A penúltima notícia analisada (ESPN, 2017k) informa sobre o protesto realizado pelo time juvenil feminino do Club Sportivo San Lorenzo, do Paraguai, contra a falta de investimento no futebol feminino. É organizada nos modos enunciativo, descritivo e argumentativo: inicialmente, enunciam o acontecimento, depois descrevem detalhes do fato e, enfim, argumentam sobre os acontecimentos que culminaram no protesto a fim de justificar o mesmo.

O orador sustenta um *ethos* de potência ao passo que tende a instaurar estados emocionais distintos como repulsa, angústia, simpatia e esperança. Repulsa pelo descaso da direção do clube para com o time feminino. Angústia pela situação precária ofertada à equipe como a falta de verbas financeiras e até mesmo de um local para treinar. Simpatia pela iniciativa do protesto. E esperança que, a partir dessa ação, as meninas possam ser mais valorizadas como esportistas. Como já discutimos, os efeitos de sentido desses estados emocionais tendem a agir de modos distintos: enquanto a repulsa e a angústia são orientadas contra algo, como por exemplo as atitudes da direção do clube para com a equipe feminina, e tendem a mobilizar representações negativas sobre o fato; a simpatia e a esperança mobilizam crenças positivas sobre algo, como por exemplo o protesto realizado pela equipe feminina do San Lorenzo – PAR. Essa conjunção atua como base para arregimentação de diferentes imaginários: de um tratamento igualitário entre gêneros no futebol; e de desenvolvimento do futebol feminino, como notamos no seguinte enunciado atribuído à primeira fonte, a *fanpage* da equipe do San Lorenzo na rede social *facebook*:

- E 22 – "Ante a falta de apoio de parte do conselho diretivo do nosso clube, a não entrega do aporte que a APF (Associação Paraguaia de Futebol) destina ao futebol feminino, a falta de campo para treinar, pelas promessas não-cumpridas, decidimos nos caracterizar como 'homens', já que eles sim têm a total atenção dos responsáveis do clube" (ESPN, 2017k)

E também nos outros enunciados subsequentes imputados à segunda fonte, José Miguel Giménez, treinador da equipe juvenil feminina do San Lorenzo – PAR:

- E 23 – "Como jogadoras e com a ilusão de que mais meninas não sigam passando pelo mesmo, pelo futuro de várias crianças que têm um sonho atrás do futebol, realizamos nosso protesto desta maneira. Queremos ser tratadas igual, temos os mesmos direitos, basta de discriminação. Exigimos o que nos pertence e ganhamos com nosso esforço no campo" (ESPN, 2017k).
- E 24 – "A direção do esportivo San Lorenzo prometeu que iam conseguir campo, que ia dar ao time o estádio para treinar, no entanto quando perdeu a primeira rodada contra o Sportivo Limpeño, no dia seguinte, já negaram o uso do campo" (ESPN, 2017k).
- E 25 – "Não entregaram o dinheiro dizendo que no ano passado não cubrimos os gastos, mas na realidade o clube nem sequer nos deu notas para pagar contas. Agora querem maquiar a situação. Se nos dão o dinheiro, podemos emprestar campo, pagar pela luz em algum outro lugar e treinar em forma. No final, este sábado, nos deram 2 milhões de guaraní (R\$ 1,2 mil) de tudo o que deviam nos entregar" (ESPN, 2017k).

O primeiro imaginário de falta de um tratamento igualitário entre gêneros no futebol é alicerçado em um saber de crença, enquanto uma opinião coletiva de toda a equipe, como percebemos no seguinte excerto imputado à primeira fonte, a *fangpage* do clube no *facebook*: "Ante a falta de apoio de parte do conselho diretivo do nosso clube" (...) "decidimos nos caracterizar como 'homens', já que eles sim têm a total atenção dos responsáveis do clube" (ESPN, 2017k). Essa mesma organização se repete quando o imaginário de falta de tratamento igualitário entre gêneros surge novamente, desta vez no dizer atribuído à segunda fonte, o treinador da equipe, Giménez: "Queremos ser tratadas igual, temos os mesmos direitos, basta de discriminação. Exigimos o que nos pertence e ganhamos com nosso esforço no campo"(ESPN, 2017k).

O imaginário de falta de um tratamento igualitário entre gêneros no futebol surge em um cenário de contestação contra a desigualdade no tratamento entre homens e mulheres no esporte, onde historicamente valoriza-se o masculino e sugere, portanto, que há um tratamento desigual entre homens e mulheres no esporte em geral. Como discutimos, a partir de estudos como de Busso e Daolio (2011) e de Darido (2002), deduzimos que esse tratamento desigual entre gêneros no esporte é reverberado em várias esferas sociais e está atrelado a questões sociais: desde a infância os meninos são incentivados a jogarem futebol enquanto para as meninas tais práticas são repreendidas.

Na sociedade brasileira, como vimos em Goellner (2005), durante décadas sanções sociais na forma de leis proibiram a mulher de praticar o futebol, enquanto aos homens tal

prática era incentivada. Isso acaba, de certo modo, por comprovar a diferenciação no tratamento entre gêneros no futebol. Ainda hoje essa abordagem desigual persiste: o futebol masculino é tido como “bem simbólico” da sociedade brasileira, objeto de ufanismo, e que acompanhamos todos os dias nos noticiários enquanto o futebol feminino passa despercebido e nem sequer tem um número suficiente de equipes profissionais para formar uma liga.

Já o segundo imaginário desta notícia (ESPN, 2017k), é mais uma nuance do imaginário de: desenvolvimento da modalidade. É baseado em um saber de conhecimento, externo ao indivíduo e verificável, do tipo experiência e organizado a partir de uma empiria, como notamos no seguinte enunciado atribuído ao treinador da equipe, Giménez: “Não entregaram o dinheiro dizendo que no ano passado não cobrimos os gastos, mas na realidade o clube nem sequer nos deu notas para pagar contas.” (ESPN, 2017k). Este imaginário é relacionado à experiência da equipe: ao receber da diretoria apenas parte do valor que deveria ser repassado a equipe feminina.

Ao mesmo tempo, este imaginário de desenvolvimento do futebol feminino é alicerçado em um saber de crença, do tipo revelação (adesão), organizado enquanto uma opinião coletiva, essencializada pelo grupo que representa, como incidimos a partir de outro excerto referido a Giménez: “A direção do esportivo San Lorenzo prometeu que iam conseguir campo, que ia dar ao time o estádio para treinar, no entanto quando perdeu a primeira rodada contra o Sportivo Limpeño, no dia seguinte, já negaram o uso do campo” (ESPN, 2017k). Tal imaginário é ligado à crença, logo o desenvolvimento da modalidade não pode ser demonstrado uma vez que essas supostas promessas da diretoria da equipe não podem ser provadas. Incidimos que esse descaso com o desenvolvimento da modalidade sugerido aqui, é condicionada pela posição da mulher futebolista na sociedade heteronormativa (BUTLER, 2003).

Olhando para o Brasil, notamos também esse descaso a partir da falta de iniciativas, investimentos e profissionalização da modalidade. Como debatido nos capítulos anteriores, diante de estudos como Franzini (2005) e Goellner (2005), inferimos que estamos imersos numa sociedade que durante muito tempo não considerou a mulher apta a praticar o futebol. Isso reflete-se na pouca relevância social dada ao futebol feminino. Essa concepção vem modificando aos poucos, porém o cenário ainda é longe do ideal. Consideramos que somente com ações como o protesto realizado pela equipe feminina juvenil do Club Sportivo San Lorenzo (PAR) podemos vislumbrar um futuro outras garotas que quiserem jogar futebol tenham melhores oportunidades.

A última notícia de nosso corpus de análise (ESPN, 2017I) retrata a posição da jogadora Marta, capitã da seleção brasileira de futebol feminino, sobre a nomeação de Emily Lima como a primeira mulher treinadora da seleção brasileira de futebol feminino na história. Tal notícia está estruturada em um modo de organização enunciativo e descritivo que, como já abordamos, integra o gênero notícia. Primeiramente, o site ESPN e Agência EFE enunciam o fato ocorrido da nomeação da primeira mulher para o cargo de treinadora da seleção brasileira de futebol feminino, depois descrevem rapidamente a posição da capitã da seleção sobre o ocorrido.

O orador traz consigo o *ethos* de potência e legitimidade para falar sobre o assunto justamente pelo fato de a fonte ser mulher e estar diretamente envolvida no acontecimento como capitã da seleção brasileira e maior expoente do país na modalidade. Ao mesmo tempo em que tende a instaurar um estado emocional de alegria, simpatia e esperança, estratégia que já identificamos anteriormente. Como já explicamos, os efeitos de sentido desses estados emocionais criam um ambiente para recepção do conteúdo proposto, pois mobilizam crenças a favor de determinado fato, como no caso da nomeação da treinadora. A alegria pelo fato de pela primeira vez ter uma mulher no comando de uma grande seleção, simpatia pela ação da CBF em promover Emily como treinadora, e esperança de que esse exemplo sirva para inspirar outros. Isso tudo serve de base para a projeção do imaginário de inclusão no esporte, que aparece mais uma vez em nosso *corpus* de análise agora sob uma nova roupagem, como notamos a partir do enunciado atribuído à fonte, Marta, capitã da seleção brasileira de futebol feminino:

- E 26 - “Rompemos alguns paradigmas com a sua nomeação. Nunca antes tinha ocorrido algo assim no Brasil com uma seleção de alto nível” (ESPN, 2017I).

A fonte é uma mulher jogadora de futebol feminino que sustenta o imaginário de inclusão no esporte inicialmente em um saber de crença, do tipo opinião e organizado enquanto uma opinião relativa, pessoal, como vemos no seguinte excerto: “Rompemos alguns paradigmas com a sua nomeação” (ESPN, 2017I). Apesar de incidimos que esse paradigma se refere ao fato nunca antes ocorrido de uma mulher treinar a seleção brasileira de futebol feminino, isso fica subentendido e, portanto, torna-se uma opinião da fonte. Porém, ao mesmo tempo, utiliza um saber de conhecimento, do tipo científico, organizado enquanto teoria/código que pode ser demonstrado, a fim de sustentar seu dizer como percebemos em outro excerto: “Nunca antes tinha ocorrido algo assim no Brasil com uma seleção de alto nível”. Neste caso a inclusão pode ser confirmada, demonstrada, pelo fato de que nunca antes

na história da seleção brasileira de futebol feminino uma mulher tenha sido nomeada treinadora da equipe de forma oficial.

A fonte é uma mulher, o que por si só aumenta a credibilidade para falar sobre a modalidade, que busca, a partir de sua opinião pessoal, gerar atração e simpatia do público com o fato de pela primeira vez na história uma mulher ter assumido o comando da seleção brasileira de futebol feminino. Ao abordar a quebra de paradigmas e a inclusão no esporte, acaba de certa forma, reafirmando os tabus que permeiam o futebol como o de que uma mulher não é apta para assumir cargos de gestão no esporte em geral tal como o de treinadora - o que, de acordo com os estudos de Butler (2003), faz parte de uma cultura heteronormativa, a partir da qual inferimos que tende a colocar a mulher futebolista em segundo plano. No entanto, o imaginário de inclusão no esporte nos aponta para uma gradual mudança que tem ocorrido nesse cenário a partir, por exemplo, da nomeação de Emily como treinadora do Brasil. No entanto, neste caso específico, essa suposta inclusão acabou por não se confirmar. Como abordamos no capítulo 2, Emily Lima foi demitida ainda no segundo semestre de 2017, no fim de setembro, após 10 meses no cargo, sob a justificativa de maus resultados apesar de não ter disputado nenhuma competição oficial e conquistar 60% de aproveitamento nos jogos. Após a saída de Emily, novamente um homem assumiu o comando da seleção. Tal decisão gerou revolta de importantes jogadoras da seleção como Cristiane, Rosana, Maurine entre outras, que à época, como forma de protesto, resolveram abdicar de servir à seleção brasileira.

3.3 Considerações finais

Nossa conclusão será repartida em três partes. Na primeira etapa, discutiremos os modos de organização do discurso e as categorias *ethóticas* e *patêmicas* de maior incidência no material analisado para adentrarmos nas discussões sobre os imaginários mais recorrentes que identificamos no *corpus*. Distinguimos esses imaginários em outros dois tópicos de acordo com os universos que se sobressaíram em nossa análise: primeiramente, debateremos sobre o desenvolvimento da modalidade no Brasil, que surgem em 50% das matérias do *corpus* de análise. E por fim debateremos o preconceito contra a mulher no futebol e a inclusão pelo esporte como a inserção das mulheres em um espaço masculinizado como o futebol, que juntos perpassam 25% do material analisado. Traremos gráficos e tabelas que nos ajudarão a ilustrar e problematizar de melhor forma o fenômeno identificado.

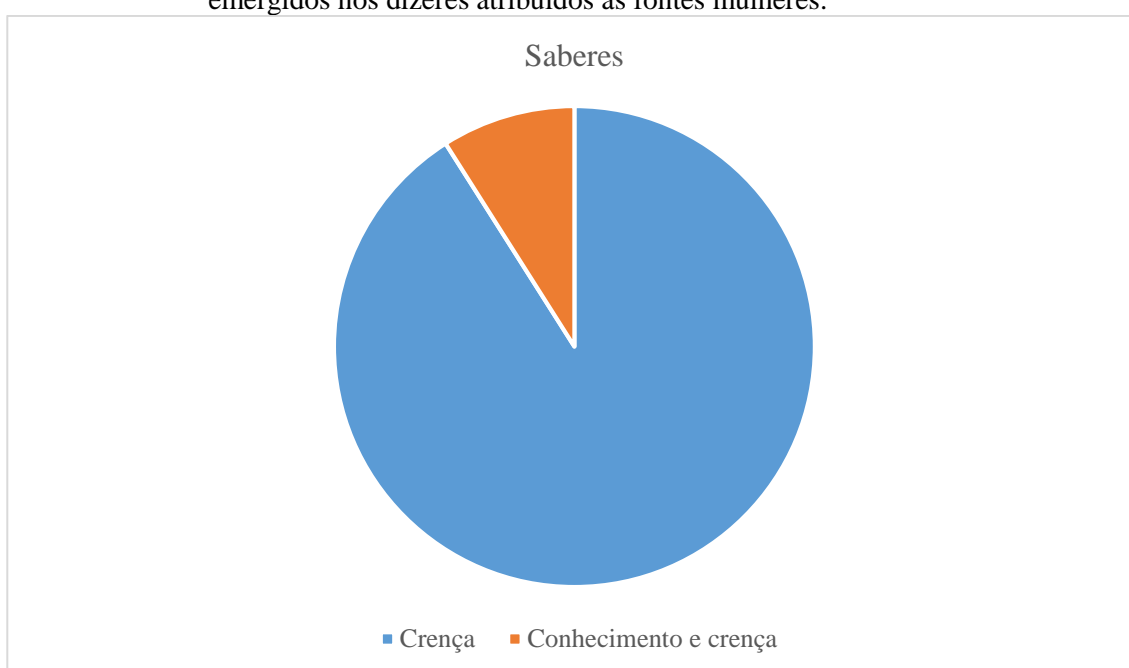
Em princípio, notamos que no futebol feminino ainda são reproduzidas questões de normatização do corpo da mulher, sendo restritas as condições de poder dizer e fazer. Em nossa análise, percebemos que as mulheres, mesmo sendo as personagens principais do jogo, nem sempre assumem o protagonismo na cobertura realizada pela imprensa especializada sobre o assunto. Metade das matérias sobre o tema, 50%, traz entrevistas com homens ou entidades como fontes de informação e, muitas vezes, não apresentam a voz das mulheres, protagonistas do jogo. Isso tende a acontecer, pois a imprensa especializada tende a reproduzir a estrutura social na escolha das fontes: muitos dos envolvidos no esporte como treinadores e dirigentes são homens.

No entanto, utilizam-se diferentes estratégias discursivas para validar seus dizeres. Identificamos que, de modo geral, a maior parte dos imaginários sociodiscursivos (80%) é baseado em crenças. Destes, em 82% das vezes são alicerçados uma opinião relativa, pessoal do sujeito; e, em 18% das ocorrências, as fontes buscam uma forma de validar seu dizer utilizando uma opinião comum, essencializada pelo grupo a qual pertencem. De outro lado, apenas três imaginários, 9% da incidência total, são fundamentados apenas em saberes de conhecimento, externos ao sujeito e verificáveis, baseados tanto na empiria, no vivenciado, quanto na teoria. Há ainda casos em que emergem, ao mesmo tempo, saberes de conhecimento e crença, como acontece em 11% das ocorrências. Notamos que a maior parte das fontes não baseou seu dizer em argumentos racionais, mas sim em na posição ideológica pessoal ou do grupo que representam. Muito disso ocorre porque, como já discutimos diferentemente do futebol masculino, no feminino problematizam-se questões sociais como a inclusão e o desenvolvimento da modalidade, debates que vão além do conhecimento

especializado do que ocorre no campo. No entanto tais imaginários, por serem baseados em sua maior parte em um testemunho do vivido, tendem a não ser questionados. Do mesmo modo ocorre com a estratégia dos saberes de conhecimento, que mesmo aparecendo em menor incidência, também são irrefutáveis pois podem ser provados.

Em um primeiro momento, nos propomos a discutir, de modo geral, os saberes arregimentados nos dizeres atribuídos às fontes homens e às fontes mulheres em nosso *corpus* de análise.

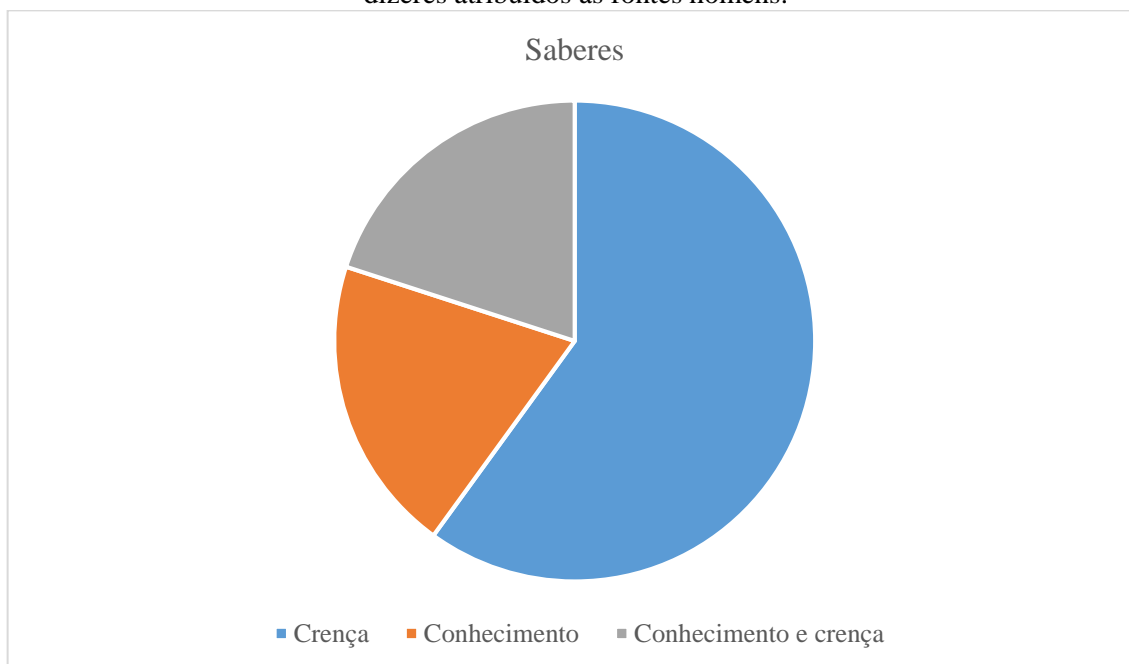
Gráfico 1. Saberes utilizados como estratégias para sustentação dos imaginários emergidos nos dizeres atribuídos às fontes mulheres.



Fonte: Dados do estudo do autor.

Como nos mostra o gráfico 1 acima, nos dizeres imputados às fontes mulheres os imaginários que emergem são em sua maioria, 91%, baseados apenas em saberes de crença do tipo opinião relativa, pessoal do sujeito. No entanto, em uma ocorrência utilizou-se como estratégia, ao mesmo tempo, um saber de crença do tipo opinião relativa e um saber de conhecimento do tipo teoria/código. Em outras palavras, em apenas um caso, utilizou-se de um saber externo e irrefutável para validar o dizer. Isso demonstra que, nos dizeres atribuídos às mulheres, por terem maior poder de adesão junto ao público específico do conteúdo os leitores e admiradores do futebol feminino, utilizam mais opiniões alicerçadas em suas crenças pessoais que justamente pelo seu estatuto de fala desses oradores tendem a não ser refutadas pelo público.

Gráfico 2. Saberes utilizados como estratégias para sustentação dos imaginários emergidos nos dizeres atribuídos às fontes homens.



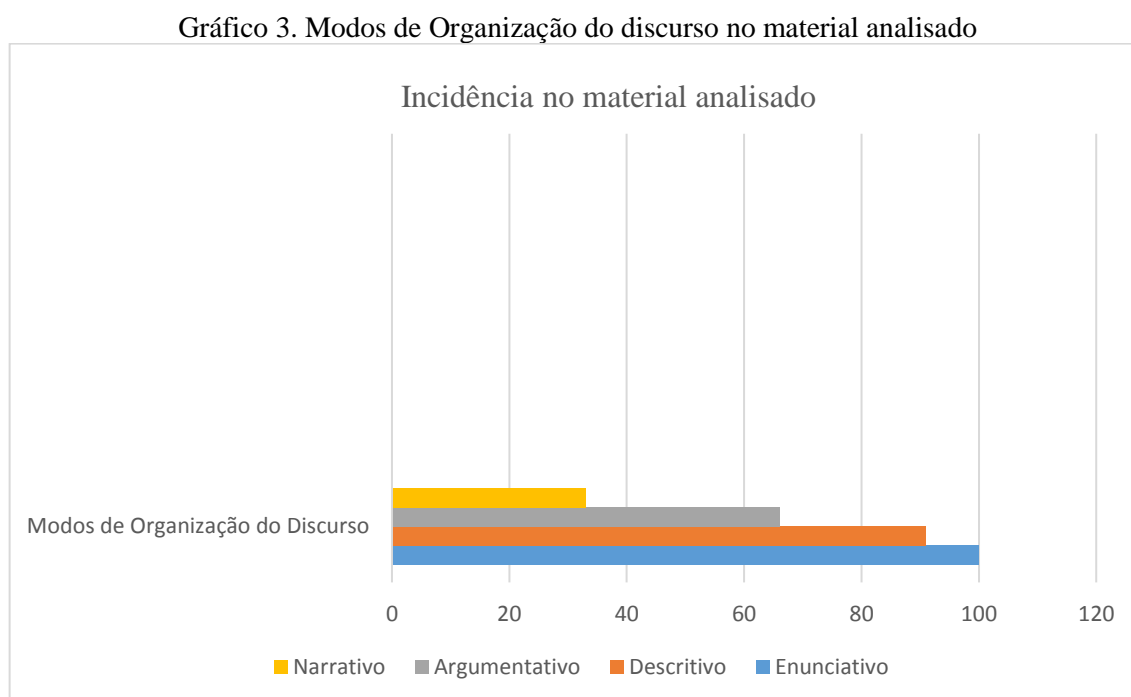
Fonte: Dados do estudo do autor.

Por outro lado, os imaginários atribuídos a fontes homens são em sua maior parte (60%), baseados em saberes de crença. Deste total, 66% são alicerçados em opinião relativa, 17% em opinião coletiva e 17% em opinião comum. Outra parte, 20% da incidência total, é baseada em saberes de conhecimento, externos aos sujeitos e irrefutáveis. Temos ainda casos em que se utilizam dois tipos de saberes, de conhecimento e crença, que corresponde também a 20% do total destes imaginários. Assim, notamos que, quando a fonte é masculina, a estratégia discursiva do orador se apresenta diferente: utilizam não só opiniões pessoais, mas também saberes coletivos embasados em opiniões dos grupos que representam ou saberes comuns validados pela sociedade a fim de minar as refutações sobre seus dizeres e induzir o leitor a aceitar seu projeto de fala. Há também uma incidência maior da utilização de saberes de conhecimentos externos aos sujeitos e irrefutáveis, que surgem justamente pelo estatuto de fala do orador a fim de validar seu dizer. A partir disso, percebemos que nas matérias jornalísticas sobre o futebol feminino, as fontes homens são convocadas também como especialistas e conhecedores do assunto, enquanto as fontes mulheres são convidadas quase sempre a falar sobre o vivenciado, experimentado por elas. Ao negar o espaço de fala das mulheres emitirem saberes de conhecimento, a ESPN acaba por naturalizar a heteronormatividade compulsória, tal qual indicada por Buttler (2003) e debatida no último capítulo, onde dentro dos padrões de masculinidade e feminilidade idealizados somente ao homem futebolista é aceito e, logo, somente ele pode emitir opiniões sobre o futebol. Em tese

a imprensa teria um papel de reequilibrar os jogos de força entre gêneros, no entanto concluímos que ela acaba por replicar a estrutura social, tornando-se mais uma esfera onde naturaliza-se a heteronormatividade.

3.3.1 O que precede os imaginários

Como vimos, de acordo com Charaudeau (2009), um mesmo texto pode apresentar até quatro modos de organização do discurso: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Por sua vez, no material analisado nos deparamos com todos eles como nos mostra o gráfico 3 abaixo.

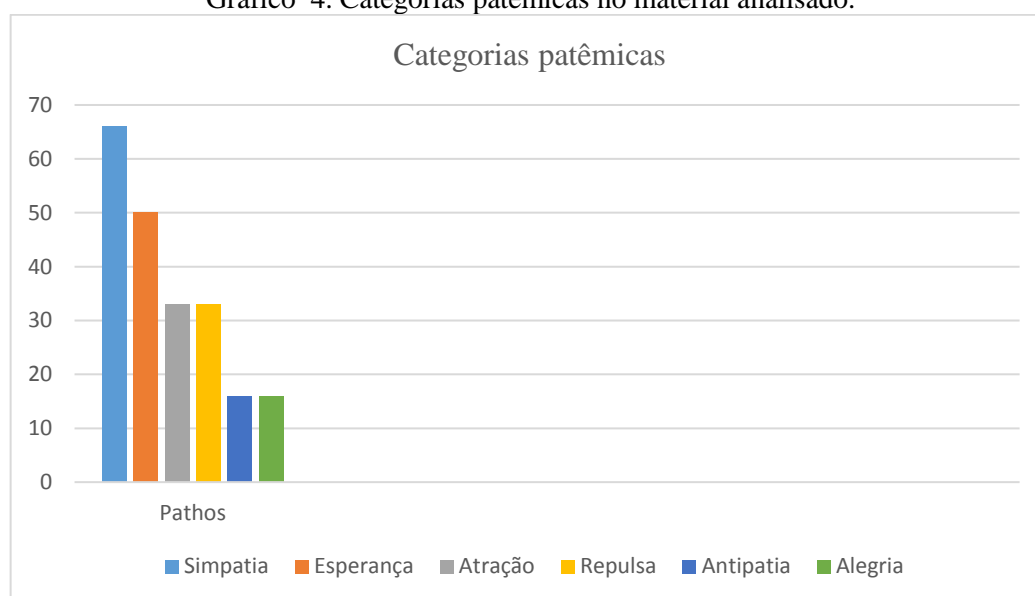


O enunciativo apresenta-se em todas as matérias, tendo a função específica de situar o leitor. O descritivo aparece em 91% das vezes, com o objetivo de detalhar determinado acontecimento. Enquanto o narrativo surge em 33% das matérias, através, por exemplo, do relato dos fatos ou do encadeamento de acontecimentos. Já o argumentativo, presente 66% do *corpus*, tem o objetivo de incitar o leitor a tomar posição sobre determinado fato ou acontecimento.

Percebemos que, no material analisado, o discurso é organizado de modo coerente por meio de um encadeamento dos fatos, o que interfere nos efeitos de veracidade projetados pelo veículo e, ao mesmo tempo, tende a interferir na consolidação dos imaginários

sociodiscursivos perante o público, pois criam um bom ambiente para a aceitação e arregimentação desses imaginários. Logo, narrar os fatos ou argumentar faz parte da estratégia utilizada pelo locutor para atingir os objetivos pretendidos. Vimos que, no material analisado, a ESPN tende a repetir o padrão do gênero jornalístico, variando na utilização de todos os modos de organização do discurso. Outra estratégia utilizada pelo locutor é o *ethos*, imagem de si sustentada no ato do discurso. Identificamos que de modo geral o *ethos* projetado nas matérias do site ESPN é de potência, representatividade para falar sobre o futebol feminino. Logo, ao lançar uma imagem de que é apto a falar sobre o tema, o orador tende a minar as refutações sobre seu dizer. Aliado a isso, como estratégia projetada também estados emocionais suscetíveis de tocar o público, como nos indica o gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4. Categorias patêmicas no material analisado.



Fonte: Dados do estudo elaborado pelo autor.

Todo discurso é suscetível de despertar as mais diversas reações. No entanto, não podemos prever as respostas nem medir as emoções que as pessoas sentem. Charaudeau (2007) propõe, então, que analisemos as visadas de emoção, ou seja, as palavras ou expressões projetadas no discurso suscetíveis de despertar emoções nos interlocutores. De acordo com a categorização proposta por Charaudeau (2007), encontramos, na fala das fontes no *corpus* analisado, diferentes categorias patêmicas: simpatia em 66% das matérias; esperança em 50% das vezes; atração e repulsa em 33%; antipatia, alegria e angústia em 16% das ocorrências. Portanto, como nos mostra o gráfico 4 acima, a principal categoria patêmica presente no material analisado é a simpatia. Isso nos mostra que os locutores buscaram se

colocar como adeptos da causa das mulheres no futebol. Nos propomos então a explicar o fenômeno.

Portanto, toda essa ambientação criada nas matérias analisadas, onde o discurso é organizado de modo coeso atendendo aos padrões jornalísticos, onde o *ethos* sustentado é de poder falar sobre o futebol feminino, despertando, por exemplo, a simpatia pela causa das mulheres no futebol ou esperança de que determinados cenários se transformem, acabam por criar um bom ambiente para consolidação dos imaginários sociodiscursivos evocados de modo geral como discutiremos a seguir.

3.3.2 O desenvolvimento da modalidade

Para o estudo dos imaginários acerca do desenvolvimento da modalidade, trazemos abaixo a tabela 3, que nos auxiliará na problematização do fenômeno:

Tabela 3. Imaginários de necessidade de mudanças.

Imaginários	Saber	Tipo de saber	Organização	Quem fala
Investimento no futebol feminino no Brasil	Conhecimento /crença	Científico / opinião	Teoria/código / opinião coletiva	Homem - Manoel Flores, diretor de competições da CBF
Investimento no futebol feminino no Brasil.	Crença	Opinião	Opinião relativa	Mulher – Aline Pellegrino, ex-capitã da Seleção e diretora do Departamento Feminino da Federação Paulista de Futebol.
Investimento no futebol feminino.	Crença	Opinião	Opinião relativa	Mulher - Nadine Kessler, conselheira da UEFA para o desenvolvimento do futebol feminino
Investimento no futebol feminino.	Crença	Opinião	Opinião relativa	Homem - Aleksander Ceferin, presidente da UEFA.
Investimento no futebol feminino.	Crença	Opinião (apropriação)	Opinião relativa	Mulher - Fatma Samoura, secretária-geral da FIFA.
Investimento no futebol feminino no Brasil	Crença	Opinião (apropriação)	Opinião relativa	Homem - Dani Rodrigo, treinador do AEM de Lleida.
Investimento no futebol feminino.	Conhecimento / crença	Experiência (experimentado) / revelação (adesão)	Empiria (causalidade) / opinião coletiva	José Miguel Giménez, técnico da equipe de futebol feminino do San Lorenzo – PAR.

Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

Diante de um cenário em que enxergamos o preconceito, a falta de apoio e o descaso com a mulher que joga futebol de modo geral no Brasil, em nosso *corpus* surge um quadro que aponta para a necessidade de desenvolvimento do futebol feminino como um todo. É o que percebemos em 50% das matérias (ESPN, 2017a; ESPN, 2017b; ESPN, 2017d; ESPN, 2017e; ESPN, 2017f; ESPN, 2017h; ESPN, 2017k) em que emergem o imaginário de desenvolvimento da modalidade sob diferentes nuances: seja a partir da impulsão do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino (ESPN, 2017a), ou do investimento nas categorias de base de futebol feminino no Brasil (ESPN, 2017b), ou ainda supostamente a partir da disputa com homens (ESPN, 2017h) por exemplo. Estes imaginários estão parcialmente vinculados, na medida em que instauram uma base de argumentação: é preciso desenvolver o futebol feminino para que cada vez mais as mulheres assumam o protagonismo no esporte. Tudo isso demonstra que ainda não há investimento suficiente no futebol feminino e, talvez, esse seja o motivo da mulher não ter um papel de destaque no futebol. No entanto, tais imaginários, apesar de se referirem ao mesmo universo, se diferenciam em seu processo de construção seja na fundamentação e organização dos saberes ou ainda nas características dos sujeitos que reverberam tais imaginários, como nos demonstram os gráficos 5 e 6 abaixo.

Gráfico 5. Quem diz os imaginários de desenvolvimento da modalidade nas matérias sobre futebol feminino no site ESPN.



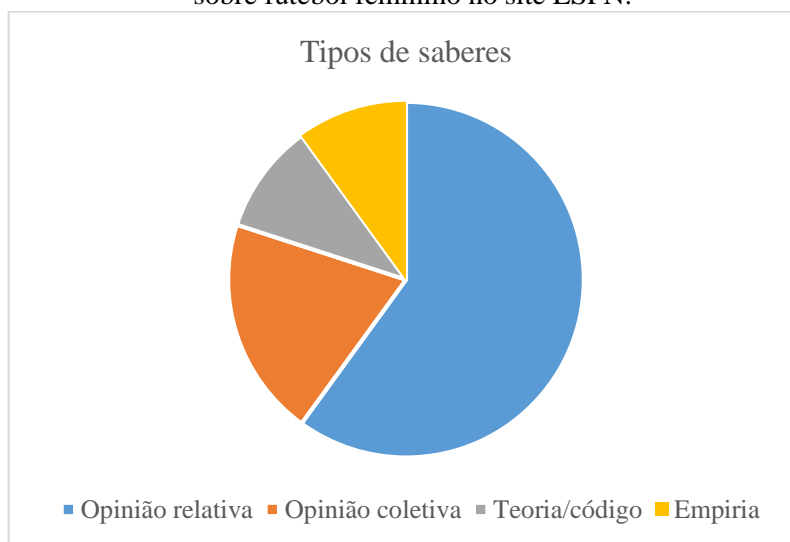
Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

Como notamos no gráfico 5, os imaginários relacionados ao desenvolvimento da modalidade emergem igualmente, nos dizeres imputados às fontes homens e às fontes mulheres. Em todos os casos, a fonte é institucional: Manoel Flores, diretor de competições da CBF (ESPN, 2017a); Aline Pellegrino, diretora do Departamento Feminino da FPF (2017b); Nadine Kessler, conselheira da UEFA para o desenvolvimento do futebol feminino

(ESPN, 2017e); Aleksander Ceferin, presidente da UEFA (ESPN, 2017e); Fatma Samoura, secretária geral da FIFA (ESPN, 2017f); Dani Rodrigo, treinador do AEM de Lleida (ESPN, 2017h); José Miguel Giménez, técnico da equipe de futebol feminino do San Lorenzo – PAR (ESPN, 2017k).

Todas essas instituições como a FIFA, a UEFA, a CBF e a FPF são responsáveis pelo futebol de alguma forma e historicamente não investem no futebol feminino. Assim, entendemos a reverberação desses imaginários como uma tentativa de fortalecer o compromisso que tem com as mulheres que praticam futebol, ou seja, uma tática das próprias entidades para mascarar a falta de atenção para com a modalidade no Brasil. Desse modo, acabam admitindo o vácuo existente no que tange à organização, planejamento e investimento no futebol feminino de um modo geral ao apontar para a necessidade de mudança desse quadro. Correlacionamos isso a discussões no capítulo 2, onde percebemos que ainda que tenha alcançado avanços, a mulher que pratica futebol no Brasil continua carecendo de investimento, profissionalização e incentivo por parte do poder público e da sociedade brasileira de modo geral.

Gráfico 6. Quais saberes sustentam desenvolvimento da modalidade nas matérias sobre futebol feminino no site ESPN.



Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

Já o gráfico 6 nos indica os saberes utilizados como estratégia para sustentar os imaginários relacionados ao universo da necessidade de mudanças na relação da mulher com o futebol. Como notamos, a maioria destes imaginários, 60%, é sustentado em uma opinião relativa, ou seja, pessoal do orador. Outros 20% são sustentados em opiniões coletivas, essencializadas pelos grupos que representam. Em 10% das vezes utilizou-se um saber de conhecimento, externo ao sujeito, do tipo teoria/código. E em outros 10% dessas ocorrências

o imaginário de desenvolvimento da modalidade foi alicerçado em um saber de conhecimento do tipo empiria.

Como notamos, a maior parte dos imaginários do campo da necessidade de mudanças, 75% do total, é alicerçada em saberes de crença. O que indica que essas mudanças ficam só no campo da crença e não podem ser de fato provadas. O acontecimento do campeonato paulista sub-17, como salientado no imaginário da matéria (2017d), continua existindo e contou com sua segunda edição em 2018, no entanto outros imaginários como por exemplo o maior investimento no campeonato brasileiro da modalidade, e o maior incentivo às mulheres que praticam futebol por parte da CBF, UEFA ou da FIFA, por exemplo, ainda não é perceptível pois como observamos empiricamente de um modo geral, o cenário pouco se transformou de um ano para cá e questões colocadas inicialmente no capítulo 2 como a falta de incentivo e apoio à mulher futebolista e a conseqüente pouca presença feminina no futebol continuam. Após muita pressão popular foi criado em outubro de 2017 o Comitê de Futebol Feminino pela CBF, que deveria regular e organizar as atividades referentes à modalidade como um todo. No entanto, poucos meses depois, em dezembro do mesmo ano, o Comitê foi extinto pela entidade.

No conjunto destes imaginários sobre o futebol feminino, inferimos que as discussões sobre a modalidade na imprensa, em geral, perpassam o campo de jogo. Ao levantar a necessidade de investimento no futebol feminino, acaba-se admitindo que a modalidade ainda não tem um cenário ideal para sua evolução. O debate tem raiz na histórica relação da mulher com o esporte e com a sociedade onde, em geral, a partir das normatizações sociais impostas ao longo do tempo tornou-se incomum, fora do padrão social considerado normal, a mulher praticar o futebol. Muito disso nos indica porque na imprensa brasileira especializada, discussões sociais e estruturais ganham mais destaque do que os debates do jogo em si no futebol feminino. O que se diverge da abordagem jornalística com o futebol masculino, onde se privilegiam os debates do campo de jogo e os protagonistas das partidas. Mesmo o esporte sendo um espaço de inclusão, a priorização dos debates extracampo no futebol feminino estão atreladas, entre outras coisas, ao preconceito sofrido pela mulher no futebol como veremos no tópico seguinte. O que nos indica que, antes mesmo do aperfeiçoamento e da evolução do jogo pelas mulheres, são necessárias mudanças estruturais mais profundas, começando pela naturalização da própria relação social entre mulher e futebol no Brasil. Por isso a maior parte das notícias não focam em aspectos técnicos ou táticos do jogo em si, mas em questões como o investimento financeiro na modalidade, o desenvolvimento das categorias de base ou as ações para que cada vez mais as mulheres possam assumir o protagonismo no futebol.

3.3.3 A inclusão e o preconceito

Para o estudo dos imaginários sobre a inclusão pelo esporte e o preconceito no futebol, trazemos a tabela 4 abaixo que nos auxiliará na compreensão do fenômeno:

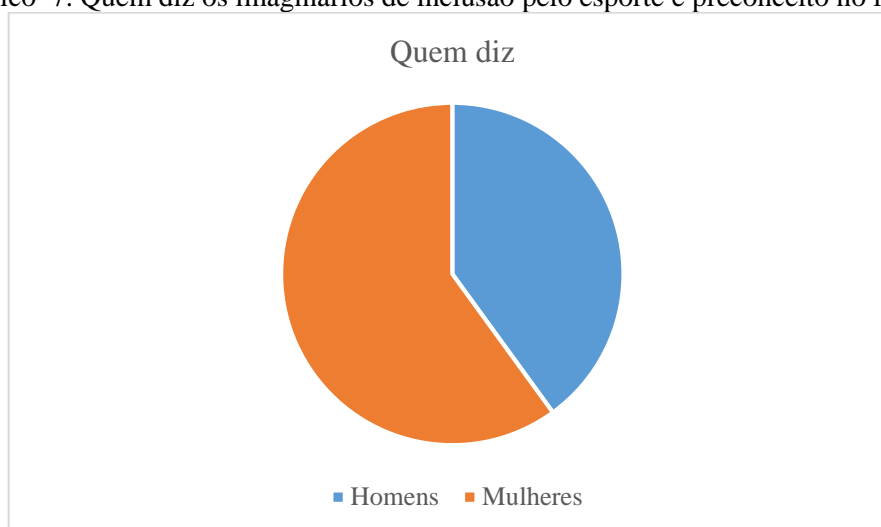
Tabela 4. Os imaginários de inclusão pelo esporte e preconceito no futebol.

Imaginários	Saber	Tipo de saber	Organização	Quem fala
Inclusão pelo esporte.	Crença	Opinião	Opinião relativa	Mulher- Fatma Samoura, secretária-geral da FIFA.
Inclusão pelo esporte.	Crença	Opinião	Opinião relativa	Mulher- Fatma Samoura, secretária-geral da FIFA.
Preconceito contra as mulheres no futebol.	Crença	Opinião	Opinião relativa	Homem - Dani Rodrigo, treinador do AEM de Lleida.
Preconceito contra as mulheres no futebol	Conhecimento	Experiência (experenciado)	Empiria (causalidade)	Homem - Dani Rodrigo, treinador do AEM de Lleida.
Inclusão pelo esporte.	Crença/ conhecimento	Opinião / científico	Opinião relativa / Teoria/código	Mulher – Marta, capitã da seleção brasileira de futebol feminino.

Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

Apesar de nos depararmos com imaginários que apontam para o desenvolvimento do futebol feminino, outros demonstram o preconceito que a mulher futebolista ainda tem sofrido ao adentrar um espaço masculinizado como o do futebol e alguns ainda apontam para a possibilidade de transformação desse quadro através do caráter inclusivo do futebol. Tais imaginários perpassam 24% do *corpus* de análise. O preconceito configura-se como uma imagem previamente formada sobre algo ou alguém, neste caso um conceito negativo acerca da participação das mulheres no futebol. Já o imaginário de inclusão pelo esporte indica que o esporte, de modo específico o futebol, pode ser um fator social de integração entre homens e mulheres de diferentes classes, raças, etnias. No entanto, como nos demonstra o próprio imaginário de preconceito com as mulheres no esporte, percebemos que as mulheres ainda são de certo modo excluídas no meio futebolístico. Tais imaginários, apesar de estarem de certo modo ligados, se divergem no processo de construção em alguns aspectos como a fundamentação de saberes e o estatuto das fontes a quem os dizeres são imputados, como percebemos a partir dos gráficos 7 e 8 abaixo.

Gráfico 7. Quem diz os imaginários de inclusão pelo esporte e preconceito no futebol.



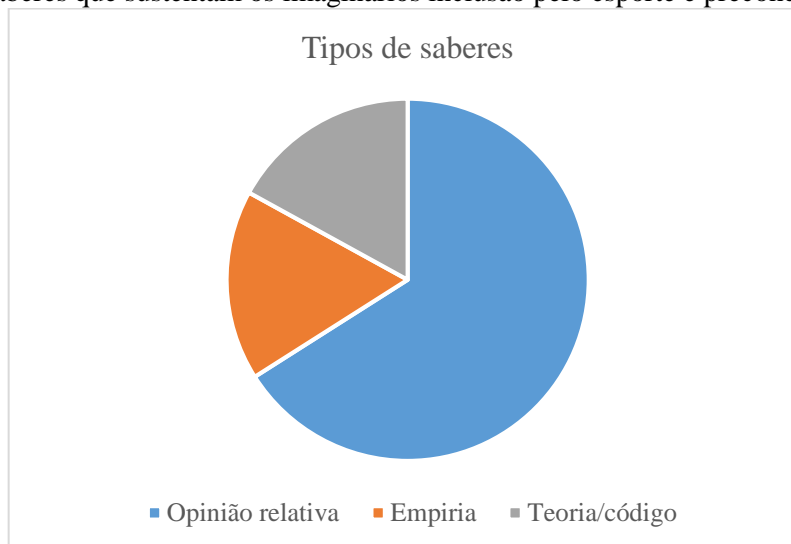
Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

A partir do gráfico 7 notamos que, no material analisado, os imaginários relacionados à inclusão pelo esporte e ao preconceito no futebol aparecem, na maior parte das vezes, 60%, em dizeres imputados às fontes mulheres: Fatma Samoura, secretária geral da FIFA (ESPN, 2017f) e Marta, capitã da seleção brasileira de futebol feminino (ESPN, 2017l). Em apenas um caso, 40%, o imaginário emerge duas vezes no dizer atribuído a um homem: Dani Rodrigo, treinador do AEM de Lleida (ESPN, 2017h).

Nesse escopo, percebemos novamente, como na maior parte do *corpus* analisado, que as fontes são institucionais. Desse modo, observamos que as mulheres, apesar de serem a maioria das fontes, são sempre convocadas da posição institucional, a partir do cargo que ocupam e não por serem mulheres. Isso representa que as mulheres, apesar de ter um espaço de fala no futebol feminino, condicionam seu dizer de certo modo à instituição que representam. Ao afirmarem, por exemplo, a partir de uma posição institucional, que o futebol é um esporte que integra diferentes pessoas, acabam escondendo o preconceito que ainda permeia a relação da mulher com o futebol no Brasil. Logo, a imprensa e de modo específico a ESPN, não aparecem como militantes da mulher futebolista no futebol, uma vez que não cedem espaço de fala às jogadoras, personagens principais do jogo. A imprensa poderia reequilibrar o jogo de forças cedendo espaço para essas protagonistas, o que percebemos que não tem ocorrido. Muito da relação da mulher com o futebol através da imprensa, como vimos no capítulo anterior, está atrelada ao futebol ainda ser um espaço masculinizado onde desde a infância as mulheres não são incentivadas, como os homens são a aproximar-se da prática futebolística. Pelo contrário, são incitadas a não praticarem diante de justificativas físicas ou biológicas. Logo, esses imaginários de quebra de tabus da mulher no futebol demonstram que,

como debatemos no capítulo 2, o que ocorre com a mulher no futebol através da imprensa continua sendo uma reverberação da sociedade, ao mesmo tempo, que pela própria característica de centralidade da imprensa na sociedade contemporânea, se reflete nas relações sociais e tende a influenciar a modalidade como um todo.

Gráfico 8. Saberes que sustentam os imaginários inclusão pelo esporte e preconceito no futebol



Fonte: Dados do estudo elaborados pelo autor.

Já o gráfico 8 apresenta os saberes utilizados como estratégia para sustentar os imaginários de quebra de paradigmas no futebol. A partir desse aspecto, percebemos que a maior parte dos imaginários relacionados a esse universo, 66%, é baseada em opiniões relativas, pessoais do orador, logo não podem ser confirmadas. Em apenas um caso, 17% do total, a estratégia utilizada foi conciliar uma opinião relativa com um saber de conhecimento do tipo teoria: o fato de que uma mulher assumiu, pela primeira vez na história, o comando da seleção brasileira de futebol feminino. No entanto, mesmo este fato não se confirmou, pois como discutido no capítulo 2, após 10 meses no cargo a treinadora foi dispensada e novamente um homem assumiu o comando técnico da seleção. Em outro caso específico, que representa também 17% da incidência total, o imaginário foi alicerçado em um saber de conhecimento do tipo empiria, relacionado ao preconceito vivenciado pela equipe feminina do AEM de Lleida ao disputar e vencer um torneio contra equipes masculinas.

O preconceito vivenciado pela mulher no meio futebolístico onde sua participação ainda é vista como um tabu a nosso ver reflete, como vimos em Butler (2003), os padrões de uma sociedade heteronormativa onde os sujeitos que escapam dos modelos normalizadores de mulher como as praticantes do futebol feminino tendem a ser excluídos e classificados discursivamente. Assim, romper essa normatização social é tido como a quebra de um tabu

como notamos em parte dos imaginários do *corpus*. Ao assumir os padrões da heteronormatividade, a ESPN tende a colocar o futebol feminino em segundo plano, uma vez que dentro dessa padronização idealizada somente os homens são aptos a praticarem esportes tidos como violentos como o futebol. Por isso, de modo geral, notamos que parte dos imaginários que encontramos no *corpus* de análise referem-se ao preconceito sofrido pela mulher ou ao desenvolvimento do futebol feminino, por exemplo, do que questões referentes ao jogo propriamente dito.

No conjunto destes imaginários, é interessante notar que apesar da grande incidência de ambos no corpus de análise são de certa forma opostos: enquanto alguns apontam para o esporte como um espaço de inclusão entre as pessoas (ESPN, 2017f; ESPN, 2017l) outros demonstram que essa inclusão pelo esporte não se confirma com as mulheres no futebol (ESPN, 2017h), que ainda tem sua vida esportiva permeado por preconceitos diversos. Isso demonstra que o campo esportivo do futebol feminino ainda é influenciado pelo campo social, e ambos se complementam ao mesmo tempo em que se confundem. Ao levantar o imaginário de inclusão pelo esporte, automaticamente admite-se que essa inclusão não ocorre com as mulheres que ainda hoje não tem o protagonismo no meio futebolístico. Da mesma forma, ao suscitar o combate ao preconceito, admite-se que o preconceito ainda permeia a relação da mulher com o futebol. No futebol masculino, ao contrário do feminino, isso não ocorre, pois há uma naturalização da relação do homem com o futebol e os que tendem a ser excluídos são os que não praticam ou não são adeptos do esporte.

Os imaginários mais preponderantes sobre o futebol feminino no *corpus* de análise: desenvolvimento da modalidade, inclusão pelo esporte e preconceito no futebol feminino, nos apontam para um cenário do futebol feminino no Brasil onde a mulher futebolista não é valorizada como atleta e pelo contrário, é excluída da prática esportiva tendo que lidar com diferentes preconceitos ao adentrar esse espaço. Isso se reflete na evolução da modalidade no Brasil que, como debatemos no capítulo 2, ainda carece de investimento e profissionalização. Tais imaginários estão articulados na medida em que instauram uma base de argumentação que nos leva a compreender que o futebol feminino no Brasil ainda precisa evoluir em diferentes aspectos: iniciando pela transformação da relação social da mulher com o futebol para que seja possível estruturar e desenvolver a modalidade. Compreendemos isso como um processo histórico pois desnaturalizar ou impulsionar algo que foi imposto ou desestimulado ao longo de mais um século requer tempo e, somente com a atuação em conjunto da sociedade, incluindo a imprensa, isso pode ocorrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central de nossa pesquisa foi analisar os imaginários sociodiscursivos sobre o futebol feminino projetados por fontes jornalísticas presentes nas notícias sobre o futebol feminino veiculadas na imprensa especializada brasileira, especificamente no site ESPN. Em suma, notamos que os imaginários sociodiscursivos acerca do futebol feminino projetados pelas fontes no site ESPN estão, de certo modo, relacionados a uma falta de apoio, estruturação e investimento à modalidade no Brasil. Esses são os principais imaginários sobre os quais a maior parte dos outros giram em torno: quando não falam sobre o preconceito contra a mulher que joga futebol ou do descaso com a modalidade, falam sobre a necessidade de mais investimento ou sobre a possibilidade de mais mulheres envolvidas no esporte.

Outro objetivo foi debater os processos sociodiscursivos relacionados aos imaginários sociodiscursivos projetados pela imprensa especializada brasileira sobre o futebol feminino. Assim, percebemos que todos esses imaginários como o de caráter inclusivo do esporte, o de investimento na modalidade, o de preconceito no esporte, o de um tratamento igualitário entre gêneros, e o de combate à violência de gênero e ao assédio moral no esporte, por exemplo, estão ligados à relação da mulher com o futebol no Brasil ao longo do tempo, onde ela foi, por décadas, através de leis, proibida de praticar o futebol sob justificativas físicas e biológicas. No Brasil, de modo geral, desde a infância mulheres não são incentivadas a praticarem o futebol, pelo contrário, são incitadas a não o fazerem sob as mesmas justificativas físicas e biológicas que décadas atrás culminaram na proibição da prática do futebol pelas mulheres. Sugerimos que tais fatores são preponderantes para o surgimento dos imaginários sociodiscursivos que identificamos no discurso da imprensa.

Por fim, ainda nos propomos a analisar como estes discursos influenciam na prática do futebol feminino em si. Sabemos que determinado saber ao adentrar uma mídia segmentada e com um público consolidado como o site ESPN, são amplificados e vão penetrar na sociedade de modos distintos. Pela própria característica de um veículo de notícias esportivas, esses imaginários projetados no site ESPN não têm poder de alcançar toda a sociedade, mas tendem a se consolidar em seu público específico como verdadeiros e, assim, influenciar na visão social deste público acerca da modalidade. Como já pontuamos, a imprensa é apenas mais um local para observamos a vida social como um todo. Logo, sugerimos que o cenário que identificamos de descaso e desrespeito com o futebol feminino de modo geral pela sociedade, é reforçado pela imprensa ao reverberar imaginários como o preconceito, a falta de apoio e a necessidade de investimento na modalidade por exemplo. O que propende a auxiliar no

afastamento das mulheres da prática esportiva, uma vez que a imprensa se coloca como central na vida cotidiana contemporânea, ao reverberar esse cenário descrito acabam influenciando na não consolidação da modalidade, ao contrário do que ocorrera com o futebol masculino.

Assim, aventamos que a primeira hipótese lançada inicialmente de que a mulher ainda encontra dificuldades para se consolidar no futebol no Brasil, reflexo do tratamento social para com as mulheres que tendem a se reproduzir na modalidade esportiva, acaba por se confirmar. É o que percebemos através dos imaginários como o preconceito, a violência de gênero e o assédio moral com as mulheres futebolistas ou da necessidade de investimento na modalidade para que cada vez mais mulheres assumam o protagonismo no esporte.

A segunda hipótese lançada inicialmente: de que mesmo que no futebol feminino as mulheres sejam as personagens principais, nem sempre elas possuem protagonismo na cobertura realizada pela ESPN, se confirma em partes. Isso porque, como percebemos, apenas 50% das fontes do *corpus* de análise são mulheres, número baixo visto que elas são as protagonistas do jogo. Percebemos ainda o silenciamento das jogadoras, personagens principais do jogo no futebol feminino que em geral não são consultadas para falar sobre o tema, ao contrário do que ocorre no futebol masculino onde os atletas são os destaques na imprensa especializada. Notamos que as mulheres que aparecem como fontes de informação, na maioria das vezes são convocadas a falar a partir da posição institucional que ocupam e de sua proximidade com o fato. Portanto, mesmo que na maior parte das vezes as mulheres arregimentem seus dizeres em saberes de crença do tipo opinião relativa, estão a serviço da entidade que representam e a emissão de opinião pessoal está de certo modo ligada à posição institucional que desempenha naquele momento.

Nesse contexto, os imaginários suscitados pelas fontes nas matérias do site ESPN nos levam a formas de apreensão do mundo como: o futebol feminino não tem estrutura adequada ao desenvolvimento do potencial futebolístico das mulheres; carece de investimento de uma forma geral; e que as mulheres que jogam futebol enfrentam diversas dificuldades. Baseados em sua maior parte em saberes de crença, os imaginários sociodiscursivos projetados nas falas das fontes indicam também a esperança de um futuro melhor para a modalidade, o que é reforçado pelas emoções projetadas no discurso. Essa representação indica que o futebol feminino no Brasil não se encontra no mesmo estágio de evolução que o futebol masculino. Enquanto no masculino, a imprensa privilegia questões do jogo: os gols, os passes, as jogadas. No futebol feminino, questões externas como o tratamento social das jogadoras, o investimento nas categorias de base ou o investimento financeiro na modalidade, por

exemplo, tem se sobreposto a debates do jogo em si na imprensa. A própria aceitação social do futebol feminino está relacionada a questões exteriores ao campo de jogo como as normatizações sociais que marginalizam a mulher futebolista. Isso demonstra que, antes mesmo da evolução do futebol praticado pelas mulheres, é necessário debater, investir e transformar seu entorno. Ou seja, o próprio desenvolvimento do jogo pelas mulheres, para torná-lo mais atraente comercialmente como sugerem os críticos aos investimentos na modalidade, perpassa por questões exteriores ao campo.

Os imaginários mais preponderantes que identificamos no corpus de análise demonstram que o futebol feminino no Brasil ainda é uma prática marginalizada, onde a modalidade e suas praticantes são excluídas dos debates sociais e jornalísticos. Logo, tanto o futebol feminino quanto o tratamento da imprensa sobre a modalidade repercutem a estrutura de violência: simbólica, relacionada à imposição de sentidos sobre o que é ser mulher na sociedade; e sistêmica, relacionado as exigências do sistema social impostas ao ser mulher no dia a dia. Na violência simbólica a repressão é disfarçada pela legitimidade das relações que visam assegurar a hegemonia dominante, no caso a hegemonia heteronormativa como percebemos no conjunto dos imaginários que identificamos. A violência simbólica é inerente à sociedade heteronormativa, onde só são considerados homens ou mulheres os sujeitos que se encaixam nos padrões sociais determinados. Logo, a violência simbólica contra a mulher – determinação de sentidos sobre o ser mulher – é o que permite e desencadeia a violência sistêmica contra as praticantes do futebol feminino – restrições sociais, através de leis, sobre a prática esportiva pelas mulheres. Identificamos, portanto que esse ciclo de violência social se reflete e é refletido nas diversas práticas sociais tal como o jornalismo e o futebol.

De acordo com o que vimos, o site ESPN seleciona fontes primárias, que tem relação com o acontecimento noticiado, pois são legitimadas e dotadas de credibilidade socialmente. Essas fontes em sua maioria são institucionais e, uma vez que toda pessoa que representa uma entidade ou uma marca, por exemplo, desempenha um papel social importante, ao trazê-las para o jornal, automaticamente cria-se uma maior amplitude nos efeitos de veracidade projetados pelo veículo. Toda essa estratégia de construção: seleção de fontes primárias, incitando, por exemplo, o *pathos* de esperança que projeta um estado emocional de expectativa da ocorrência de coisas boas como a inclusão da mulher no futebol, surge no sentido de criar um bom ambiente para que se arregimentem os imaginários sociodiscursivos. No entanto, se gera expectativa automaticamente ela não existe socialmente, pois está em processo de construção ou não existe, reconhecendo então a obliteração social da mulher.

Muitas vezes, essa expectativa não é confirmada e a transformação do cenário observado inicialmente de exclusão da mulher que joga futebol no Brasil acaba por não se comprovar.

A presente pesquisa, ao mesmo tempo em que busca preencher um espaço de debate acadêmico, abre um novo campo de discussão social entre a análise do discurso e o futebol feminino, questionando a construção de sentido social em torno do futebol feminino. Sabemos que não podemos dar conta da totalidade da cobertura do discurso jornalístico sobre o futebol feminino, nem é nossa pretensão. No entanto, ao trazermos o debate sobre um tema marginalizado socialmente e academicamente, inauguramos um novo campo de debate e damos visibilidade à temática do futebol feminino.

Como método de análise, utilizamos a Teoria Semiolingüística (TS) Charaudeana. Ao fim do processo, percebemos que a metodologia proposta auxiliou na obtenção dos resultados pretendidos. No entanto, durante o percurso nos deparamos com alguns obstáculos como a falta de um método específico para análise de fontes jornalísticas na TS. Uma vez que nossa pretensão foi estudar os imaginários sociodiscursivos que emergem no dizer imputado às fontes jornalísticas, necessitamos de uma metodologia para estudar as vozes do sujeito, o que não é contemplado na TS. Para isso recorremos a taxonomia proposta por Schmitz (2010) sobre as fontes da imprensa. O que nos auxiliou e deu substância para analisarmos os imaginários. Deixando claro que tal recorte diante da metodologia proposta é apenas um olhar a partir do qual buscamos compreender os sentidos no texto.

Nossa pretensão foi analisar a relação discursiva entre imprensa e futebol feminino em notícias de um meio de comunicação especializado e representativo do país. No entanto, não significa que tal representação é a do futebol feminino como um todo na imprensa brasileira, mas sim de um modo geral dentro do contexto específico. Cabe notar que o *corpus* foi selecionado em meio à escassez de notícias e reportagens sobre a temática do futebol feminino na imprensa brasileira, condição esta que se reflete também na ESPN. Após pesquisa em outros sites de notícias esportivas especializadas, apenas a ESPN apresentou um contingente de matérias sobre a temática que permitiu uma análise mais aprofundada. No entanto, como notado empiricamente nos últimos meses, o veículo não tem dado a mesma atenção ao futebol feminino e notícias sobre o tema estão cada vez mais raras no site. Essa restrição temática significa que, mesmo não abrangendo a totalidade do discurso jornalístico sobre o tema, podemos observar a representação do futebol feminino através da linguagem na imprensa brasileira e como isso está ligado ao seu desenvolvimento no país.

Acreditamos que, a partir desse primeiro ponto de articulação entre futebol feminino, análise do discurso (AD) e imprensa, outros estudos e debates sobre o tema podem se

desenrolar no campo da AD e da comunicação. Dentro da própria teoria semiolinguística charaudeana, em sua dimensão discursiva, demais aspectos podem ser explorados como o *ethos* e o *pathos*, por exemplo. No tocante ao proposto inicialmente, consideramo-nos satisfeitos pelos resultados obtidos uma vez que a pesquisa foi realizada a nível de mestrado. Em uma pesquisa futura, como pensamos em um primeiro momento este trabalho, podemos comparar o cenário discursivo-jornalístico do futebol feminino no Brasil com o de outros países como Portugal, por exemplo, onde as mulheres que praticam futebol enfrentam dificuldades parecidas com as do Brasil. Ou ainda, tomar os resultados obtidos na pesquisa como ponto de partida para estudos posteriores como por exemplo analisar o preconceito ou a violência simbólica para com as mulheres futebolistas brasileiras presentes no discurso jornalístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, C. S. **Boas de bola**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis (SC), 2013.
- BALARDIN, G. F.; VOSER, R. C.; DUARTE JÚNIOR, M.A.S.; MAZO, J.Z. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v. 10. n. 36. p. 101-109. Jan./Fev./Mar./Abril. 2018.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. São Paulo (SP): Papirus Editora, 1998.
- BRAUNNER, E. **Entre as quatro linhas**: da crônica sobre o futebol ao colunismo esportivo ou da profissionalização do futebol e do cronista. Porto Alegre (RS): UFRGS, 2010.
- BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão**: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P.; PASSERON J. **A reprodução**. 7a ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2014.
- BUSSO, G. L.; DAOLIO, J. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 69-86, jan./mar. 2011.
- BUTLER, J. P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad: Renato Aguiar – Civilização, Rio de Janeiro, 2003.
- CAMINHA, I. O.; TEIXEIRA, F. L. S. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.
- CAPRARO, A. M.; CHAVES, A. O Futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. 2007.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CASTORIADIS, C. **Encruzilhadas do labirinto V**. Rio de Janeiro: Paz & Terra; DP&A, 1998.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO I. L.(org.). **As emoções no discurso**. Campinas (SP): Mercado Letras, 2007.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (org.) **Da língua ao discurso**: reflexões para o ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, P. Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos. In: **Revista Signos**, v. 43. Valparaíso (SP): PUC, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. Tradução de Fabiana Komensu. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2016

DARIDO, S. C. **Futebol feminino no Brasil**: do seu início à prática pedagógica. Motriz, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, dez. 2002.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Edições Graal, 1988.

FRANÇA, V. V. O objeto da comunicação / Comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328. 2005.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física Esportiva**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./ jun. 2005.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LIMA, V. A. de. **Mídia**: Crise Política e Poder no Brasil. São Paulo (SP): Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Revista pensar a prática**, UFG, v. 10, n. 1, 2007.

MARQUES, Â. C. S. **Os meios de comunicação na esfera pública**: novas perspectivas para as articulações entre diferentes arenas e atores. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2008.

MEDEIROS, A. G. A., SANTOS, D. S. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 1, p. 185-196. Jan./Mar. 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, 2005. p. 73-86.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, páginas 11-68, 2007.

OLIVEIRA, S. **Futebol Feminino no Brasil – A História**. Última divisão: 2011; <http://www.ultimadivisao.com.br/futebol-feminino-no-brasil-a-historia/>> Acessado em 01 de dezembro de 2016.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET F.; HAK, T. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-158.

REIS, F. P. G.; ARRUDA, I. E. A. Uma história do futebol feminino brasileiro: superando preconceitos. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 16, Nº 163, dezembro de 2011.

REIS, H.; SOUZA JÚNIOR, O. Discursos hegemônicos e representações sociais do futebol. In: **36º encontro anual da ANPOCS - GT09 – Esporte e Sociedade**, 2012. Disponível em : <<http://www.anpocs.org/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt09-2/7942-discursos-hegemonicos-e-representacoes-sociais-do-futebol-feminino-no-brasil/file>>. Acessado em 02 de janeiro de 2017.

SILVA, M. R. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SALVINI, L.; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JÚNIOR, W. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990 – 2010). **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 17, n. 4, dez. 2014. ISSN 1980-6183.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Editora Cultrix, 1995.

SCHMITZ, A A. **Classificação das fontes de notícias**. Biblioteca On- line de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

STEINBERGER, M. B. **Discursos geopolíticos da mídia**. São Paulo: FAPESP, EDUC, CORTEZ, 2005.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5ª. edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

ZIZEK, S. **Violência**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Sites acessados:

www.espn.com.br

www.brasilelpais.com

www.fifa.com

www.cbf.com

www.conmebol.com